«VOTO AOS JOVENS» — UM ARTIGO DE ARMANDO BACELAR NA 3.ª PÁGINA

Diário de Lisboa

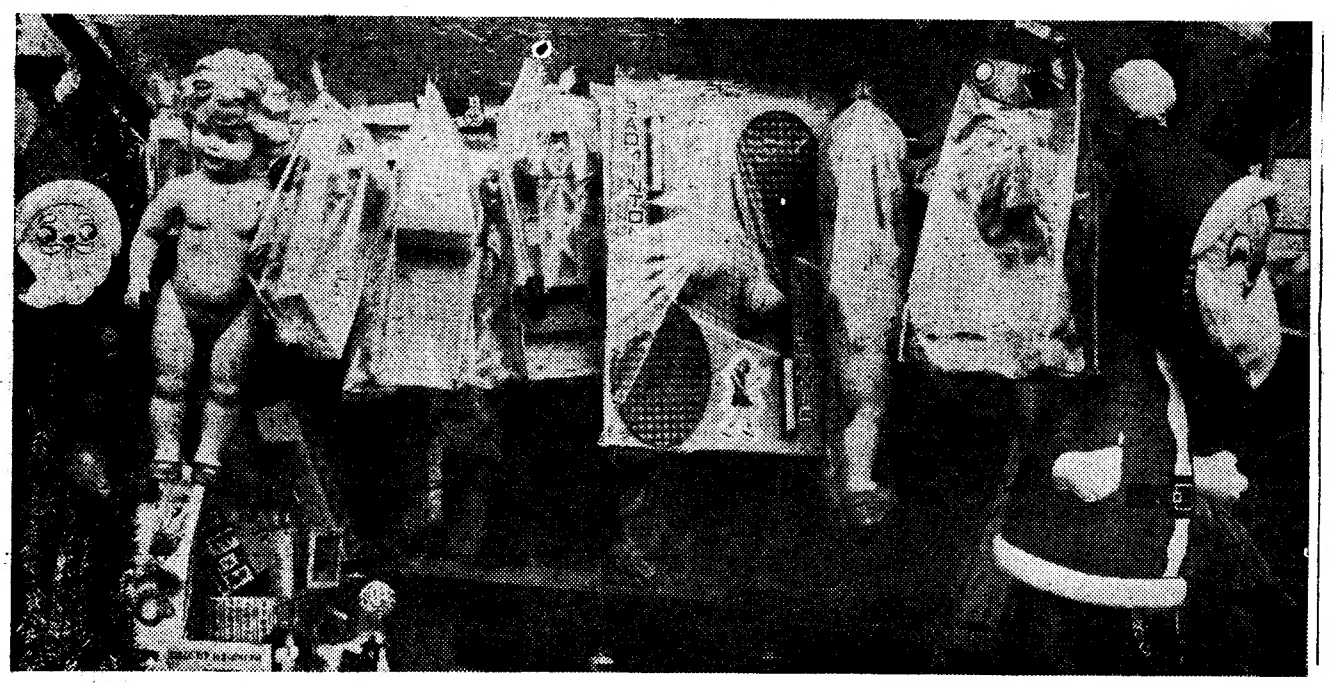
FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

QUINTA-FEIRA, 19 DE DEZEMBRO DE 1968 N.º 16 524 ANO 48.º UM ESCUDO

ESPECTACULAR SORTEIO DE 20 AUTOMÓVEIS OPEL

Concurso PHILIPS

TRIUNFO DA TÉCNICA



LIBERTAÇÃO DE PRISIONEIROS PELA F. N. L.

SAIGÃO, 19 — (R.) — O Vietcong ofereceu-se hoje para libertar três prisioneiros americanos no dia de Natal, perto da fronteira do Cambodja, como um gesto de boa-vontade, se as forças dos Estados Unidos prometessem suspender a luta nessa área durante esse dia.

A Rádio do Vietcong disse que os três homens seriam libertados como um gesto de boa-vontade do povo vietnamiano para com o povo americano e para assinalar o oitavo aniversário, que passa amanhã, da fundação da F. N. L.

A emissora declarou que os três prisioneiros americanos seriam levados para o posto do Sétimo Quilómetro, no Rio Vam Vo Dong, que passa através da província de Tay Ninh, perto da fronteira cambodjana.

Um informador militar americano declarou que não podia fazer imediatamente qualquer comentário acerca da oferta do Vietcong.

Sonhos de plástico

Pendurados, como uvas douradas num caramanchão, centenas de sonhos de plástico oferecem-se, na Praça de Camões, aos olhos cobiçosos das crianças. São brinquedos das mais diversos formas e feitios, muitos dos quais ajudarão a tornar mais alegre a noite de Natal que se aproxima. **(Ler na 2.ª página)**

Tempo favorável para o voo lunar

CAPE KENNEDY (FLORIDA), 18 — (A. N. I.) — Os serviços meteorológicos prevêm para a largada da «Apolo-8», marcada para sábado, condições de tempo satisfatórias.

Os preparativos para a espectacular final de um dos anos de mais êxitos em realizações espaciais dos Estados Unidos estão a decorrer tão bem que a contagem decrescente para a «Apolo-8» está a processar-se mesmo um pouco adiantada em relação ao pro-

O céu deve estar nublado, á hora do lançamento da «Apolo-8» no sábado (12 horas e 51 minutos T. M. G.), mas as condições podem servir, com ventos suaves e boa temperatura.

Também se prevê que o tempo seja bom nas áreas de amaragem de emergência, tanto no Atlântico como no Pacífico.

A MAIOR AVENTURA

A esposa de Lovell, Marilyn, e os quatro filhos do casal vêm de Houston, num avião particular, para se juntarem aos milhares de outras pessoas que assistirão ao início da maior aventura do homem no espaço.

Susan Borman e Valerie Anders permanecerão em Houston, nos seus lares, para observarem o lançmaento pela televisão. O casal Borman tem dois filhos e o casal Anders tem cinco.

Os três astronautas passaram a maior parte do dia

(Continua na 18.ª página)

O NATAL visto pelas crianças

As reuniões do juri plástico têm de efectuar-se, num primeiro momento, e dado o grande numero de trabalhos através de grupos parcelares

Os júris das modalidades literária e artística de «O Natal visto pelas crianças» voltaram a reunir-se, prosseguindo na apreciação das dezenas de milhares — cerca de trinta mil — de trabalhos apresentados a con-

(Continua na 12.ª página)

Os novos poderes não devem preocupar o povo do Brasil

—diz Costa e Silva

RIO DE JANEIRO, 19. — (R.). — O presidente Artur da Costa e Silva aludiu a noite passada a um «drama de consciência» antes de tomar a sua decisão para assumir novos poderes esmagadores na sexta-feira passada.

Contudo, disse ainda a of-

(Continua na 18.ª página)

A BANDEIRA ALEMÃ ORIENTAL SERÁ HASTEADA EM MUNIQUE DURANTE OS JOGOS OLÍMPICOS

BONN, 19 — (A. N. I.) — O Governo da Republica Federal Alemã anunciou que permitirá que nos Jogos Olímpicos a realizar em Munique, no ano de 1972, seja hasteada a bandeira da Republica de Pankov e executado o seu hino.

A Alemanha Federal não reconhece a Republica de Pankov como Estado soberano nem permite que os seus símbolos sejam exibidos em território ocidental. Mas uma das condições impostas pelo Comité Olímpico Internacional para que a realização das olimpíadas em Munique foi de que fossem prestadas todas as honras inerentes a cada um dos participantes.

Em 1966, a delegação da Republica Federal que negociou a candidatura de Munique á organização dos Jogos de 1972, tinha concordado que as equipas das duas Alemanhas, embora completamente separadas, deveriam apresentar-se sob uma bandeira comum e com um hino comum: uma melodia de Beethoven. Todavia, durante os Jogos Olímpicos do México, o Comité Internacional decidiu que a República de Penkov tivesse direito ao seu hino próprio e á sua bandeira.

R. T. P.: 2.º PROGRAMA NO DIA 25

Segundo informa a Radiotelevisão Portuguesa, o anunciado 2.º programa começa a funcionar no próximo dia 25, ás 21 e 30. Não se sabe ainda qual o tempo de duração da emissão nem quais os programas que nela serão apresentados.

HOJE 40 PÁGINAS
VISADO PELA CENSURA

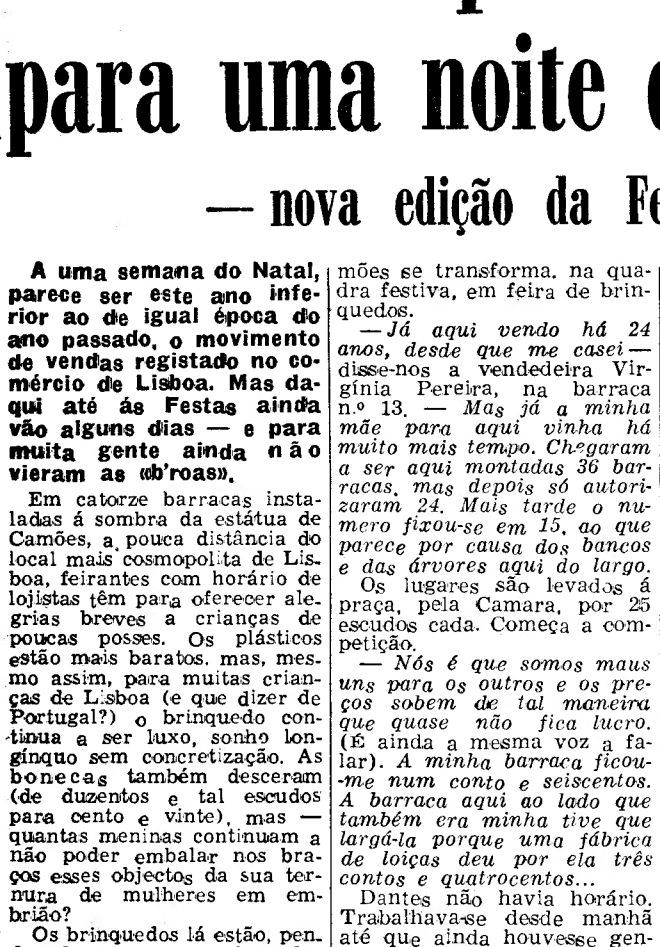
Sonhos de plástico para uma noite de Natal

— nova edição da Feira do Camões

A uma semana do Natal, parece ser este ano inferior ao de igual época do ano passado, o movimento de vendas registado no comércio de Lisboa. Mas daqui até ás Festas ainda vão alguns dias — e para muita gente ainda não vieram as «b'roas».

Em catorze barracas instaladas á sombra da estátua de Camões, a pouca distância do local mais cosmopolita de Lisboa, feirantes com horário de lojistas têm para oferecer alegrias breves a crianças de poucas posses. Os plásticos estão mais baratos, mas, mesmo assim, para muitas crianças de Lisboa (e que dizer de Portugal?) o brinquedo continua a ser luxo, sonho longínquo sem concretização. As bonecas também desceram (de duzentos e tal escudos para cento e vinte), mas — quantas meninas continuam a não poder embalar nos braços esses objectos da sua ternura de mulheres em embrião?

Os brinquedos lá estão, pendurados como uvas douradas num caramanchão. Passam olhares infantis e ficam presos aos comboios, aos automóveis, ás ambulâncias, ás bonecas de olhos eternamente abertos aos tréns de cozinha.



Parecia mesmo de carne e osso a boneca que a criança cobiçou. Afinal, foi só para a fotografia

Às vezes, as mãos pequeninas estendem-se para um desses sonhos humildes e um adulto (pai, mãe, madrinha...) troca-o por dinheiro. Mas também há quem aproveite o mais barato e o «vista» depois com papel de embrulho vistoso e laços de fitas coloridas, a sugerir prenda comprada em loja fina. O importante é o laço...

Há muitos anos que o Camões se transforma, na quadra festiva, em feira de brinquedos.

— *Já aqui vendo há 24 anos, desde que me casei* — disse-nos a vendedeira Virgínia Pereira, na barraca n.º 13. — *Mas já a minha mãe para aqui vinha há muito mais tempo. Chegaram a ser aqui montadas 36 barracas, mas depois só autorizaram 24. Mais tarde o numero fixou-se em 15, ao que parece por causa dos bancos e das árvores aqui do largo.*

Os lugares são levados á praça, pela Camara, por 25 escudos cada. Começa a competição.

— *Nós é que somos maus uns para os outros e os preços sobem de tal maneira que quase não fica lucro.* (É ainda a mesma voz a falar). *A minha barraca ficou-me num conto e seiscentos. A barraca aqui ao lado que também era minha tive que largá-la porque uma fábrica de loiças deu por ela três contos e quatrocentos...*

Dantes não havia horário. Trabalhava-se desde manhã até que ainda houvesse gente nas ruas, trazida pelo chamariz das iluminações, ali ao pé. Mas há cinco anos, foi imposto um horário e o fecho ao domingo, dando razão aos protestos do comércio especializado congénere, que considerava a concorrência como desleal.

— *Mas não têm razão.* — observou um vendedor — *As pessoas que vêm aqui não vão ás grandes lojas e as que lá vão também não vêm aqui. Querem coisa mais fina e isso não podemos nós dar-lhes...*

O estabelecimento do horário veio também proibir a venda no dia de Natal.

— *Nesse dia é que nós vendiamos mais* — torna a nossa primeira interlocutora. — *Mais, muito mais do que na véspera. Que se há-de fazer? Olhe, o que eu vou fazer, logo que acabe esta quadra são os meus quatro mil cravinhos para vender no Santo António...*

Na manhã chuvosa, são raros os transeuntes que se chegam ás barracas. Abandonados, lá ficam numa delas, os Magos, as Nossas Senhoras, os São Josés (por sete e quinhentos), galinhas, ovelhas, patos (a dez tostões), cabanas (vinte escudos), e sacos de musgo — tudo para construir presépios. E mais abaixo, diante de outra «loja», carros de pedais á espera de quem neles se sinta um condutor a sério. Sonhos de plástico, enfim, para embalar uma noite de Natal que se aproxima.

Além dos brinquedos de plástico há os sempre desejados triciclos e os automóveis a pedais

DE ONTEM PARA HOJE

OS VENTOS DA HISTÓRIA

Os ventos da História foram evocados ontem pelo sr. Alfredo José de Meloxa na romagem, missas, cortejos de protesto que todos os anos têm assinalado o dia em que a União Indiana invadiu Goa, no ano de 1961. Os ventos da História, quando os homens os não sabem dirigir e aproveitar, tornam-se implacáveis para os que querem contrariar o seu rumo. São como os cursos de água que ninguém consegue deter, a não ser com inteligência e técnica; e neste caso até podem iluminar e abeberar as regiões por onde passam. Disse depois o orador, nas comemorações de ontem que «a História ensina-nos que só os povos subjugados procuram libertar-se dos que os escravizam. Quem manda na sua terra, quem consegue ser tudo nela, não se importava de ter parceiros nos lugares de comando, mesmo quando estes eram de fora». E depois: «Um povo como o português, uma Nação que soube transformar em ocidental, totalmente ocidental, o asiático e o africano que a ele se chegaram, não pode ser atingido pelos chamados ventos da História». Há que sabê-los orientar, adaptar-se, ser do nosso tempo e não restringir as liberdades essenciais que tais ventos precisam de se sentir á solta ainda quando bem orientados e aproveitar-lhes o impulso. Depois daquele antigo director dos Serviços de Fazenda e Contabilidade do Estado Português da Índia, foi o rev. Silva Rego que acentuou a funda dor que feriu toda a Nação e que sangra ainda, e o sr. ministro do Ultramar que disse que «a agressão contra Goa não é esquecida nem perdoada».

O bispo de Telepte celebrou missa na Igreja dos Jerónimos tendo assistido muitos deputados, funcionários superiores e elementos vários ligados á vida portuguesa na Índia até a invasão. Depois houve o cortejo nos claustros dos Jerónimos, não se tendo podido verificar ao ar livre por o tempo o não permitir.

DESCARRILAMENTO

Na linha de Viana do Castelo a Monção descarrilou, ontem, uma automotora. O acidente verificou-se perto da estação de Caminha, porque uma árvore derrubada pelo vento se atravessara na via. O condutor não teve tempo de parar. Ficou obstruída a circulação dos comboios, fazendo-se o transporte com trasbordo.

TÁBUA RASA

O círculo de convívio artístico e literário Tábua Rasa elegeu, ontem, á noite, seu presidente de honra o prof. Hernani Cidade. Membros da comissão delegada foram eleitos os srs. comendador Julio Navarro Cabral, dr. Luís Moitinho de Almeida, D. Manuela Montenegro, D. Maria Amélia Cid, dr. Francisco do Couto Santos, D. Maria Pimentel Montenegro e coronel Luís A. de Santana; e para seus substitutos os srs. dr. Luís de Oliveira Guimarães, D. Maria Helena, D. Maria Adelaide de Basto Leal, dr. António de Sousa, eng.º Maurício dos Santos, Fernando Leiro e dr. Francisco Presas.

NO FORTE DE CATALAZETE

No Centro de Férias do Forte de Catalazete, em Oeiras, pertencente á Mocidade Portuguesa, houve, ontem, á noite, uma explosão seguida de incêndio. A explosão foi devida a gás butano. Ficaram feridos os srs. Joaquim Ribeiro, de 30 anos servente e jardineiro, o guarda sr. José Romão Rocha Junior e mais duas pessoas, que foram levadas ao Hospital de S. José, sem que seja grave o seu estado.

PALÁCIO DE BELÉM

O sr. Presidente da República recebeu, no Palácio Nacional de Belém, os srs. prof. eng.º Daniel Barbosa, governador do Banco de Fomento Nacional; deputado José Vicente de Abreu; general Raul Martinho, presidente dos Serviços Sociais das Forças Armadas; eng.º Álvaro Ferreira Pinto e Albano Pinto Basto; D. José Seisal e Luís C. Lupi e a sr.ª dr.ª D. Maria José de Mendonça, directora do Museu Nacional de Arte Antiga.

no Natal ofereça um disco utilizando o cheque-disco*

*o cheque-disco é a possibilidade de oferecer discos sem receio de cair em repetições. Quem o recebe é que escolhe, tendo ao seu alcance os êxitos das mais qualificadas marcas mundiais

A venda nos revendedores habituais e em VALENTIM DE CARVALHO CI SARL

COLUMBIA • PARLOPHONE • VOZ DO DONO • DECCA • CAPITOL • LONDON

VOTO AOS JOVENS

por ARMANDO BACELAR

VAI SER profundamente alterada a legislação eleitoral.

A concessão de voto às mulheres em pé de igualdade com os homens era uma actualização que se impunha. Representa uma salutar tomada de posição por parte do Governo contra a discriminação sexual num dos sectores importantes em que ela se faz sentir. Há que saudar essa iniciativa de supressão da incapacidade eleitoral que feria a mulher enquanto mulher como uma conquista democrática irreversível. Ainda quando pensemos que, de momento, a menor consciencialização do sector feminino, decorrente duma situação ancestral de marginalidade subalterna, possa jogar como factor de retardamento na tão desejável e urgente evolução das estruturas políticas nacionais.

Numa nota recente deste jornal dá-se conta doutra iniciativa, dum sr. Deputado, para apresentação de uma emenda àquela proposta, tendente a ser mantida a capacidade eleitoral dos analfabetos contribuintes que o Governo pretende abolir avisadamente, a nosso ver. Não vamos discutir aqui o problema do voto dos analfabetos que, por exemplo, num país como o Brasil já fez correr muita tinta e que, nas jovens nações independentes de África, com grandes percentagens de iletrados, é e tem de ser admitido, para evitar um grave cerceamento da cidadania. Diremos contudo que, num país de taxa de analfabetismo bem menor e em declínio rápido, não choca a sanção da recusa de voto aos analfabetos, pela acessibilidade do ensino de base e pelas distorções do sufrágio que a concessão possibilita. O que chocará sobremaneira é o critério ainda em vigor de se conceder voto aos analfabetos contribuintes e aos outros não. Esta discriminação por condições económicas e sociais não se nos afigura justificada. Porque hão-de ter voto os analfabetos contribuintes e o não hão-de ter os analfabetos trabalhadores?!

O problema que queremos focar é o da idade mínima da capacidade eleitoral. A lei fixa-a nos 21 anos (maioridade), exceptuados a emancipação e o casamento em idade inferior. Mas não seria já tempo de se encarar o abaixamento desse mínimo para os 18 anos?

Em todos os países, a começar pela conservadora Inglaterra, está a esboçar-se uma tendência nesse sentido. E uma curta notícia aqui ao lado, vinda da estável Suiça e datada de 14 do corrente, diz-nos que a vila de Payerne, no cantão de Vaud, conferiu o direito de voto aos maiores de 16 anos.

Agora que a nova lei do serviço militar, decretada na Assembleia Nacional, baixou a idade da incorporação nas forças armadas dos vinte para os dezoito anos ainda menos sentido faz que a idade mínima da capacidade eleitoral continue a ser aos vinte e um anos. Não é lógico reconhecer-se a um cidadão maturidade para ser chamado ás fileiras para arriscar a vida em Angola, em Moçambique ou na Guiné, quando ao mesmo tempo, se lhe recusa a intervenção na escolha dos representantes da comunidade que lhe define e dita essas obrigações.

Assiste-se em Portugal, como aliás em todo o Mundo, a um rejuvenescimento acentuado da população, mercê do surto explosivo da natalidade, dos aumentos da salubridade e dos níveis de vida médios, bem como de outros factores. Este fenómeno não é mais do que o resultado duma evolução universal, da acumulação das forças do progresso dos povos. Mas ele implica o que muitas vezes se esquece ou se não quer ver, quando se fala de Juventude e dos seus problemas sem a indispensável compreensão: a relevância cada vez maior dos sectores juvenis na vida das colectividades, como fenómeno irreversível á procura por toda a parte de reconhecimento e expressão institucional adequada.

O jovem pode ascender, ainda antes dos dezoito anos, à Universidade, iniciando assim os estudos mais especializados, os que exigem uma sólida base de cultura geral que deve ser fornecida pelo estudo médio. Ascende, mesmo quando penosamente, à participação na direcção da sua colectividade escolar. Aí pode eleger e ser eleito, aí impõe o respeito da sua cidadania estudantil. No sindicato sucede o mesmo, «mutatis mutandis». Sucede ou virá a suceder, quando for cumprida nos textos legais a promessa governamental de abolição da exigência de homologação das direcções sindicais eleitas. O jovem aí poderá também participar, votar e ser votado. Como se compreende a sua agregação da cidadania política geral, numa idade em que se lhe conferem as mais pesadas responsabilidades da vida adulta?

Esperemos que também esta questão crucial seja resolvida, pelo alargamento do direito de voto conferido à juventude.

As novas Universidades cubanas serão construídas perto de centros de produção

HAVANA *(Dezembro)* — Fidel Castro anunciou há dias, em Santiago de Cuba, o futuro desaparecimento da Universidade em Cuba, devido ao seu desenvolvimento. Os planos de educação prevêem de facto tal aumento do numero de estudantes que será preciso em breve resolver o problema das instalações universitárias. As exigências do desenvolvimento económico e social do país sugerem uma solução que corresponda ao mesmo tempo aos sonhos modernos da pedagogia: liquidar a Universidade actual e multiplicar os centros de estudos superiores, situando-os ao lado dos centros de trabalho.

Fidel Castro falava á juventude de Santiago por ocasião da festa organizada para a entrega dos diplomas a 450 licenciados daquela Universidade. Aproveitou a cerimónia para lançar um apelo ao povo cubano e fazer-lhe compreender a importancia fundamental da educação, que é o problema numero um de qualquer país subdesenvolvido.

Fidel Castro insistiu muito na falta de pessoal qualificado para a utilização racional dos importantes meios mecanicos de que o país dispõe agora. Ligada á próxima reforma geral dos estudos, que prevê uma escolarização obrigatória mais longa e a substituição do sétimo ano dos liceus por exames feitos nos institutos tecnológicos, a reforma da Universidade não deve ser separada da produção.

As Faculdades estarão abertas a todos, ao lado das fábricas e dos centros agrícolas. As instalações universitárias actuais serão reservadas á especialização dos licenciados. Os estudos superiores que não estiverem directamente ligados á produção, como a Medicina ou a Pedagogia, terão lugar junto de centros hospitalares e de instituições de ensino. A preparação militar estará igualmente ligada aos estudos. Respeitará a todos, rapazes e raparigas, e permitirá a abolição do serviço militar clássico. — *S. T.*

(Exclusivo «Le Monde» - -«Diário de Lisboa»)

A PROPÓSITO DE MANTEIGA

A «Reuter», em telegrama de Paris, datado de 13 do corrente mês de Dezembro, anunciava que o Governo de De Gaulle oferecerá a dois milhões e meio de franceses, meio quilo de manteiga pelo Natal. «Dar manteiga» foi sempre uma preocupação de quem quer agradar a outrem, segundo a expressão popular portuguesa — no entanto, até hoje, jamais vira ou soubera de quem quer que fizesse presente de manteiga pròpriamente dita aos que quisesse cativar, bajular. Pelo Natal, nomeadamente, os que cá pela terrinha pretendem obsequiar outra pessoa dão-lhe perus, bolos-reis, vinho do Porto, outras coisas assim simples mas requintadas, agora manteiga, a manteiguinha pastosa e amarelada que a gente conhece... não sabia. Nunca me constara. Devo, portanto, concluir que o Governo francês está na disposição de inaugurar uma época de falar claro, sem tibiézas, sem subterfugios nem equivocos politicos. O poder está interessado em «dar manteiga» aos seus governados? Pois bem, dá mesmo manteiga! *Fica, pois, muito mais à vontade para no dia seguinte (ou no mesmo dia) querendo dar cacetada nos cidadãos, dar* mesmo *cacetada, com cacete entenda-se. Sem a manteiga, a cacetada era, evidentemente possivel, mas menos moral, com mais consciência de culpa — substitui-se, assim à velha fórmula «canhões e manteigas», a nova de «cacete e manteigas». Muito embora o significado especifico de cada um destes «slogans» seja diferente e não imediatamente reconduzível, é inegável ter havido um progresso: os governos evoluiram do canhão para o cacete. A manteiga, essa permanece.*

O objectivo de amanteigar (de asfixiar em manteiga) não terá mudado, continua a ser um processo seguro de manter populações em vias de emburguesamento, medianamente enquadradas. Quando esses extractos sociais procuram mexer, levantar um braço, flectir um punho, abrir um olho, um diluvio de manteiga (mesurado — nunca há desperdícios) abate-se sobre os recalcitrantes, que são obrigados a durante um determinado (fundamental) lapso de tempo, se dedicarem exclusivamente a mastigar, ingerir, digerir e dejectar manteiga. Quando há um tipo — um tipo sempre sinistro, a avaliar pelas descrições que a Imprensa, aliás também suja de manteiga, faz dele — que consegue fugir à enxurrada de manteiga e perseverar de punho cerrado, há sempre uma cacetadazita para o encarrilar no bom caminho. Não são já precisos canhões, só uma cacetada bem medida, bem doseada, como o são, aliás, as contemplações de manteiga; o muro de manteiga encarrega-se de isolar o nosso homem do resto da população, despoletando-o. Há excepções, é evidente (há sempre Méxicos) mas são-o isso mesmo: excepções.

A manteiga tornou-se uma arma poderosissima, insidiosa, terrível — felizes mas desgraçados dos que lhe resistem, será deles o reino das trevas, porque acreditaram na luz! Darão murros na parede amassada de manteiga (mais espessa que gesso) e as mãos sangrar-lhes-ão, abundantemente, inexoràvelmente. Para sempre? Quem poderá algum dia conhecer os insondáveis designios do deus que está em cada homem, ainda que enterrado em manteiga...

SEBASTIÃO REGO

Nota do dia

LER, ESCREVER E CONTAR VOTOS

O PROBLEMA DA CAPACIDADE ELEITORAL, agora em discussão, tem aspectos que não são de decidir à primeira. O caso de dever ou não ser atribuído direito de voto aos analfabetos parece ser, de momento, o mais controvertido: no regime legal ainda vigente, mas que está a ser revisto, o saber ler e escrever não era condição essencial, suprindo-se a sua falta com a qualidade de contribuinte; a actual proposta do Governo é no sentido de retirar o voto aos analfabetos; por sua vez, a Câmara Corporativa, em parecer de que foi relator o prof. Afonso Queiró, contraria a proposta governamental, embora sugerindo solução de compromisso: que, a título transitório, é equitativo respeitar o direito de voto àqueles cidadãos iletrados que já alguma vez o tenham tido, como se fosse um «direito adquirido».

A divergência verificada entre as posições contidas na proposta do Governo e no parecer da Câmara Corporativa só pode ser tida como salutar sinal de que as instituições funcionam no sentido para que foram criadas. Por coincidência, é o Governo presidido pelo catedrático de Direito Administrativo da Universidade de Lisboa; autor do parecer da Câmara Corporativa o catedrático da mesma especialidade na Universidade de Coimbra: dois administrativistas frente a frente, cada um suportando pontos de vista diferentes.

Não é novidade uma tal divergência, de que já houvera vestígios no período liberal da Monarquia. Mas a própria República de 1910 hesitou e experimentou sucessivamente os dois sistemas: o decreto de 1911 era mais amplo, mas o código de 1913 restringiu o direito de voto nos cidadãos que soubessem ler e escrever. E os dois sistemas tiveram então defensores tão qualificados como, respectivamente, Bernardino Machado e Afonso Costa, que dizia na sua intervenção parlamentar: «A República não quer votos sem consciência (...) e assim contribui-se para a extinção do analfabetismo».

O ponto de vista expresso na actual proposta do Governo não contraria os conceitos do famoso caudilho republicano. Na verdade, se Afonso Costa entendia que a recusa de voto aos analfabetos constituía uma contribuição para atacar o analfabetismo, o projecto agora em discussão toma em linha de conta a circunstância de se considerar que as gerações sujeitas à alfabetização obrigatória estão a chegar à idade da capacidade legal e, em certa medida, a retirada desse direito funcionaria como penalidade aos que não se esforçaram por deixar de ser iletrados.

A Câmara Corporativa propõe, como se disse, uma fórmula transaccional: «Seria, porém, chocante legislar em termos de retirar de um golpe o direito de sufrágio aos que, ante a legislação em vigor, dele têm beneficiado, não obstante não possuírem os requisitos capacitários que ora se estabelecem». Parece admissível a transacção num ponto tão discutido, em que tantas dúvidas permanecem, para mais num país pequeno, com o corpo eleitoral reduzido. A questão é para dúvidas. Por isso, não parece que possa ser uma questão fechada em cujas posições alguém se lembrasse de ver uma razão de prestígio.

Frutaria COSTA

apresenta a maior variedade de Cestos e **«Corbeilles»** para brindes de **Natal** e **Ano Novo**

MARTINS & COSTA

Rua do Carmo, 41 — Telef. 30517 LISBOA

ora diga-nos...

— Corta muitas vezes o cabelo?

Há barbeiros que se queixam: «Antigamente cortava-se muito mais cabelo...» Há barbeiros que não se queixam: «Hoje corta-se muito cabelo. Cortes especiais, retoques, aizinhos, sei lá o quê...»

● *Disse-nos Leonel Rosa Pereira, aprendiz de ourives:*

— Tão aborrecido!

— Tão aborrecido o quê...?

— Cortar o cabelo.

— Sim?

— Pois. Um tipo ali sentado, sem poder jogar á bola...

— Pudera!

— Os meus pais, então, têm a mania: sou *tosquiado* duas vezes por mês.

● *Américo Jorge, empregado de escritório:*

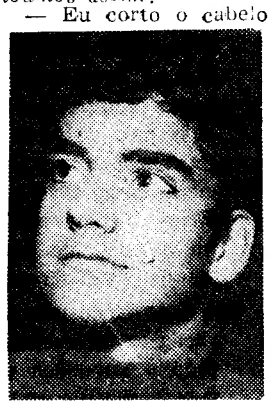
— Eu gosto do cabelo um pouquinho comprido. A tocar no colarinho... É bonito, sabe?

— E sai mais barato...

— Pois. Assim sendo, corto o cabelo de dois em dois meses. Seis vezes por ano...

● *Durval Manuel de Almeida Silva, aluno da instrução primária, falou-nos assim:*

— Eu corto o cabelo



uma vez por mês. Já fiz uma redacção sobre «O corte do cabelo». Gosto de andar sempre muito asseadinho. Até me dizem: «Tu não és dos Beatles, não...» Mas eu gosto dos Beatles, da música, do barulho. Oh lá se gosto! De cabelinho cortado, sou mesmo um diabrete! Nem calcula... Olhe, uma vez, estava eu a comer um gelado, quando vi um menino a comer amendoins. Vou daí, chego-me ao pé dele e...

Pediu a demissão o presidente da Câmara de Beja

BEJA, 19 — O presidente da Câmara Municipal desta cidade, sr. dr. Joaquim Vilhena Freire de Andrade, apresentou o pedido de demissão daquele cargo ao governador civil do distrito, sr. dr. Vieira da Silva.

O sr. dr. Freire de Andrade desempenhava aquelas funções há cerca de seis anos, tendo promovido a relização de alguns importantes melhoramentos. A sua decisão causou surpresa geral.

Ainda os «direitos de autor» a satisfazer por utilização pública dos aparelhos receptores de televisão

Com o pedido de publicação, recebemos da Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais Portugueses o seguinte esclarecimento que se segue a um outro esclarecimento da R. T. P., já arquivado nas nossas colunas:

«Em face das dúvidas suscitadas, em certos meios, em relação ao pagamento dos direitos de autor no caso da transmissão publica de programas da TV em estabelecimentos e recintos publicos, julga a Sociedade de Escritores e Compositores útil e oportuno tornar publico o esclarecimento seguinte:

1. A utilização e a exploração de qualquer obra intelectual estão sujeitas a autorização dos autores ou dos seus representantes, a qual se considera dada *a título oneroso*, e não dependem de ser exercidas com fins comerciais ou lucrativos (Código do Direito de Autor, artigos 4.º, 40.º, 61.º, 62.º e 103.º). No que se refere ao aspecto patrimonial do direito de autor, o n. 2 do artigo 61.º dispõe, mesmo, que «a garantia das vantagens pecuniárias resultantes dessa exploração constitui, no aspecto económico, *o objecto fundamental da protecção legal* que dimana do reconhecimento do direito de autor».

2. No caso concreto dos direitos de autor devidos pela difusão de obras intelectuais pela televisão e sua comunicação publica, uma disposição específica, o artigo 155.º do Código, estabelece claramente que «*dependem sempre de autorização especial do autor* ... a *radiodifusão* sonora ou *visual* ... da obra intelectual» e bem assim a sua «*comunicação a qualquer lugar publico*, por meio de qualquer instrumento que sirva para difundir os sinais, os sons ou as imagens». E o artigo 160.º precisa, no seu n.º 1, que «o autor da obra radiodifundida tem, salvo convenção expressa em contrário, *direito a retribuição*, que deverá ser estabelecida no contrato de autorização». Para execução destes preceitos legais, a Administração da Radiotelevisão Portuguesa e a S. E. C. T. P. celebraram entre si um contrato nos termos do qual esta autoriza aquela a utilizar, nos seus programas, as obras pertencentes ao repertório que administra — e que, por virtude dos contratos de representação recíproca existentes entre a Sociedade portuguesa e as suas congéneres estrangeiras, é práticamente todo o repertório mundial.

Nesse contrato se fixou o montante da retribuição devida pela radiodifusão de tais obras, especificando-se, porém, que tal retribuição «*não compreende a ulterior comunicação publica das referidas obras*».

3. Justifica-se esta ressalva. E' que o n.º 2 do artigo 160.º, depois de o n.º 1 aludir á retribuição devida ao autor da obra radiodifundida, pelo simples facto da sua radiodifusão, acrescenta que «*é devida igualmente retribuição ao autor pela execução em publico da obra radiodifundida*, por meio de aparelhos receptores televisuais». Assim, verifica-se que, além do direito a ser remunerado, que lhe advém da radiodifusão televisual da sua obra, o autor tem igualmente direito a ser remunerado quando a obra radiodifundida for executada em publico. E não se diga que se trata de uma duplicação de direitos, visto que uma e outra retribuições correspondem a *utilizações diferentes* da obra radiodifundida: no primeiro caso, a empresa concessionária da televisão paga aos autores os direitos relativos á utilização das suas obras; no segundo caso, os proprietários ou exploradores de estabelecimentos ou recintos onde essas obras são executadas em publico pagam os direitos relativos a essa execução. Aliás, o n.º 2 do artigo 62.º do Código enuncia o princípio geral de que «as diversas formas de utilização da obra intelectual são *independentes* umas das outras, e o exercício de qualquer delas pelo autor ou pela pessoa para isso autorizada, não prejudica o exercício das restantes». E, por outro lado, não pode nem deve confundir-se a execução em publico de tais obras com a sua exibição privada ou domiciliária, caso este em que, evidentemente, não há lugar a qualquer retribuição complementar. A hipótese é, em tudo, semelhante ao que acontece em matéria de disco: a autorização concedida ao editor para gravar determinada obra e vender os exemplares produzidos não lhe atribui o direito de executar em publico, radiodifundir ou transmitir por qualquer modo a obra gravada (artigo 137.º, n.º 2, do Código); nem a compra no mercado de um disco habilita o comprador a utilizá-lo para qualsquer fins de transmissão publica (artigo 143.º).

Essa outra utilização depende de autorização especial; e a ninguém ocorreria dizer que os direitos pagos pela execução ou transmissão publica da obra gravada representam uma duplicação dos direitos pagos pela respectiva gravação.

4. De resto, convém notar que a disposição do artigo 160.º, n.º 2, do Código do Direito de Autor, invocada pela S. E. C. T. P., mais não é do que a reprodução do que dispõe a Convenção de Berna no artigo 11.º *bis* do Acto de Bruxelas, que o Governo Português assinou e ratificou, e se aplica portanto nas suas relações com os países que a União de Berna engloba. Trata-se, pois, de uma exigência do direito interno E do direito internacional também, dado que a S. E. C. T. P. nunca poderia eximir-se, moral e juridicamente, ao cumprimento dos contratos de representação recíproca estabelecidos com as Sociedades estrangeiras congéneres pertencentes á Confederação Internacional das Sociedades de Escritores e Compositores. *De contrário, poderiam essas Sociedades escusar-se a distribuir aos autores portugueses os direitos que lhes coubessem pela execução em publico das suas obras televisualmente radiodifundidas nos respectivos países.*

5. Importa ainda frisar que se trata, não de uma *taxa*, mas sim — é a própria lei que em termos expressos o diz — de uma *retribuição*, de uma *remuneração* devida pela utilização publica de obra alheia, de um «salário diferido», como houve já quem definisse o direito de autor no seu aspecto patrimonial. E é evidente que, sendo essa utilização feita no interesse imediato do proprietário do respectivo estabelecimento, com o objectivo de atrair e entreter a sua clientela, a exigência do pagamento de direitos autorais, além de legal, obedece a um imperativo moral indiscutível. Com efeito, se esse proprietário não dispensa os autores de pagar o que no seu estabelecimento consumirem porque haveria de julgar-se dispensado de pagar aos autores pelo consumo das respectivas obras?!

6. A ultima observação respeita ao montante da retribuição. Porque esta deverá ser fixada por acordo entre as partes interessadas, a Sociedade de Escritores e Compositores limitou-se a pedir aos respectivos destinatários que, a fim de legalizar a situação, entrassem em contacto com os seus serviços. Quanto á importancia proposta para retribuição aos autores limita-se ela, práticamente, a um escudo diário, e menos de um escudo se o pagamento for feito logo pelo período de um ano, e metade ainda (ou, práticamente, cinquenta centavos), tratando-se de sociedades de recreio pertencentes á respectiva Federação. Seria o caso de citar o título da famosa comédia de Shakespeare: «Tanto barulho por tão pouco»! Dir-se-á que não é justo obrigar ao pagamento da mesma importancia o «dono da pequena e modesta leitaria de bairro» e o «gerente do grande e próspero recinto publico». A verdade, porém, é que tanto um como o outro (citamos como exemplo) pagou, exactamente, o mesmo preço pelo jornal que adquiriu (um escudo) sem que ninguém se lembrasse, alguma vez, de considerar essa uniformidade de pagamento uma injustiça.

Tais são, sumáriamente expostos, os fundamentos legais em que se apoia a «exigência» da Sociedade de Escritores e Compositores, porventura discutida por alguns daqueles que, desconhecendo os dados reais do problema, se esforçam por situá-lo noutros campos, confundindo, assim, a opinião publica, que esta exposição visa, afinal, esclarecer.

Não queremos finalizar esta exposição sem prestar justiça á compreensão e honestidade, não só de grande numero de proprietários de estabelecimentos que, desde logo, legalizaram a sua situação, mas de todos os outros que, diáriamente, por todo o País, estão procurando os nossos serviços com o mesmo objectivo.

SABE QUE PODE COMPRAR UMA CADEIA DE ALTA FIDELIDADE ESTEREOFÓNICA POR UM PREÇO ACESSÍVEL ?

PEÇA UMA DEMONSTRAÇÃO AOS PROFISSIONAIS DO SOM

VALENTIM DE CARVALHO

COMÉRCIO E INDÚSTRIA, S. A. R. L.

UM SONHO TORNADO REALIDADE

COMO PRESENTE DE NATAL OFEREÇA

Pérolas MAJORICA

BELARTE

Distribuidores para Portugal JAMORAL

PORTO - R. José Falcão, 158 a 176 telfs. 29041/2/3

LISBOA - R. Maria Andrade, 48 telfs. 839107/8/9

À VENDA NOS AGENTES OFICIAIS

AJUDANTE GUARDA-LIVROS

Precisa-se para trabalhar em Lisboa
BOM ORDENADO
Carta indicando curriculum vitae a este jornal ao n.º 456.

ATRÁS DO REPOSTEIRO

- *Parece estar tudo disposto para que os teatros Monumental e Variedades venham a abrir ainda esta semana.*
- *Ainda não está marcada a data para inauguração do ABC, muito embora os ensaios tenham entrado na fase de apuramento. Contudo tudo leva a crer que a estreia se realize ainda este ano.*
- *A nova revista do Maria Vitória a subir á cena no princípio de Fevereiro tem o nome de «Mãos á obra», sendo o guarda-roupa de Mário Alberto e os cenários de Hernâni e Rui Martins.*
- *No Teatro Experimental de Cascais vai começar a ser ensaiada a peça «Maria Stuart».*
- *O guarda-roupa da peça «Sabina Freire» foi escolhido por José Barbosa.*

AR CONDICIONADO
TELEF. 53 85 86
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortável de lisboa
BILHETES À VENDA
TELEF. 53 85 86
ADULTOS

APRESENTADO POR VASCO MORGADO

POR MOTIVOS DE FORÇA MAIOR, A ESTREIA DA COMÉDIA «A PREGUIÇA» FOI ADIADA PARA AMANHÃ, SEXTA-FEIRA

ESTREIA AMANHÃ
*
2 SESSÕES
ás 21 e ás 23 horas

RAUL SOLNADO

A PREGUIÇA

COMÉDIA DE RICARDO TALESNIK
DIRIGIDA POR MARIA HELENA MATOS
EM CENÁRIO DE PAULO-GUILHERME
com
FERNANDA BORSATTI ● ALINA VAZ ● MÁRIO JACQUES ● ANTÓNIO MONTEZ ● DAVID SILVA

FILMES CASTELLO LOPES 50 anos
apresenta

Sensacional!
A primeira aventura em cinema do grande herói da juventude!

em EASTMANCOLOR
Um filme de GOSCINNY & UDERZO

Astérix O GAULÊS

PARA TODOS

AMANHÃ ESTREIA
CONDES
O MAIOR BRINDE DAS FESTAS

À NOITE ÀS 21.45 H.
8.ª SEMANA

(Adultos)

● RIA COM GOSTO ● E NÃO DEIXE DE VER
O AMOR-68
UMA FANTASTICA COMÉDIA DE HENRIQUE SANTANA
UM ESPECTÁCULO DE VASCO MORGADO
NOVO ÊXITO DA C.ª TEATRO ALEGRE
NO TEATRO VARIEDADES T. 32 60 37
com
HENRIQUE ● IRENE ● COSTINHA ● SEMEDO ● LIA ● ANABELA e ADRIANO REYS
Amanhã: 2 sessões 20.45 e 23 horas
Dir. plástica de F. RELÓGIO
Encenação de MARIA HELENA

ESTA SEMANA (ADULTOS)
EM ESTREIA SENSACIONAL
no TEATRO MONUMENTAL
A FANTASIA MUSICAL
CLiCK! JÁ ESTÁ

VASCO MORGADO apresenta no LAURA-ALVES
UM NOME DO POVO PARA UM TEATRO NOVO
BREVEMENTE INAUGURAÇÃO

O JOVEM MENTIROSO
com BRUNILDE JÚDICE RUI DE CARVALHO
MANUELA MARIA
CÉLIA DE SOUSA
FERNANDA FIGUEIREDO
BENJAMIM FALCÃO
E O PAR REVELAÇÃO
ENCENAÇÃO DE JACINTO RAMOS
CENAS DE JOÃO VIEIRA
GUIDA MARIA e VASCO MORGADO JR.
A HISTÓRIA DE UM JOVEM E O SEU MUNDO DE FANTASIA...
(SOLTEIRA)

RECINTOS DE DIVERSÕES

- Contratados pelo empresário que trouxe até nós a companhia «Tropicalíssima» partiram para o Brasil os artistas Maria Teresa Quinta, Cidália Moreira, António Rocha e António Frazão.
- Com destino a S. Paulo e para inaugurar o novo restaurante do empresário Luís Campos, «Abril em Portugal», partiu também a cantadeira Estela Alves que em seguida se deve deslocar ao Canadá a fim de ultimar as negociações para abertura naquele país de uma casa típica.

TRAV. DA ESPERA, 38
TELEF. 35464
MIL E UM
... É FADO!

Maiores de 12 anos

FILMES CASTELLO LOPES 50 anos
apresenta
O ÍDOLO DOS ÍDOLOS
MONTGOMERY WOOD
NUM FILME TREMENDO!
QUEM DISPARA PRIMEIRO
Com MARIO ADORF · Magda Konopka · Julie Menard
EASTMANCOLOR • TECHNISCOPE Realização de GIULIO PETRONI
AMANHÃ, ESTREIA POLITEAMA

Maiores de 12 anos

SÃO JORGE — PROGRAMAÇÃO RANK

APRESENTA
HOJE às 21.30

O MAIOR ÊXITO DE PARIS!

ANNEE 1968 (Films sortis depuis le 1er Janvier 1968)

(Titres en lettres majuscules : films sortis depuis le 14 août 1968).

	Entrées et nombre de semaines	
	1re exclusivité	+ continuations ultérieures
Le Petit Baigneur	552.958 (15)	—
Beniamin	534.877 (18)	—

(LE FILM FRANÇAIS 13-12-68)

MAIS DE MEIO MILHÃO DE PARISIENSES DELIRARAM COM A SUPER-COMÉDIA:

O PEQUENO BANHISTA

(LE PETIT BAIGNEUR)

AUTÊNTICO FESTIVAL

LOUIS DE FUNÈS

com

ROBERT DHERY

como

INTERPRETE, REALIZADOR, AUTOR DO ARGUMENTO E DIÁLOGOS

RANK FILMES

A MAIS HILARIANTE FANTASIA NA MAIS DELIRANTE PARÓDIA

com COLETTE BROSSET e FRANCO FABRIZI

Produção de ROBERT DORFMANN

Boutique Paula Ribas

PRONTO A VESTIR
CONFECÇÕES
NOVIDADES

RUA DO CARMO, 51-5.º-C ★ Telef. 36 84 56
(tem elevador)

CAPITÓLIO
Tel. 32 03 79
Às 21.45

TANGO
A peça mais polémica da actualidade

Pela COMPANHIA DO TEATRO NACIONAL D. MARIA II

(M/ 17 anos)

SÁBADO: ás 16 horas
Tarde a preços reduzidos
DOMINGO:
Tarde dedicada a estudantes

TEATRO DA TRINDADE
(F. N. A. T.) (Maiores de 6 anos)

DOMINGO, 22 DE DEZEMBRO, ÀS 11 H. DA MANHÃ
CONCERTO PELA
BANDA DA GUARDA NACIONAL REPUBLICANA

Dedicado aos beneficiários da F. N. A. T., Sócios dos Sindicatos Nacionais, C. A. T. e C. R. P.
Direcção: MAESTRO TENENTE SILVA DIONISIO

PROGRAMA

NABUCODONOSOR, Abertura, VERDI — ISLÂNDIA, Poema Sinfónico, SPORCK — DIANA DE POITIERS, Suite do Bailado, JACQ. IBERT — UMA NOITE EM MONTE CALVO, MUSSORGSKI, LUSITANO, Preludio Sinfónico, PEREIRA DE SOUSA — RAPSÓDIA SOBRE DOIS TEMAS CATALAES, F. LOUP, (1.ª audição pela Banda) — LOS CENTAUROS, Marcha, ISQUIERDO.

Distribuição gratuita de bilhetes a partir de hoje
Durante a execução de qualquer dos numeros do programa não é permitida a entrada na sala de espectáculos

---

COLISEU
HOJE, às 21 e 30
(Maiores de 6 anos)

GRANDE COMPANHIA INTERNACIONAL DE CIRCO

ATRACÇÕES DE CATEGORIA
— Ultimos espectáculos —
SÓ ATÉ DOMINGO

Segunda-feira
ESTREIA DA
GRANDE COMPANHIA DE CIRCO DO NATAL

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO ESTÚDIO

TÍTULO — «Super Festival Tom e Jerry» (em Cinemascope).

REALIZADOR — Fred Quimby, para produções Bill Hanna e Joe Barbera.

O publico mais jovem da capital passou a contar, a partir de ontem, com novo programa que lhe é inteiramente dedicado: *O Super Festival Tom e Jerry (em cinemascope*, para se distinguir de um outro já estreado no passado ano. Trata-se de uma nova complicação de doze desenhos animados, produzidos por Bill Hanna e Joe Barbera,: e realizados por Fred Quimby. Como sempre, a motivação desta duzia de curtas histórias é quase que invariàvelmente a pereseguição tenaz e obsessiva que o gato (Tom) move ao rato (Jerry). Aqui e ali associados a novos comparsas (o *bulldog* e o seu filho; o sobrinho de Jerry (interveniente em episódios históricos, quer como mosqueteiro do rei, quer como auxiliar de Robin dos Bosques — ou esse impagável patinho de pronuncia empastelada) são, no entanto. Tom e Jerry quem monopoliza a acção e movimenta a engrenagem.

A perseguição (tão do agrado de alguns dos mais genuínos *géneros* do cinema americano, desde o *western* até ao *filme negro*, passando pelo próprio desenho animado) é aqui enriquecida com constantes e indescritíveis *gags*, normalmente de grande violência, por vezes invulgarmente sádicos (o que poderá fazer reabrir a discussão já antiga sobre serem estes ou não, os filmes mais adequados para a imaginação das crianças), mas sempre delirantemente divertidos e, cremos, profundamente inocentes para todos os publicos. Nada nos faz convencer de as reacções das crianças que ontem saíam felizes e encantadas da sala do *Estudio* parecem confirmá-lo) que estas histórias de *desenhos animados*, de concepção visivelmente estilizada, e de imaginação verdadeiramente desenfreada criem uma mentalidade beligerante nos espíritos jovens. Julgamos que as razões de muitas das deturpações deste tipo se podem encontrar, isso sim!, em fórmulas de educação diàriamente assumida e assimilada, sem que, no entanto, sobre elas se lancem com tanta voracidade os adversários confessos dos desenhos animados. Deixando, porém, de lado estas considerações um pouco deslocadas nesta breve nota, teremos de concluir que este 2.º *Super Festival* possui episódios de grande qualidade, outros menos felizes, mas constitui, na sua globalidade, um *presente* perfeitamente lícito nesta quadra do ano. Antes assim, pois que todos *os maiores de seis anos* bem necessitados andavam, nos ultimos tempos, de espectáculos cinematográficos a que pudessem assistir. Pena é, todavia, que encham o papinho nestes dias frios de *entre-festas* e passem á míngua todo o resto da temporada. Coisas que certamente haverá que rever.

LAURO ANTÓNIO

BEBIDAS ESTRANGEIRAS

J. A. DA COSTA PINA, LDA.
Rua do Alecrim, 73
Tel. P.P.C. 32 00 31/4 — LISBOA

COSTA PINA & VILAVERDE, LDA.
Rua do Bonjardim, 420
Tel. P.P.C. 24943, 26562, 32228 e 35221 — PORTO

8 SUCURSAIS EM: COIMBRA FARO

ORGANIZAÇÃO COM CERCA DE MEIO SÉCULO DE EXPERIÊNCIA
IMPORTA DIRECTAMENTE DA ORIGEM

AS GRANDES MARCAS INTERNACIONAIS DE BEBIDAS

WHISKIES
WHITE HORSE
LOGAN'S
HIGHLAND QUEEN
GRAND 15
MARTIN'S 20 ANOS
BALLANTINE
BALLANTINE 12 e 17 ANOS
ANTIQUARY
CANADIAN CLUB
I. W. HARPER BOURBON
JOHN JAMESON, etc.

CHAMPAGNES
HEIDSIECK MONOPOLE
MUMM CORDON ROUGE
e CORDON VERT
PERRIER JOUET,
etc.

LICORES
DRAMBUIE
CHERRY HEERING
TIA MARIA,
etc.

COGNACS
COURVOISIER
BISQUIT,
etc.

ARMAGNACS
CHATEAU DE MALLIAC

GIN
GORDON'S

VINHOS DE MESA
Franceses da CASA CALVET (Bordeus e Borgonha) e JACOBERT (Alsácia).
Alemães da CASA ANHEUSER & FEHRS (Reno e Mosela).
Espanhois da C.ª VINICOLA DEL NORTE DE ESPANHA.

TAMBÉM DISPÕE DE PRODUTOS NACIONAIS DE PRIMEIRA CATEGORIA

AS ESTREIAS DE HOJE

No São Jorge
Título em Português — «O pequeno banhista»
Título Original — «Le Petit Baigneur»
Produção — Francesa
Realização — Robert Dhery
Intérpretes — Louis de Funés, Robert Dhery, Colette Brasset e Franco Fabrizi
Género — Comédia
Distribuição — Rank Filmes
Processo — Colorido
Classificação — 12 anos.

No Estúdio 444
Título em Português — «O elogio da preguiça»
Produção — Francesa
Realização — Yves Robert
Intérpretes — Philipe Noiret, Françoise Brion e Marlene Jobert.
Género — Comédia
Distribuição — Rivus
Processo — Eastmancolor
Classificação — 12 anos.

• VÁ ESTA NOITE AO
• MARIA VITÓRIA •
ONDE TODAS AS NOITES ÀS 20.45 E 23 H. UMA ALEGRE COMPANHIA REPRESENTA A REVISTA DAS MIL GARGALHADAS
ADULTOS

MARIEMA e MAX nos «Flamengos»

• GRANDE POETA É O ZÉ!...
• Um extraordinário elenco com:
• SALVADOR • VIANA •
• MARIEMA •
MAX • ANITA • DORA
V. MENDES
a atracção
BRIGITE - ST. JOHN
á frente de uma grande companhia!
• DOMINGO MATINÉE ÀS 16

QUANDO HÁ TANTOS «ELOGIOS» NA VIDA, DEVE HAVER TAMBÉM LUGAR PARA...

O ELOGIO DA PREGUIÇA

(ALEXANDRE LE BIENHEUREUX)

com:
philippe noiret
françoise brion
marlene jobert
e o cão KALY

M/12 anos

um filme de YVES ROBERT
EASTMANCOLOR

3 SESSÕES DIÁRIAS

HOJE - ESTREIA ÀS 21,45 NO estúdio 444

FILMES CASTELLO LOPES apresenta um filme MGM

PODEROSO! ESPECTACULAR!
ÚNICO NA HISTÓRIA DO CINEMA!

70 mm
SUPER PANAVISION
METROCOLOR

Metro-Goldwyn-Mayer apresenta uma produção George Englund

AS SANDÁLIAS DO PESCADOR

com
Anthony Quinn
Oskar Werner
David Janssen
Vittorio De Sica
Leo McKern · Sir John Gielgud
Barbara Jefford · Rosemarie Dexter
. Sir Laurence Olivier

Argumento de John Patrick e James Kennaway
Realização de Michael Anderson de célebre novela de MORRIS WEST
Maiores de 12 anos
RIGOROSO EXCLUSIVO DE ÉPOCA

AMANHÃ, no écran gigante do MONUMENTAL

Para a maioria dos homens
o Natal não é Natal sem

Old Spice

um presente de aroma tão fresco e masculino

Agora lançamento mundial do Novo
Old Spice **BURLEY** um aroma que é ABSOLUTO DINAMITE

morrison

CONCURSO DE ARTE DRAMÁTICA

«O Assassino de Macário», de Camilo pelo grupo do Sporting Club Candalense

No Trindade continuou ontem a fase final do Concurso de Arte Dramática promovido pelo S. N. I. e destinado a grupos de amadores e colectividades de cultura e recreio. Apresentou-se o grupo cénico do Sporting Clube Candalense, com o auto de Camilo Castelo Branco «O Assassino de Macário».

Depois do excelente espectáculo constituído pelo «João Gabriel Borkman» apresentado anteontem pelo «Clube 22 de Novembro» do Barreiro, seria difícil manter o concurso no plano a que, inesperadamente, nessa noite se guindou. De qualquer modo, nem o auto de Camilo, na sua graça fácil — espelhando, embora, a habilidade literária e a ironia truculenta do seu autor — permite grandes voos, nem o grupo de Candal, neste espectáculo leve e amável, os desejou, certamente, empreender.

Não há duvida de que, apesar do tempo que sobre ela passou, esta comédia-farsa do autor da «Morgadinha de Vale de Amores», conserva, no entanto, alguma da sua expontanea vivacidade. Certas piadas (a referente á influência dos jornais portugueses, por exemplo...) podem mesmo considerar-se actuais. No que Camilo, diga-se em abono da verdade, não tem grande mérito...

Compreende-se, aliás, que um grupo do Candal quisesse render homenagem ao grande escritor nortenho, tanto mais que nesta peça ligeira, desenvolvia a partir de um mal entendido, o nome daquela localidade ocupa um pequeno lugar (e encontra-se, de resto, bastante ligado á obra de Camilo). Se o «Assassino de Macário» não possui, de facto—como o não possui o restante teatro camiliano — um excepcional interesse, a verdade é que nada que tenha saído da pena do autor de «O Esqueleto» pode deixar de acusar alguma coisa do seu génio. A peça acusa-o também, em doses muito ilimitadas, claro está.

Com esse texto e com uma encenação um pouco mais imaginativa poderia, talvez, o grupo do Candal ter conseguido um espectáculo de nível superior. Em todo o caso, a representação, sem deixar de se inscrever quase no burlesco, manteve uma certa dignidade. Para a eficiência dos efeitos cómicos da peça muito contribuiu, é certo, o desempenho de José Pinto, que na figura de «Libório», o marido apanhado pela fogosa mulher mexicana na própria armadilha, compôs uma caricatura de muito boa qualidade (aqui e ali talvez um pouco exagerada, mas isso é da condição da caricatura), acentuando muito bem com inflexões, pausas e uma expressividade de gestos e olhares bastante truculenta, as passagens humorísticas do texto. João Trindade deu-lhe boa réplica na figura do pachorrento sogro «Barnarbé», o antigo comerciante que queria acima de tudo sossego e paz — e uma quinta com um repuxo. Carolina Branco, em «Sebastiana», a criada, não tinha grandes responsabilidades e a sua interpretação inseriu-se bem no conjunto. Quanto á temperamental «Etelvina», Ana da Conceição não coseguiu dar-lhe toda a vivacidade, toda á extravagancia que o papel requeria. Embora com uma boa figura, falta a Ana da Conceição fluência e á-vontade necessários a este estilo de teatro. O carteiro José Garcia limita-se a aparecer — e tanto quanto podemos julgar, aparece bem.

Não se indica no programa o nome do encenador, mas sim os do director de cena, João Ruivo, e do assistente de encenação, Manuel Angelo. O cenário, de boa qualidade, sem pretensões, é de Licínio Braga.

JOAQUIM BENITE

Em BUCELAS o «DIARIO DE LISBOA» está á venda na casa VICENTE ROMÃO BRAVO.

Uma cena de «Os Gladiadores», de Alfredo Cortez, pelo Grupo Teatral Freamundense

Trinta e cinco anos depois da sua agitada estreia «Os Gladiadores» de Cortez em representação em Lisboa

«Os Gladiadores», a conhecida e discutidíssima peça de Alfredo Cortez, vai de novo ser representada em Lisboa, quase 35 anos corridos sobre a sua estreia no Teatro Nacional, onde provocou um verdadeiro escândalo, tendo de ser retirada do cartaz ao fim de cinco dias. Tal se vai ficar a dever ao Grupo Teatral Freamundense, de Freamunde, que amanhã se apresenta com aquela peça no Trindade, em espectáculo integrado na fase final do Concurso de Arte Dramática.

Com efeito, foi em 12 de Janeiro de 1934 que «Os Gladiadores» se estreou no Teatro Nacional, com uma encenação de Amélia Rey Colaço, que era também uma das suas protagonistas, juntamente com outras actrizes e actores de fama, muitos dos quais já desapareceram: Palmira Bastos, Maria Clementina, Maria Lalande, Brunilde Júdice, Alves da Cunha, Robles Monteiro, João Vilarett, Raul de Carvalho, José Gamboa, etc. A crítica atacou violentamente, quase sem excepções, o espectáculo, considerando a peça de Alfredo Cortez, entre outras coisas, uma brincadeira (de mau gosto) e um atentado à inteligência, de que ninguém conseguia perceber patavina... E no dia 17 de Janeiro «Os Gladiadores» tinham a sua última representação...

Ora, a peça nunca mais voltou a ser levada à cena, apesar de alguns dos nossos mais atentos e destacados estudiosos de teatro — nomeadamente Luí Francisco Rebello — a considerarem das mais importantes e significativas da nossa dramaturgia. Pois é um grupo de amadores — que deu já excelentes provas conquistando, por dois anos consecutivos, os principais prémios do Concurso Nacional de Arte Dramática — que agora a «ressuscitou» sobre as tábuas do palco, e amanhã a representa em Lisboa, onde há quase 35 anos o **escândalo** se deu.

GRANDE CONCURSO

LESILAN

LESICRIL

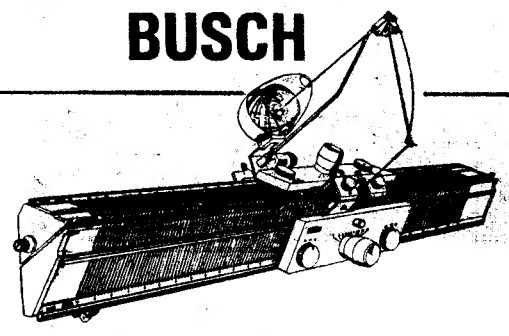
Entregue ao seu fornecedor habitual ou envie directamente para o endereço abaixo em envelopes individuais com a indicação expressa do remetente

40
cintas normais
(novelos de 50 gramas)
ou
4
Grandes
(novelos de 500 gramas) de

LESICRIL ou LESILAN

E receberá uma senha numerada que a habilita ao sorteio mensal de uma máquina de tricotar, último modelo no valor de Esc. 6750$00.

BUSCH



Peça informações mais detalhadas aos nossos vendedores autorizados.
SOCIEDADE DISTRIBUIDORA DE FIOS DE LÃ, LDA.
Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 92-A LISBOA-1

A adorável intérprete de MÚSICA NO CORAÇÃO

20TH CENTURY-FOX
Um filme de
ROBERT WISE

JULIE ANDREWS
em
STAR!
A ESTRELA

UMA MARAVILHA MUSICAL!

A VIDA AGITADA DE GERTRUDE LAWRENCE, UMA MULHER ADMIRÁVEL QUE CONQUISTOU OS CORAÇÕES DE TODO O MUNDO!

70mm
Banda Original gravada em discos 20th Century-Fox — Rádio Triunfo

RICHARD CRENNA
MICHAEL CRAIG DANIEL MASSEY
SAUL CHAPLIN ROBERT WISE WILLIAM FAIRCHILD
MICHAEL KIDD BORIS LEVEN TODD-AO® COLOR DELUXE

AMANHÃ — ESTREIA
TIVOLI
MAIORES DE 12 ANOS

FESTAS DE NATAL

Na Escola Preparatória Marquesa de Alorna

Decorreu com grande interesse a festa do Natal, hoje efectuada no ginásio da Escola Preparatória Marquesa de Alorna, com a participação das alunas do ciclo. Houve uma exposição de presépios e motivos do Natal.

Amanhã, os professores e alunos da sede e secções da escola reunem-se no refeitório daquele estabelecimento de ensino, num almoço de confraternização.

No Batalhão de Sapadores Bombeiros

Também amanhã ás 15 horas, com a assistência do presidente da Câmara Municipal de Lisboa e de outras individualidades, realiza-se no quartel do Comando do Batalhão de Sapadores Bombeiros, na Avenida D Carlos I, a tradicional festa de Natal dedicada aos filhos e familiares do pessoal da referida corporação. Haverá um acto de variedades e distribuição de agasalhos, calçado, brinquedos e lanches a cerca de 600 crianças.

Do G. D. do Grémio dos Industriais de Panificação de Lisboa

Amanhã, ás 15 e 30, na sede do Grémio dos Industriais de Panificação de Lisboa, decorre a festa de Natal promovida pelo Grupo Desportivo dos empregados daquele organismo.

No Hospital do Ultramar

Amanhã ás 15 horas, realiza-se no Hospital do Ultramar a tradicional festa do Natal dedicada aos doentes internados e aos filhos do pessoal menor.

Estará presente um lindo presépio e uma vistosa árvore de Natal, constando do programa a passagem de filmes recreativos e a distribuição de lembranças, sendo por fim servido um lanche.

Assistirá á festa o ministro do Ultramar, prof. dr. Joaquim Moreira da Silva Cunha.

No Hospital Miguel Bombarda

Organizada pelo enfermeiro Negrão dos Santos realiza-se amanhã, ás 15 horas, a festa de Natal dos doentes do Hospital Miguel Bombarda, para a qual já deram a sua adesão os artistas: Hermínia Silva António Calvário, Madalena Iglésias Joaquim Cordeiro, Simone de Oliveira, Tristão da Silva Júnior, Vitória Maria, Mário Bessa Lena Branco, Carlos do Carmo, Maria Marise, Mariete Pessanha, Maria José Valério, Mirene Cardinali, Correia da Silva, Cidália Meireles, Celeste Rodrigues, Anita Guerreiro, Henrique Santana Anabela, Helena Rocha, Joana Belo, Helena Cardinali, Julieta Brigue, Fernanda Pinto João Queirós, Ivete Pessoa, Conjuntos de Jorge Machado e «5 de Ouros», Dimensão 6 (Conjunto de Ritmos) e os locutores Artur Alves, Alice Cruz, José Castelo, Gioconda Ferreira Matos Fernandes, Maria Helena Fialho Gouveia. Francisco Armando e António Machado (locutor imitador).

Do pessoal do Município de Loures

LOURES, 19 — Amanhã, no Cine-Teatro local, realiza-se a festa de Natal organizada pelo Centro de Alegria no Trabalho do Pessoal da Câmara Municipal, dedicada a cerca de 600 crianças, filhas de serventuários administrativos.

Haverá variedades seguindo-se distribuição de guloseimas e brinquedos.

Mensagens de militares

A Emissora Nacional começará a transmitir, a partir de hoje, através do seu novo emissor na banda dos 212 metros, frequência de 1412 kc/s., mensagens de Natal de militares em serviço no Ultramar

Estas saudações serão raras e repetidas no mesmo dia, das 17 ás 18.

Dos filhos dos empregados do Aviário do Freixial

A' semelhança dos anos anteriores o Aviário do Freixial promoveu esta tarde uma interessante festa de Natal dedicada aos filhos do seu pessoal, á qual se associaram o conselho de administração e a direcção da empresa.

A festa que deu motivo a franca confraternização entre todos os componentes da grande família do Aviário do Freixial, decorreu na sala de convívio do pessoal daquela empresa, ornamentada para o fim em vista e onde se encontrava uma grande árvore de Natal carregada de brinquedos.

Perante grande alegria das crianças — cerca de duzentas — que se encontravam reunidas com os seus familiares, os administradores do Aviário do Freixial procederam á distribuição de agasalhos e brinquedos ás crianças e lembranças ao seu pessoal

Na Fábrica Nacional de Margarina

Na cantina da Fábrica Nacional de Margarina realizou-se a festa do Natal dedicada aos filhos do pessoal daquela empresa. Ás crianças foram distribuídos brinquedos e servida uma merenda.

Dos filhos do pessoal da Hidroeléctrica do Zêzere

BARRAGEM DA BOUÇA, 19 — Com a presença dos srs. dr. Mário Morais de Oliveira e Simões de Almeida, respectivamente, presidente do conselho de administração e secretário-geral da Hidroeléctrica do Zêzere, realizou-se aqui, com grande animação, a tradicional festa de Natal dedicada aos filhos do pessoal daquela empresa. Junto de um presépio a sr.ª D. Maria José Cancela de Abreu e Oliveira, esposa do presidente do conselho de administração, distribuíu brinquedos ás crianças, ás quais foi servido um lanche seguindo-se a representação de uma peça alusiva ao Natal pelo grupo cénico da mesma empresa

Do Colégio «O Académico»

Celebrou-se, ontem, no Colégio «O Académico», a festa tradicional do Natal.

Depois de celebrada missa pelo rev. João de Sousa, pároco da freguesia dos Anjos, a que assistiram a direcção do corpo docente do referido Colégio e grande numero de alunos, houve uma reunião de confraternização de professores e alunos que, em seguida, visitaram as famílias dos protegidos da Conferência de S. Vicente de Paulo que o Colégio «O Académico» especialmente protege.

Na Casa do Algarve

A comissão de beneficência da Casa do Algarve distribui, amanhã, ás 15 horas, o seu tradicional auxílio do Natal a cerca de seiscentos algarvios, necessitados, residentes na capital.

A distribuição do óbulo será antecedida de uma homilia alusiva ao acto pelo rev. capelão João Soares Cabeçadas.

Da Casa dos Empregados da F. N. P. T.

Amanhã, ás 15 horas, no Jardim-Cinema, decorre a festa de Natal da Casa dos Empregados da F. N. P. T. Serão distribuídos brindes e lanches aos filhos dos associados

Dos filhos dos legionários

No quartel-general da Legião Portuguesa, na Penha de França, decorre amanhã, ás 15 horas, uma festa de Natal dedicada aos filhos dos legionários que ali prestam serviço, com distribuição de brinquedos e lembranças.

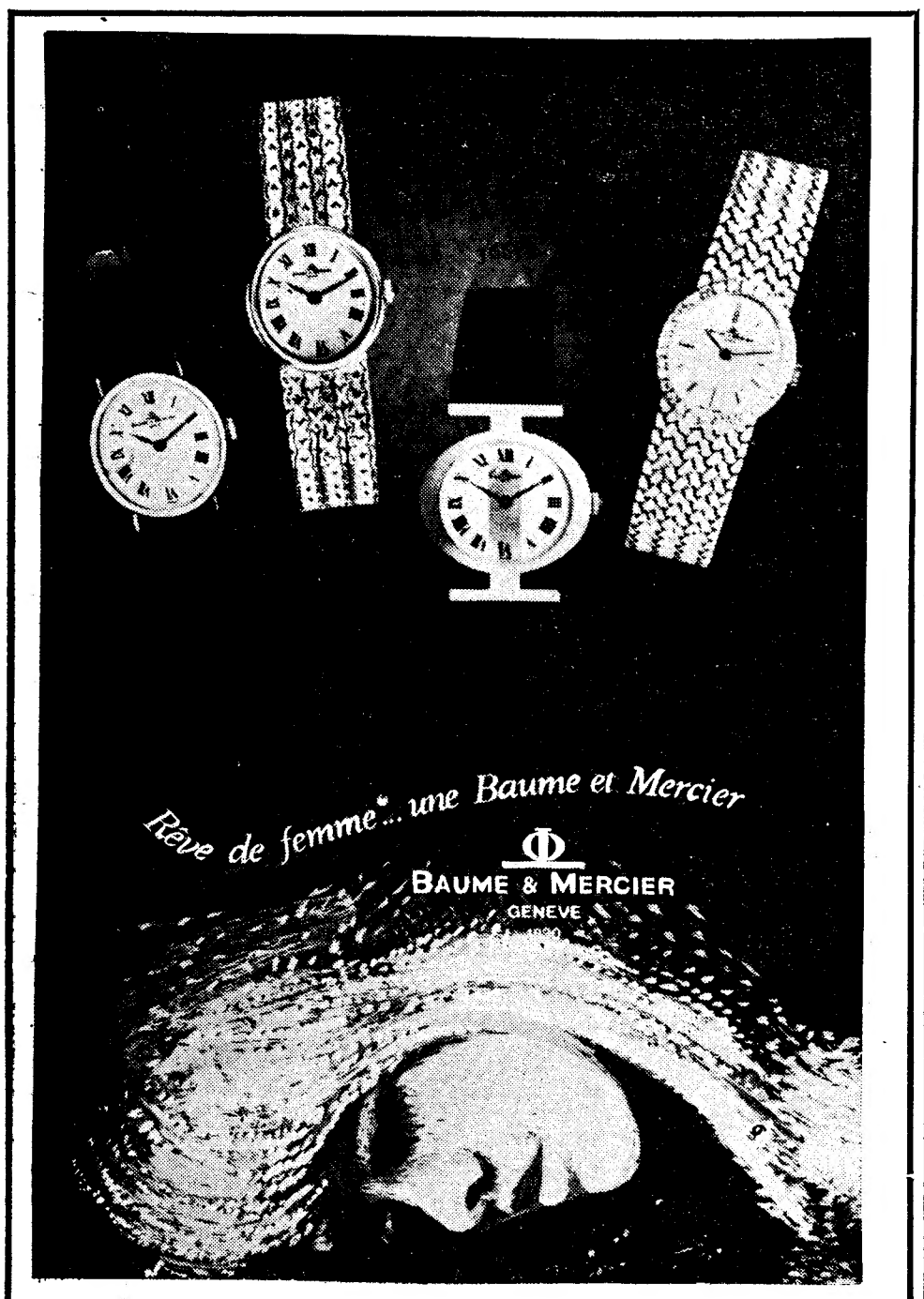
Assistem o comandante-geral, general Fernando de Oliveira, brigadeiro Carlos Gorgulho e todos os oficiais que prestam serviço naquele quartel-general.

No Regimento de Engenharia n.º 1

Amanhã, ás 15 horas, no quartel da Pontinha, do Regimento de Engenharia n.º 1, decorre a festa de Natal dos oficiais, sargentos e praças da unidade e suas famílias. Haverá variedades e serão distribuídas lembranças ás crianças, além de um lanche.

Fernandinhos pobres

Na Obra dos Fernandinhos Pobres são hoje distribuídas cem alcofas-berços, a primeira das quais é entregue pela filha do Chefe do Estado, sr.ª D. Maria Natália Rodrigues Thomaz. Amanhã haverá também uma distribuição de peças de vestuário e brinquedos, seguindo-se um lanche oferecido a mais de seiscentas crianças.



AGENTES OFICIAIS
OURIVESARIA LISBOA, LDA.
Rua da Betesga, 2 — Telef. 362743 — Lisboa

Gás Mobil
CAMPANHA NATAL 68
FAÇA O SEU CONTRATO ONDE VIR ESTE SINAL
GRÁTIS 1 GARRAFA DE GÁS
DO DIA 1 DE DEZEMBRO
****
AO DIA 15 DE JANEIRO

OS PRÉMIOS VALLE FLOR DE 1968 ATRIBUÍDOS A JOVENS QUE SALVARAM CRIANÇAS DE MORRER QUEIMADAS

A Fundação Valle Flor, de cuja administração é encarregado o Montepio Geral, atribuiu os «Prémios José Luís de Valle Flor, 2.º marquês de Valle Flor», e «Jenny de Valle Flor», respeitantes ao ano de 1968.

O juri, constituido pelos srs. general Afonso May, conselheiro dr. Mário Cardoso, respectivamente, presidente e vice-presidente da direcção do Montepio Geral e dr. José Guerreiro Murta, presidente do conselho fiscal, atribuiu o «Prémio José Luís de Valle Flor, 2.º marquês de Valle Flor» a José Lima de Oliveira, de 11 anos, do lugar da Caridade, freguesia de Espozões, concelho de Braga, e o «Prémio Jenny de Valle Flor» a Palmira de Oliveira Barroso, de 9 anos, da freguesia de Riodouro, concelho de Cabeceiras de Basto.

O primeiro, sabendo que se declara incêndio numa casa de habitação, onde moravam um electricista, a mulher e dois filhos, de 4 anos e 15 meses, e que na referida casa estavam apenas as duas crianças, rebentou a porta da cozinha, entrou num quarto anexo e retirou dali os pequenitos, pondo-os a salvo, pois nessa altura já a casa se encontrava toda em chamas. A seguir correu a um estabelecimento e, pelo telefone, chamou os bombeiros, que conseguiram evitar que o fogo se propagasse a outros prédios.

A segunda, salvou de morrerem queimadas quatro crianças — três irmãos e um primo, que viviam com os pais e tios, nessa altura ausentes, nuns barracões cobertos de colmo, quando um incêndio ali se declarou em consequência de um deles por sentir muito frio, ter acendido o lume da lareira, pondo muita lenha, o que ocasionou que as chamas atingissem altura suficiente para pegar fogo ao tecto da casa.

A direcção do Montepio Geral vai remeter, a cada um dos jovens, por conta do prémio de 25 000$00, a quantia de 2000$00, para que sintam nesta quadra de Natal, como os seus feitos foram apreciados.

Artes plásticas

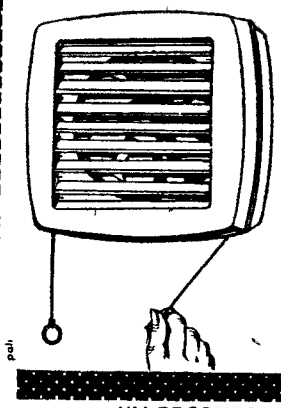
Prémio José de Figueiredo da Academia Nacional de Belas-Artes

Está aberto concurso até 31 do corrente para o Prémio José de Figueiredo, a conferir ao autor da obra de mais valor sobre assuntos de Belas-Artes, que revele, juntamente com qualidades de investigação histórica, dotes de visão analítica e crítica. São admitidas a concurso as obras publicadas em 1968, de autores portugueses ou de estrangeiros, acerca de Portugal.

As restantes condições encontram-se patentes na secretaria da Academia Nacional de Belas-Artes, Largo da Biblioteca.

MESMO NO INVERNO... AR RENOVADO AMBIENTE AGRADÁVEL

PARA JANELA



sem fumos ou cheiros com

INDOLUX

VENTILADOR EXTRACTOR

INDOLUX ventila, refresca e aspira o ar viciado. Direcção do ar regulável. 5 velocidades. Instalação muito fácil (em diversas posições).

UM PRODUTO indola

agentes gerais em Portugal Frigel PORTO — LISBOA

HOTEL DA BALAIA

ALBUFEIRA — ALGARVE

Venha passar o NATAL e o FIM DE ANO no Hotel da Balaia em ambiente de festa com atracções internacionais, beneficiando do clima primaveril do Algarve.

Escolha a estadia que melhor lhe convier:

NATAL
Desde 24/12 até 26/12 a partir de Esc. 783$00

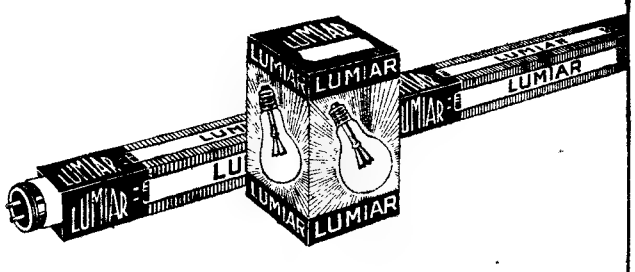
FÉRIAS DE S SILVESTRE
Desde 26/12 até 1/1 a partir de Esc. 2.220$00

NOITE DE S. SILVESTRE
Desde 30/12 até 1/1 a partir de Esc. 740$00

FÉRIAS DE NATAL E S. SILVESTRE
Desde 24/12 até 1/1 a partir de Esc. 3.003$00

Mais 10% Serviço e 3% Imposto de Turismo.
Para informações mais detalhadas contacte o seu Agente de Viagens ou directamente o HOTEL DA BALAIA.
Albufeira — ALGARVE — Telef. 282-286

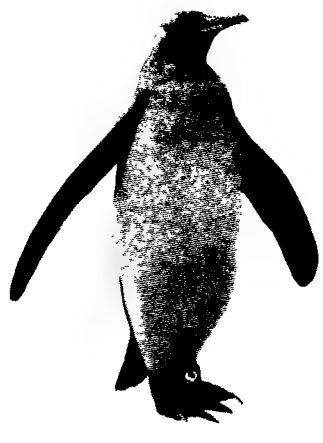
LUMIAR



LÂMPADAS INCANDESCENTES E FLUORESCENTES

Natal quente

Este Natal tem boa maneira de manifestar melhor todo o calor da sua amizade.



ofereça um cobertor COURTELLE

Leves, higiénicos, quentinhos, de cores variadas e a incomparável qualidade COURTELLE

Nas lojas abaixo indicadas compre os cobertores COURTELLE a preços excepcionais

cama simples 360$ cama de casal 420$

CASA VOGA
Rua Paio Galvão GUIMARÃES

MATOS, VIEIRA & MENDONÇA, LDA.
Rua das Carmelitas, 136 PORTO

EDUARDO MARTINS & Ca. LDA.
Rua Garrett, 7 LISBOA

BOAVENTURA & DUARTE, LDA.
Poço do Borratem, 17 LISBOA

LANALGO, LDA.
Rua Santa Justa 42 LISBOA

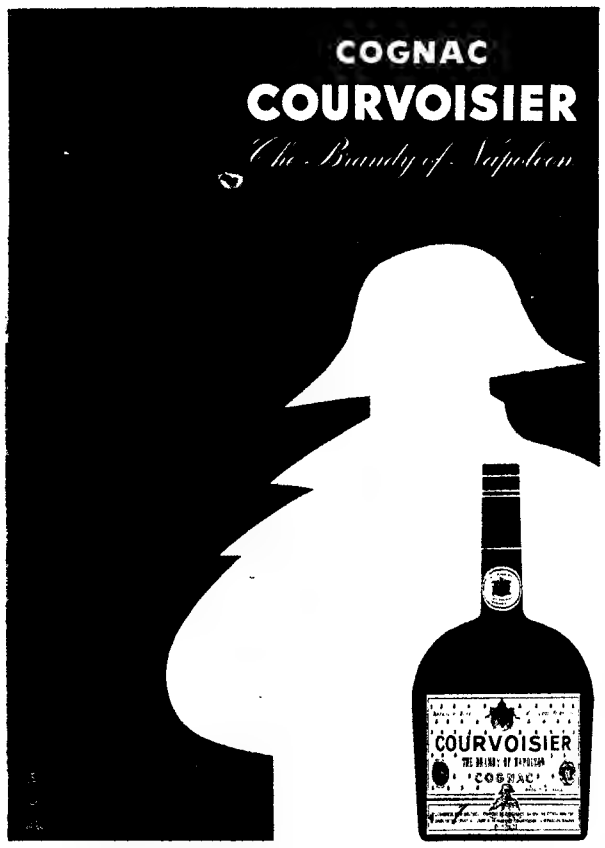
ARMAZÉNS VAL DO RIO, LDA.
Rua da Vitoria, 20-22 LISBOA

ARMAZÉNS DA BETESGA
Praça da Figueira, 15-loja LISBOA

VASCONCELOS SANTOS & Ca. LDA.
Rua das Carmelitas 98 PORTO

boas festas e boas noites com cobertores

COURTELLE
A FIBRA DE ETERNA JUVENTUDE



IMPORTADO DIRECTAMENTE DA ORIGEM

AGENTE:

J. A. DA COSTA PINA, LDA.

Rua do Alecrim, 73 — LISBOA — Telefs. PPC 32 00 31/4

Orientar uma alimentação racional

— missão importante do bioquímico português apontada na sessão de abertura do 2.º Congresso da especialidade

«Modesta, humilde, construtiva e honesta tem e deve ser a acção da bioquímica em Portugal, pois, dadas as elevadas despesas que a sua investigação envolve, não podemos lançar-nos em grandes aquisições de aparelhagem necessária para tais trabalhos. Não podemos esquecer que o orçamento geral do Estado é da ordem dos 20 mil contos, e há prioridades e outras necessidades a atender. Mas ainda assim podemos fazer alguma coisa e não desistir» — afirmou, esta manhã, na sessão de abertura do 2.º Congresso Nacional de Bioquímica, o prof. dr. Kurt Jacobsohn, vice-reitor da Universidade de Lisboa e presidente do congresso.

A sessão decorreu na Reitoria da Universidade, sob a presidência do ministro da Educação Nacional. Ladeavam o dr José Hermano Saraiva, á direita os profs. drs. Kurt Jacobsohn e Jorge Janz, este em representação do Instituto Nacional de Saúde Pública e Medicina Tropical; á esquerda os profs. dr. Virgílio de Morais, director da Faculdade de Medicina, e Gomes da Costa, secretário-geral do Congresso.

Do empirismo à Bioquímica moderna

Na alocução inaugural, o prof. Kurt Jacobsohn agradeceu, inicialmente, ao titular da pasta da Educação o interesse manifestado pela Bioquímica, com a sua presença, e que o Ministério já tinha traduzido pela criação das cadeiras de Bioquímica para Biologistas e da de Bioquímica Dinâmica, cadeira de opção da Licenciatura de Química. Agradeceu, também, ao prof. Gomes da Costa, secretário-geral do congresso, a acção e labor dedicadíssimos postos na sua organização.

Seguidamente, passou em revista a história da Bioquímica, desde os tempos do prof. Ferreira Mira, quando este ramo da Ciência se limitava ao estabelecimento empírico, cheio de fantasia, de esquemas globais, obtidos por meio de técnicas pouco fisiológicas.

Continuando, referiu-se á aplicação dos isótopos em Bioquímica, com resultados tão fecundos como seja a descoberta do mecanismo de fotossíntese, e, sobretudo, aos problemas da Biologia Molecular, com as suas consequências para o conhecimento da estrutura e biossíntese das proteínas.

Salientou que muitos problemas ainda ficam sem resposta como seja o da bocatálise, que, ao mesmo tempo, vence a inércia da matéria e pode transferir energia. Aludiu, em particular, á teoria de Pullman, que introduziu as noções de Mecânica Quântica em Bioquímica.

O orador assinalou, ainda, o interesse das viagens interplanetárias para os estudos da Bioquímica Comparada, pois, nos outros astros, os astronautas poderão encontrar outras formas de vida, mais ou menos adiantada. Sublinhou, ainda, que, daí, poderão advir novas achegas para as perguntas sobre a origem da vida (a bioquímica já segue a Natureza, criando novas fibras).

Afirmou, a propósito, não querer entrar em questões metafísicas, mas acentuou, também, não haver quaisquer considerações éticas que possam impedir os cientistas de procurar a verdade, aproximando-se dela, já que o cérebro humano tem limitações.

Quanto á acção da bioquímica em Portugal, assinalou que dado o avanço e exigências que esta ciência atingiu, a «nova geração tem de saber matemática». Acentuou, ainda, que uma missão do bioquímico será «orientar uma alimentação racional, principalmente em Portugal, onde o povo segue superstições alimentares».

E afirmou, «num parentesis»:

— Todo o mundo adora o bacalhau, mas tenho muitas dúvidas sobre o seu valor.

Terminou vincando que, na modéstia indicada, se pode realizar, com humildade, trabalho construtivo através da colaboração de todas as instituições científicas do País.

Após breve intervalo, realizou-se a primeira sessão científica, com a apresentação do primeiro relatório da autoria da dr.ª Maria Deodata de Azevedo intitulado «Inibidores das colinesterases». Seguiu-se o segundo relatório — «Alguns aspectos da acção da heparina sobre o mecanismo da coagulação sanguínea» — apresentado pelo prof. dr. Francisco Pereira e drs. Vítor Nunes e Vítor Rodrigues. De manhã, foi apresentado ainda outro relatório sobre «Respiração induzida», da autoria do eng. agrónomo Cândido Ricardo.

Os trabalhos do Congresso, que tem o patrocínio do Instituto de Alta Cultura e foi organizado pelo Instituto de Química Fisiológica da Faculdade de Medicina e pela cadeira de Bioquímica da Faculdade de Ciências, decorrem, até sábado na Reitoria da Universidade de Lisboa.

O prof. Kurt Jacobsohn profere a alocução inaugural

VISITE-NOS... há uma surpresa para si!

J. MENDES COELHO, LDA.

RUA ALEXANDRE HERCULANO, 6-A — TELEF. 53 98 01 - 4 61 24 - 4 61 47

O Natal visto pelas crianças

(Continuação da 1.ª página)

curso. Tarefa bastante difícil, como se imaginará, pela quantidade das obras a apreciar, e também pela qualidade de muitas delas.

O júri da modalidade literária é, como se sabe constituído por José Gomes Ferreira, Maria Judite de Carvalho, Matilde Rosa Araújo, Maria Alberta Meneres, Alice Vassalo Pereira, Maria Vitória Rocha de Sousa, Silvina Gouveia Blanco, Manuel Farreira, Fernando Assis Pacheco, Mário Castrim e Eduardo Prado Coelho.

Quanto ao da modalidade plástica ele tem a seguinte constituição: professores Marcelo de Sousa, Gonçalves da Luz, Rocha de Sousa, Rafael Calado e Vítor da Silva, pintor Sá Nogueira, arq.ª Rene Farinha, D. Maria Teresa Raposo, D. Ilda Tavares, D. Gina de Azevedo, Rocha de Carvalho e Luís Mateus.

Entretanto, os dois júris vão descobrindo, muitas vezes maravilhados, os trabalhos em que é mais admirável o talento e a ingenuidade.

E, já que dos trabalhos plásticos não nos é possível fornecer quaisquer exemplos, por razões óbvias, eis alguns apenas colhidos na modalidade literária:

«É Natal, é Natal / já nasceu o Deus menino, / o mundo que era grande / / tornou-se pequenino»;

«Aquela noite de Natal / / que era iluminada pela luz solar»;

«Eu não fui à escola, porque sou Deus e sei tudo»;

«Como estava muito frio, a vaca e o burro faziam as vezes da lareira».

AGORA É ASSIM...

FRIGORÍFICOS	MÁQUINAS DE LAVAR	TELEVISORES
130 L — 2150$	SUPERAUTOMÁTICAS	COM U. H. F.
165 L — 2750$	3.990$	3.750$
200 L — 2950$		

E AINDA FAZEMOS TROCAS!!

CASA M. L. FERREIRA — Rua D. Estefânia, 48-1.º andar (ao Largo)

A bênção das novas viaturas

VIATURAS NOVAS PARA OS BOMBEIROS DE SACAVÉM

Duas novas viaturas vieram enriquecer o material dos Bombeiros Voluntários de Sacavém: um pronto-socorro de nevoeiro e outro de emergência. A inauguração fez-se na presença de dois presidentes de Municípios (Loures e Vila Franca de Xira) e do inspector de Incêndios da Zona Sul.

Após a bênção, de que se encarregou o rev.º Filinto Ramalho, houve na sede da corporação uma sessão solene, durante a qual usaram da palavra o presidente da direcção e o comandante, respectivamente prof José Duarte Morais e sr Aníbal Sousa, e ainda os presidentes da Liga dos Bombeiros Portugueses e da direcção dos Bombeiros Voluntários de Vila Franca de Xira, o inspector coronel Rogério Cansado e, por ultimo o presidente do Município de Loures

Foi posta em relevo, muito justamente, a acção dos Voluntários de Sacavém ao longo de toda a sua existência, e bem assim sublinhado o esforço de renovação a que eles se vêm entregando nos ultimos anos.

VILA NOVA DE MILFONTES: TERRA ABANDONADA NO LITORAL ALENTEJANO

SANTIAGO DO CACÉM 19. — Esta povoação, uma das mais bonitas e com uma magnífica praia das mais frequentadas da orla alentejana, pertence ao grande e abastado concelho de Odemira, apesar de se encontrar abandonada dos poderes publicos concelhios

É confrangedor, para quem aqui vem, especialmente no Verão, ver tamanho abandono votado a uma terra de turismo. Custa a crer por exemplo que a Camara não trate da limpeza das ruas, pois é frequente ver montes de lixo e ervas com dois palmos de altura A iluminação eléctrica é insignificante e bastas vezes no Verão, há apenas água «para lavar a cara», no dizer dos turistas.

Custa a compreender porque se não fez ainda a estrada para o Canal, lugar distante da povoação cerca de dois quilómetros, e aonde se faz venda do peixe e de cujo rendimento os poderes publicos colhem bastantes proventos.

Presentemente está-se a assistir a um atropelo á estética do castelo, incompreensivelmente na posse de particulares e a ser explorado como Residencial ou Pousada para turistas estrangeiros. Altera-se a sua primitiva traça, abrem-se portas e portões para a rua, no seu fosso faz-se criação de patos e galinhas, galinheiros toscos, tudo isto ao que supomos com absoluto desconhecimento dos monumentos nacionais.

LAR FERROVIÁRIO

No domingo, ás 15 horas, o Lar Ferroviário promove, na povoação de Maiorca-Figueira da Foz, a entrega de mais uma chave a um seu associado, o sr. José Francisco de Oliveira Lopes.

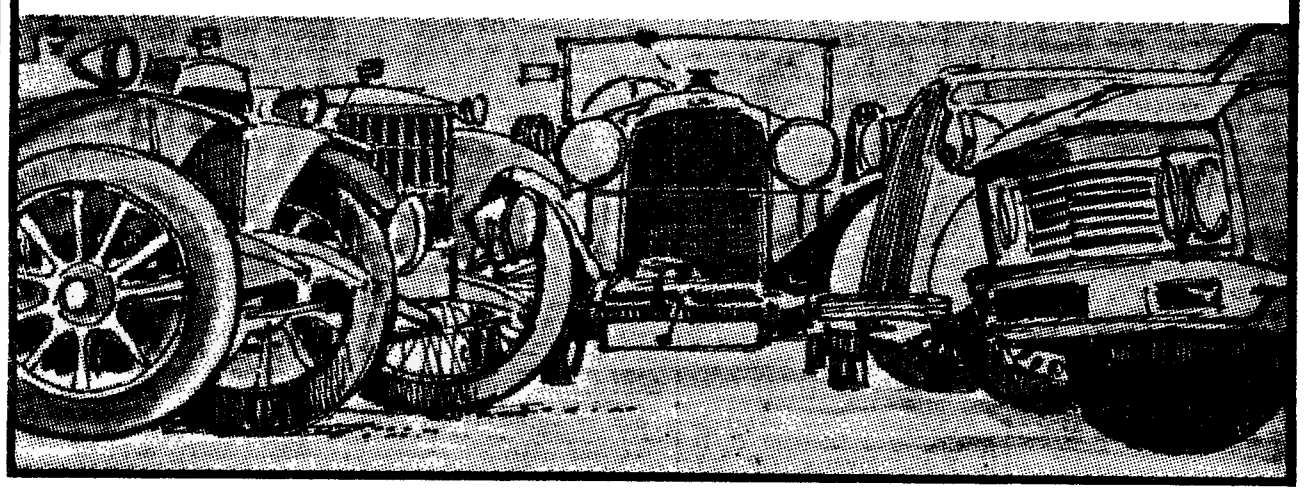
Temporal no Algarve

OLHÃO, 19 — Rondando o vento de Oeste para Sudoeste, por vezes para o Sul, com rajadas fortes, aumentou o temporal no Algarve. A frota pesqueira logo recolheu aos respectivos ancoradouros.

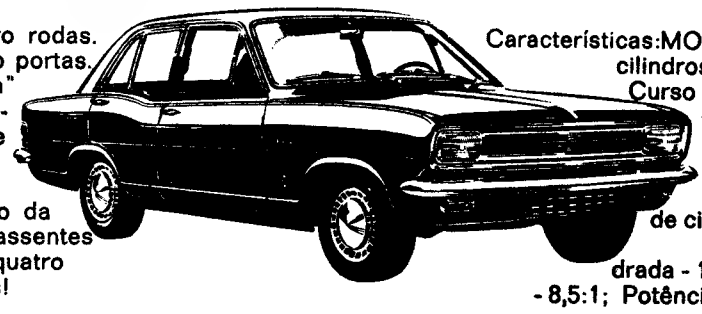
Com tendência para se fixar no quadrante Oeste, o vento ameaça tornar-se mais violento, acompanhado por chuvas, estas de pouca intensidade.

sempre teve
4 rodas...
... mas nem sempre

4
PORTAS



Todos os carros têm quatro rodas. Mas nem todos têm quatro portas. Quando quiser "andar bem" e "acomodar melhor" escolha o novo modelo VIVA de 4 portas, para maior bem-estar dos passageiros e do condutor. Agora, o êxito da linha VIVA está completo: assentes sobre quatro boas rodas, quatro amplas portas bem abertas!



Características: MODELO 1.1 — Número de cilindros - 4; Diâmetro 77,7 mm Curso - 60,96 mm; Cilindrada - -1159 c.c.; Compressão - - 8,5:1; Potência - - 56,2 HP às 5400 rpm; MODELO 1.6 - Número de cilind. - 4; Diâm. - 85,7 mm; Curso - 69,5 mm; Cilindrada - 1598 c.c.; Compressão - - 8,5:1; Potência - 83 HP às 5800 rpm

VAUXHALL
VIVA
UMA LINHA JOVEM, ÁGIL E VIVA

Um produto General Motors montado em Portugal, com assistência técnica em todo o país.

GM
MARK OF EXCELLENCE

Em todos os Concessionários Vauxhall, poderá experimentar estes novos modelos

PARA AS SUAS OFERTAS DE NATAL
ENCONTRA NA
CASA ÂNGULO
— Aparelhos fotográficos, de cinema e de projecção.
— Binóculos e microscópios.
— Grande variedade de artigos para brindes.
— Brinquedos.
— Bijutarias, artigos de tabacaria e papelaria, etc.
RUA DA PRATA, 148

DINHEIRO
S/ AUTOMÓVEIS
Empresta-se em boas condições. Transacções rápidas. Sigilo absoluto.
SONIPAL
R CONDE REDONDO, 14-2º
TELEFNS. 52248-556580

NATAL
BRINDES
desde 1$80 a 9.800$00
Visite o grande salão de exposição e venda na cave. Obrigado.
LESTINHO NOVIDADES
Rua D. Estefânia, 46-B
Telf. 54874-Teleg. Lestifilhos

UMA SEMANA NO ALGARVE
REVEILLON
AO SOL NO HOTEL ALGARVE
1969
ESC. 3.270$00 taxas incluídas em pensão completa, com Reveillon, por Pessoa.
Para Informações Telef. PORTIMÃO 1101 ou no vosso Agente de Viagens

Diário do Porto

Distribuição de prémios do Instituto Britânico

Hoje, ás 21 e 30, na sede da Associação Luso-Britânica do Porto, haverá a cerimónia de distribuição de prémios, do ano lectivo de 1967/68, aos alunos do Instituto Britânico.

Corpo clínico do Hospital de Santo António

Concluiram as provas do internato complementar de medicina, do Hospital Geral de Santo António, o sr. dr. Serafim dos Santos Guimarães, aprovado, por unanimidade, com vinte valores; e as do internato complementar de obstetrícia, a sr.ª dr.ª D. Gabriela Maria Pinto de Almeida, igualmente aprovada por unanimidade, com dezoito valores.

Festas de Natal

Na sala de recreios dos cabos e soldados da primeira companhia da Guarda Fiscal, em Vila Nova de Gaia, haverá amanhã, ás 15 horas, a festa de Natal, dedicada aos filhos dos soldados, cabos e sargentos da corporação.

TEATRO
SÁ DA BANDEIRA
TELEF. 23593
VASCO MORGADO apresenta todas as noites ás 21 e 45; sábados e domingos ás 16—20 e 45—e 23 h.
«LISBOA É SEMPRE MULHER»
com Camilo — Florbela — C. Coelho e as atracções Alda Pinto — Paulo Jorge — Vum-Vum
Um «ballet» de 25 figuras (Adultos)

«Diário de Lisboa» vende-se na Papelaria Maria Adelaide e no Café Silva.

Novo cinema-estúdio

A Empresa Artística, proprietária do Coliseu vai transformar o seu salão de festas num cinema-estúdio, que terá a capacidade de 322 lugares, num só plano. Ali serão projectados filmes de selecção.

Ateneu Comercial

Reune-se hoje, ás 21 e 30, na sede, a assembleia geral do Ateneu Comercial do Porto, para eleição dos novos corpos gerentes.

Calendário desportivo

BILHAR — Campeonato regional de terceiras categorias (uma tabela): jogos nas salas dos cafés Astória e Rivoli a partir das 21 horas.

BASQUETEBOL — Campeonatos regionais — primeira divisão: Académica-Leça e Vasco da Gama-F.C. do Porto, no pavilhão do Lima; C. D. U. P.-Gaia e Invicta-B. P. M., no pavilhão do Infante de Sagres. Em ambos os recintos a partir das 21 e 15 horas.

BASQUETEBOL FEMININO — Académico-Vasco da Gama, ás 20 horas, no pavilhão do Lima.

TÉNIS DE MESA — Campeonato regional de equipas — juniores: C. D. U. P.-Alvinegro, S. Roque-Cultural das Antas, Mocidade Invicta-Propaganda de Natação e Portuense de Desporto. Jogos ás 21 e 30 h., nas salas dos primeiros.

VOLEIBOL — «Torneio Início» da I Divisão: C. D. U. P.-Nun'Alvares (22 h.), no ginásio da escola Gomes Teixeira.

Farmácias de serviço esta noite (6.º turno)

ANTERO DE QUENTAL, Rua de A. de Quental 520 (Tel 4-5048) ✲ **AZEVEDO**, R. do Mercal, 503 (Tel 5-2344 ✲ **CONSTITUIÇÃO**, Rua da Constituição, 93 (Tel 4908 3) ✲ **CORREIA DE ARAUJO**, R. Santa Catarina 259 (Tel 2-5644) ✲ **CRUZ**, R. Costa Cabral 1082 (Tel 4-004' ✲ **GUARANI**, R. Pedro Hispano, 367 (Tel 6-2250) ✲ **HERCULANO**, R. Alex Herculano, 384 (Tel 2-7943 ✲ **LIGA A. S. MUTUOS**, R. Bonjardim, 286 (Tel 2-1711) ✲ **MAGALHÃES**, Rua Serralves, 566 (Tel 6-3531) ✲ **NOVA DE MONSANTO**, Rua de Monsanto, 48 (Tel 490889 ✲ **RIBEIRO JÚNIOR**, Rua Firmeza, 99-A (Tel 2-3849) ✲ **SAMPAIO**, R. Cedofeita, 636 (Tel 2-1782) ✲ **SANIL**, R. Paraíso, 214 (Tel 2-3935 ✲ **VITÁLIA**, Pr. Liberdade, 37 (Tel 2-4133) ✲ **GONDARÉM**, R. Gondarém, 360 (Tel

Um subsídio de 400 contos para o F. C. Porto

O F. C. Porto recebeu do Fundo de Fomento do Desporto um subsídio de 400 contos. Trezentos contos foram concedidos para o complexo de piscinas das Antas e os outros cem para melhoramentos na pista do Estádio das Antas.

ESPECTÁCULOS para esta noite

TEATROS

SÁ DA BANDEIRA — Às 20 e 45: «Lisboa é sempre mulher» (17 anos)
ANTÓNIO PEDRO — Às 22: «Desporto Rei» e «Tio Simplício» (12 anos)

CIRCO

CIRCO MARIANO — Às 21 e 30 — Instalado na Avenida Fernão de Magalhães (12 anos).

CINEMAS

SÃO JOÃO — Às 21 e 30: «No calor da noite» (17 anos)
COLISEU — Às 21 e 30: «Não perca a cabeça» (12 anos)
RIVOLI — Às 21 e 30: «A noite escaldante do inspector Joss» (17 anos)
TRINDADE — Às 21 e 30: «Antes que cases!...» (17 anos)
BATALHA — Às 21 e 30: «As minhas pistolas» (12 anos)
ÁGUIA DE OURO — Às 21 e 30: «Cheque à Scotland Yard» (12 anos)
OLIMPIA — Às 21 e 30: «Um milhão de dólares numa coleira» (12 anos)
JÚLIO DINIS — Às 21 e 30: «A cruz de ferro» (17 anos)
CARLOS ALBERTO — Às 21: «Furia sanguinária» e «O Vampiro de Dusseldorf» (17 anos).
VALE FORMOSO — Às 21 e 30: «A irmã yé-yé» (12 anos)
ESTÚDIO — Às 21 e 30: «A noite é perversa!» (17 anos)
NUN'ÁLVARES — Às 21 e 30: «O Expresso do Inferno» (12 anos).
ODEON — Às 21.30: «F B I Contra Cosa Nostra» (17 anos)
CINE-GAIA — Às 21 e 30: «A Herança» (17 anos).

Amanhã, à tarde

CINEMAS

SÃO JOÃO — Às 15 e 30: «No calor da noite» (17 anos).
COLISEU — Às 15 e 30: «Digan lo que digan» (12 anos).
RIVOLI — Às 15 e 30: «Astérix, o Gaulês» (6 anos).
TRINDADE — Às 15 e 30: «Antes que cases!...» (12 anos)
BATALHA — Às 15 e 30: «As minhas pistolas» (12 anos)
ÁGUIA DE OURO — Às 15 e 30: «Xeque à Scotland Yard» (12 anos).
OLIMPIA — Às 15 e 30: «Um milhão de dólares numa coleira» (6 anos).
JÚLIO DINIS — Às 15 e 30: «A cruz de ferro» (17 anos)
CARLOS ALBERTO — Às 15: «Genghis Khan, o Conquistador» e «Os Primeiros Homens da Lua» (12 anos).
ESTÚDIO — Às 15 e 30: «A noite é perversa!» (17 anos).
VALE FORMOSO — Às 15 e 30: «A irmã yé-yé» (12 anos).
COLISEU — Às 15 e 30: «Não perca a cabeça» (12 anos)

PORTO
KOPKE
HÁ MAIS DE 300 ANOS

Distribuidores no Sul
OLIVEIRA & TORROAES, L.da
R. do Salitre 123-Lisboa

RESTAURANTE
TÁGIDE
Largo da Biblioteca Pública n.º 20
Participa aos seus estimados clientes que amanhã por força das circunstâncias do elevado número de pessoas ao jantar de convívio do pessoal e colaboradores da firma
ONDEX
Representações Electrónicas, Lda.
só nos é possível abrir a Sala da Boîte às 0 horas, por tal facto lhes pedimos encarecida desculpa
A GERÊNCIA

A revisão da situação do pessoal das secretarias das Direcções Escolares — pedida na Assembleia Nacional

A Assembleia Nacional continuou hoje a discussão, na ordem do dia, da proposta de alteração da lei eleitoral.

No período antes da ordem do dia, o deputado sr. José Alberto de Carvalho congratulou-se com a anunciada melhoria dos vencimentos dos professores, recordando o que ali dissera, a propósito da situação verdadeiramente aflitiva em que tem vivido o professor primário: «uma das maiores injustiças do nosso tempo»

E acrescentou:

«Se considerarmos as condições em que se processa o trabalho na Direcção-Geral do Ensino Primário, perante tantas dificuldades a resolver tantos impasses a vencer, tantas inibições a dificultar a marcha regular e desejada pelos responsáveis para que o ensino chegue a todos os lugares em moldes capazes e eficientes, poderemos concluir fàcilmente da minha razão e dos prejuízos já advindos para a causa da educação com a solução tardia, prejuízos mais evidentes e com mais graves consequências no futuro, mas já bem sentidos no presente. Isto deve-se precisamente porque se tem pensado ser possível conseguir melhorar e progredir sem que antecipadamente se assegurem as infra-estruturas indispensáveis ao lançamento das reformas, às quais se pensam e realizam contando, em larga medida, com a devoção e o sacrifício dos funcionários, muito para além do dever. A experiência feita com o lançamento do Ciclo Preparatório do Ensino Secundário e a forma como esse ensino se está a processar devem ser exemplo bastante para que se pondere quanto ao futuro, de forma a evitarem-se atitudes precipitadas e situações de desigualdade e de injustiça»

Considerou, depois, no campo das necessidades mais prementes, «a revisão da situação do pessoal das secretarias das Direcções Escolares, o qual, limitado a um quadro restrito, se vê privado de acesso para além da categoria de 3.º oficial. Não se compreende a razão por que se não constitui um quadro único para os diversos serviços do Ministério da Educação Nacional, com direito de acesso a todos quantos dele façam parte, proporcionando-se, desta maneira, uma actualização e um interesse que não podem existir quando a estagnação numa escala de reduzida retribuição económica é a única solução: Para melhor se avaliar da angústia desta situação, bastará referir que muitos funcionários dessas Direcções Escolares, mesmo possuindo habilitações indispensáveis, atingem o tempo da reforma sem que tenham conseguido ver chegada a oportunidade de promoção para além de 1.º escriturário, isto quando se entendeu extinguir a categoria de 3.º oficial nos quadros das secretarias das escolas comerciais e industrias, a qual foi substituída pela de 2.º oficial.»

Voltando ao problema do vencimento dos professores primários, aquele deputado acentuou ter sido «um passo bem dado, no caminho certo, mais pelo que representa de dignificação da classe, do que pelo que vale em melhoria económica». Constituia uma aspiração de trinta anos.

E a certa altura, afirmou que «se atendermos a que o exercício desta profissão exige, para além do curso geral dos liceus uma preparação especializada comparativamente poderemos concluir ser mais justo conceder ao professor no início da sua carreira, a posição de 2.º oficial, elevada por diuturnidades á de 1.º oficial, meta a atingir no máximo de 20 anos de serviço. É uma posição a conseguir no futuro, quando as condições económicas do País o permitirem.»

Concluiu por agradecer, em nome dos professores, a decisão do ministro da Educação, agradecendo, também, á Imprensa o interesse que sempre manifestou pela situação do professorado primário.

As Subintendências de Pecuária

Também no período antes da ordem do dia, o deputado sr. dr. Teófilo Lopes Frazão congratulou-se pela recente criação das Subintendências de Pecuária, pelo que resultará de promoção económica e sanitária do País e de justiça para os veterinários municipais. Recordou o exemplo do prof. Eugénio Tropa, e terminou com um agradecimento ao secretário de Estado da Agricultura, «que tudo fez para o vingar da reforma».

Os caminhos-de-ferro devem servir convenientemente o Alentejo

Ainda antes da ordem do dia, o deputado sr. Cutileiro Ferreira ocupou-se da necessidade de rever convenientemente o traçado das ligações ferroviárias, nomeadamente no que se refere ao Alentejo E afirmou a certa altura:

«Construíram-se linhas com terminais absurdos, outras não tiveram as ligações previstas, e, muitas outras, tiveram traçados de exploração antieconómica.

FIM DE TARDE EM S. BENTO

★ *A Assembleia Nacional começou ontem a discutir, na generalidade, a proposta de alteração á lei eleitoral. Ontem, apenas um orador falou no período da ordem do dia, o deputado por Viseu, sr. dr. Marques Teixeira. Deu a sua concordancia á proposta, na generalidade, mas quanto aos analfabetos, apoiou a emenda sugerida pela Camara Corporativa: os que já podiam votar deveriam manter esse direito.*

★ Não foi, portanto, na ordem do dia que esteve o maior interesse da sessão de ontem, mas no período antes da ordem, em que usaram da palavra seis deputados, dois deles verberando a «agitação académica»: o sr. dr. Braamcamp Sobral, de Santarém, e o sr. dr. Aníbal Correia, de Leiria.

★ *Foi, porém, a voz forte do deputado por Lisboa, sr. Francisco Cazal-Ribeiro, que ontem levantou mais ecos e despertou mais reacções no hemiciclo. Ao analisar com palavras de vibrante e intensa admiração a obra do Presidente Salazar, afirmou: «Não desejaria, com efeito, poder ser acusado de tirar conclusões precipitadas, nem, sobretudo, dar a impressão de que, por mim, quer como deputado da Nação, quer como português atento e patriota, recusava o crédito pedido ao País pelo sr. Presidente do Conselho, quando da sua investidura, no dia 27 do passado mês de Setembro. Longe de mim tal ideia!»*

★ O deputado Cazal-Ribeiro disse noutra altura: «Mas, a hesitação a que me referi no início destas descoloridas palavras, que já vão longas, e que resistiu ao desejo frenéticamente apregoado de se contestar, de se fazerem aberturas, de se liberalizar e de arejar, começou a vacilar perante alguns ataques injustos, insinuações inconvenientes, cavilosamente enunciadas, quer vindas do nordeste trasmontano, quer glosadas por certos elementos sedentos de uma liberdade, usada muitas vezes apenas para fins de destruição de uma unidade indispensável. Somos um país em guerra, embora a muitos convenha ignorá-lo, para maior facilidade nos seus manejos e nas suas ambições!»

★ *Houve uma interrupção do deputado trasmontano sr. eng.º Virgílio Cruz O orador explicou que não era com ele. O «leader», sr. conselheiro Albino dos Reis, teve uma intervenção, em que defendeu a personalidade que falara em «Primavera política».*

O deputado sr. Cazal-Ribeiro deu a seguinte explicação: «Quero esclarecer que não me referi, no meu discurso, á individualidade que criou a expressão «Primavera política». Quis referir-me, sim, ao sr. eng.º Camilo Mendonça, ás declarações que proferiu na cerimónia da transmissão de poderes do governador civil de Bragança. Portanto, o sr. dr. enganou-se!»

★ Foi um momento de emoção. O deputado sr. Francisco Cazal-Ribeiro, quando terminou, foi muito cumprimentado. O primeiro a abraçá-lo foi o sr. dr. Castro Fernandes.

Posse da nova comissão executiva da U. N.

Decorre amanhã, ás 18 horas, na sede da União Nacional, a posse da nova comissão executiva, composta pelos srs. dr. José Guilherme de Melo e Castro (presidente), dr. Domingos Braga da Cruz, dr. Miguel Pádua Rodrigues Bastos, eng.º João Pedro Neves Clara e dr. Hermes dos Santos.

A posse é conferida pelo sr. conselheiro Albino dos Reis, vice-presidente da comissão central.

VIDA SOCIAL

DR. LUCIANO BARATA

Continua na sua casa «Casal Santo António», em Ranholas, acentuando-se-lhe as melhoras, o sr. dr. Luciano Barata, figura prestigiosa de democrata e jurisconsulto, cujo estado de saúde muito tem preocupado os seus amigos.

MAJOR SILVA PAIS

Regressou, esta manhã, a Lisboa, vindo do Ultramar, o major Silva Pais, director da P.I.D.E., o qual inspeccionou os serviços e a actividade da corporação em Moçambique e em Angola.

OS FRITOS DE NATAL DO MINHO AO ALGARVE

As leitoras interessadas na rubrica «Os fritos de Natal do Minho ao Algarve» subscrita pela nossa prezada colaboradora Maria de Lourdes Modesto, e publicada no suplemento «Da Mulher e da Criança» de ontem, devem proceder á rectificação do seguinte: na receita das «Filhós de Laranja» onde se lê «Estenda e corte rolinhos e enrole-os em volta de massa crua» deve ler-se: «Estenda e corte tirinhas e enrole-as em volta de uma cana»; na receita de «Nógado á moda do Alto Alentejo» deve subentender-se que a preparação da massa é idêntica á do «Nógado do Baixo Alentejo» Assim onde se lê «Prepare a massa como a receita anterior», deve ler-se: «Prepare a massa como para a receita do Nógado á moda do Baixo Alentejo».

O MONTEPIO GERAL PREVÊ PARA 1969 UM SALDO POSITIVO DE 37 750 CONTOS

O orçamento conjunto do Montepio Geral e da Caixa Económica de Lisboa, sua anexa, prevê, para 1969 depois de incorporadas nos Fundos de Reserva as verbas que lhe são destinadas, um saldo positivo de 37 750 contos — foi ontem revelado na assembleia geral daquela instituição de crédito, convocada para apreciação dos orçamentos de receita e despesa do próximo ano, e outros documentos (que aprovou por unanimidade), e para eleição dos seus corpos sociais.

As receitas deverão elevar-se a um total de 192 832 contos (44 423 do Montepio e 148 408 da C. E. L.) e as despesas a 145 998 (respectivamente 33 923 e 112 075 contos), esperando-se ainda, quanto à Caixa Económica, uma subida de 1650 contos no remanescente do saldo, depois de feitas as integrações nos Fundos de Reserva. A assembleia aprovou também a tabela de títulos de crédito admissíveis para canção de empréstimos.

Entretanto, a eleição dos corpos sociais para 1969 deu o seguinte resultado:

Assembleia geral: presidente, conselheiro dr. António Lopes Vaz Pereira; vice-presidente, dr. Barahona Fragoso Tavares; 1.º secretário, Carlos Emílio Bastos de Assis Camilo; 2.º secretário, Jorge Ereira de Araujo; vice-secretários, dr. Samuel Duarte Ferreira e eng.ª D. Décia Frazão Caetano Carreira.

Direcção (efectivos): presidente general Afonso May; vice-presidente, conselheiro dr. Silva Cardoso; secretário, dr. Herculano Zacarias Vilela; vice-secretário, José Pedro Roque Gameiro Martins Barata; tesoureiro, coronel Francisco Caetano Dias; vice-tesoureiro, comandante José Martins; vogais, eng.º Augusto Manuel Antas de Barros, comandante Manuel Luís de Bastos e eng.º Mário Gonçalves Ferreira.

Conselho fiscal (efectivos): presidente dr. José Guerreiro Murta; secretário, Fernando Ferreira Lima; relator, Francisco Maria de Sousa e Castro; vogais, brigadeiro Armando Martins Dias Rocha e coronel António da Camara Leme de França Dória.

Examine bem o Simca 1100.

Examine bem os concorrentes.

E que vença o melhor.

SIMCA PORTUGUESA
Avenida de Roma, nº 15b – LISBOA

E SEUS CONCESSIONÁRIOS DISTRITAIS

adapt.

ECOS

AO mesmo tempo que o Parlamento checoslovaco se prepara para aprovar as leis que permitirão criar as instituições federais garantidas por Alexandre Dubcek e que o comité central do P. C. checo afirma expressamente, segundo correspondência de Amber Bousoglou, publicada em Le Monde, **a necessidade de criar ràpidamente condições que permitam «um desenvolvimento total dos direitos democráticos e da liberdade de cidadãos», noticia-se que a Roménia e a Alemanha Oriental vão negociar um tratado de amizade.** Que conclusões tirar destas informações à primeira vista quase contraditórias ou, pelo menos, um tanto insólitas? Parece evidente que a cooperação entre as repúblicas populares saiu reforçada da angustiosa crise que levou a Praga os tanques russos. O Pacto de Varsóvia e o Comecon são agora intangíveis. Mas, por outro lado, também se verifica que tanto na Checoslováquia como na Roménia será muito difícil, senão impossível, estrangular as flores que a Primavera fez eclodir. A liberdade dentro do socialismo popular tornou-se, vai-se tornar efectivamente, uma realidade invencível?

★

O «Mar Alto», jornal jovem e vivo que se publica semanalmente na Figueira da Foz, chama a atenção, no seu último número, em artigo assinado por Rui Guerra, para a urgência de se arbitrar uma política que atenda à conservação da paisagem citadina e rural. Aproveitamos a deixa para referirmos, no melhor dos propósitos, ou seja, no da defesa do património nacional, os barbarismos com que a iniciativa privada está desfigurando o Algarve. É certo, por um lado, que importa assegurar tão depressa quanto possível ao turista estrangeiro uma rede de hotéis e restaurantes, e até de moradias para o Verão, que o incitem a visitar-nos com demora. Mas tão-pouco podemos esquecer que a destruição do estilo arquitectónico local, os atentados à beleza harmónica das falésias, em cujos cimos estão nascendo, aqui e ali, algumas edificações de pesadelo, todos esses gravames impostos à natureza e aos brancos povoados de feitiço acabarão por secar o filão que determinou a benéfica invasão turística. Se em Paris há bairros onde não se pode construir sem respeitar a euritmia pré-existente, porque não há-de ser (em benefício público) condicionado o estilo das edificações no Algarve a um «comité» de salvação do gosto e da etnologia?

★

NUMEROSOS jornalistas de diversos países visitaram em Outubro passado duas das mais importantes centrais açucareiras cubanas, que vão em breve ser equipadas com material de concepção nova proveniente da Alemanha do Leste e da Polónia. Estas centrais, agora extremamente modernizadas, entrarão, a partir de Janeiro, numa fase de laboração que se prevê muito rentável, segundo correspondência de Saverio Tutino inserta em **Le Monde** e corroborada por especialistas de vária proveniência. As fontes oficiais anunciam, aliás, a modernização de dois terços das cento e cinquenta centrais açucareiras de Cuba e prevêem para breve uma produção de cento e cinquenta toneladas diárias. A renovação estende-se ainda, a quatro aspectos: introdução de um sistema de plantação nunca até agora utilizado; emprego intensivo de adubos químicos; multiplicação por quatro das possibilidades de irrigação; e utilização de uma nova variedade de cana de açúcar. Quanto à reacção popular, é, ao que parece, de uma fraternidade e pureza que maravilham os visitantes católicos. Uma reunião de homens trabalhando de sua livre vontade, com meios de produção comuns e despendendo, segundo um plano combinado, as suas forças individuais como uma só força de trabalho social.

NOVOS VENTOS SOPRAM PARA A PSIQUIATRIA (CONCLUS

RESPONSABILIZAR A SOC
PELA CRIAÇÃO DE FALSOS V

O teatro pressupõe a existência de público. Nesse pressuposto está contida (para o verdadeiro teatro) a intenção de agir sobre a mentalidade da plateia. O autor, por intermédio dos actores e da encenação, agi-

O comandante Keeney e o imediato Slocum sacam das pistolas para dominar a tentativa de revolta a bordo do baleeiro «Rainha do Atlântico»

ta a consciência do público. Este acorre para que lhe agitem o espírito, para que lhe apresentem os problemas. Sem inquietação de espírito, sem debate, sem crítica e auto-crítica não há verdadeira cultura, não há verdadeiro progresso, não há compreensão integral, não há, em suma, humanidade em toda a extensão possível do real valor de cada um de nós.

Isto que é verdade para o teatro em geral, aplica-se inteiramente ao psicodrama; aplica-se à iniciativa levada a efeito pelo Grupo de Teatro Experimental do Hospital Júlio de Matos; aplica-se à peça que este mesmo agrupamento vai apresentar ao público, amanhã à tarde, no salão de festas daquele estabelecimento hospitalar.

O prosseguimento do ensaio geral a que assistimos forneceu belos exemplos demonstrativos daqueles preceitos que andam na cabeça de toda a gente, mas precisam de ser avivados.

A revolta a bordo

A intransigência do comandante David Keeney em não querer regressar, com o barco quase vazio de óleo de baleia, dois anos depois de ter saído de Homeport, levou a tripulação à revolta. Os víveres escasseavam, o contrato de cada um deles tinha expirado nesse dia. Ao Sul, começava o degelo. O «Rainha do Atlântico» podia finalmente mover-se, após quase um ano de imobilização no gelo. Keeney (Ângelo Carvalho), um duro, dominou a sedição de revólver em punho, depois de ter agredido o porta-voz dos rebeldes. Foi auxiliado pelo imediato Slocum (Eduardo Borges).

REPORTAGEM:
RENATO BOAVENTURA
JOÃO RIBEIRO

A mulher, aflita com o decurso dos acontecimentos, intervém, depois de os revoltosos terem abandonado a câmara do capitão:

ANNIE (Maria Otília): Não posso suportar isto! Não posso suportar isto por mais tempo!

(Interrupção imediata da encenadora):

— *Não, Otília, não. Olha para ali, para a plateia, uns quatro metros acima das cabeças dos espectadores. Ali é que está tudo quanto não podes suportar. Tens de os responsabilizar, tens de os colocar dentro da acção que vives. Tens de os fazer viver a tua vida.*

Virgínia crispa-se, toma fôlego e despeja outra recomendação:

— *É a sociedade que paga a homens para arranjar óleo, seja lá como for, e cria estas situações e delas se deso-*

Para jugular um começo de sedição, o comandante Keeney agride duramente Joe, o harpoador, que chefiava os revoltosos. Estes, embora de armas em punho, não tardarão a ser dominados pelas pistolas do comandante e do imediato

DIVULGADO O PROGRAMA DA TEMPORADA DE ÓPERA DO TEATRO DE SÃO CARLOS

Acaba de ser distribuído o calendário da próxima temporada de ópera do Teatro Nacional de São Carlos, a qual abre no dia 10 de Janeiro, com a estreia em Portugal de «Bodas de Sangue», sobre original de Federico Garcia Lorca, traduzido para o alemão por Enrique Beck, com música de Wolfgang Fortner, espectáculo que será repetido no dia 12, à tarde.

O programa prossegue, no dia 17 (repetição na tarde de 19), com «O Cavaleiro da Rosa», música de Strauss; no dia 24, «O Navio Fantasma», palavras e música de Wagner (repetição em 26); «Fátima», «Rosa de Papel» e «Crisfal», três óperas portuguesas, com música de Ruy Coelho, por um elenco nacional, constituído por Maria Cristina Castro, Maria Teresa Nina, Elsa Saque, Maria Luísa Viegas, Guilherme Kjölner, Hugo Casais e Álvaro Malta, no dia 31 (repetição em 2 de Fevereiro); «Louise», palavras e música de Gustav Charpentier, no dia 13 de Fevereiro (repetição em 15); «Werther», de Massenet, no dia 21 de Fevereiro (repetição em 23); «Aida», de Verdi, no dia 6 de Março (repetição em 9); «Os Puritanos», no dia 14 de Março (repetição em 16); «Cavalleria Rusticana», de Mascagni e «Os Palhaços», de Leoncavallo, no dia 21 (repetição em 23); e, para fecho da temporada no dia 28 de Março, «Fedora», de Umberto Giordiano, espectáculo que será repetido no dia 30.

gala
TUDO PARA O HOMEM ELEGANTE
Malhas estrangeiras
ALLEN SOLLY
BERNHARD ALTEMAN
BARRIE
PIERRE CONTE
PRINGLE
BYFORD
SAVOURÉ
SCHIATTI
Uma casa de classe para uma clientela de classe
Rua Santa Justa, 46

CONFIE NA
Ourivesaria da GUIA
COMO O FAZ, HÁ QUASE 100 ANOS, UMA CLIENTELA CADA VEZ MAIS NUMEROSA
RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)
FUNDADA EM 1870

LOTARIA DO NATAL
50.000 CONTOS
NUNCA LHE SAIU A SORTE GRANDE HABILITE-SE NO
VARETA
RUA DO CARMO, 89
LISBOA

CHOCOLATES TAGIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELUZ
JÓIAS
Antigas e modernas. Compra cobrindo todas as ofertas ● OURIVESARIA PIMENTA ● Rua Augusta, 253.

POR FAVOR!
NÃO ESQUEÇA
NÃO CONFUNDA
A GRANDE OURIVESARIA DA MODA é na RUA DA PRATA, 257, com mais de meio século de existência.

No CACÉM o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na TABACARIA NELITO

CLUSÃO)

)CIEDADE VALORES

o de de ou vi- ra- ha ul, ai- fi- s za- ge- do- ver

briga com a exaltação do heroísmo dos comandantes que querem regressar com os porões cheios de barris. E' preciso consciencializar disso a sociedade. Os burgueses estão anestesiados, auto-anestesiados. E se não acreditas no [illegible] e digo escuta bem a resposta do teu marido á tua deixa lancinante:

KEENEY (docemente): Suportar o quê Annie?

ANNIE (convulsivamente): Toda esta horrível brutalidade e estes homens que são

(Continua na 21.ª página)

Uma cena dramática entre o comandante e sua mulher

RA

ter re- elo rdo

de- tos, vol- a

ia): Não nais

da

lha uns ca. Ali não os os que ver ue ldo

NOVO CASINO ESTORIL

apresenta

ELLEN DE LIMA

VEDETA DA CANÇÃO BRASILEIRA

LEO BASSI

CARLOS BARRA

BONJOUR PARIS SHOW

de Doriss Haug

JIRINA'S COMBO

OS "SHEIKS"

JORGE COSTA PINTO

E SUA ORQUESTRA

no grande salão restaurante às 23.30h m/17 anos — no wonder bar à 1.00h m/21 anos

No Cinema, ás 17 e 21.30 h.
«ANTES QUE CASES...»
(M. 12 anos)

Torre de Babel

por João Medina

O LAMENTO DUM NEGRO

Era uma vez um negro que se considerava prejudicado pelo facto de ter nascido com uma pele escura, em vez de ter, como os europeus, uma cor que não suscita ódios nem vexames. Agravado por aquilo que supunha constituir um desfavor somático ùnicamente imputável à Providência, o negro vestiu-se a primor, calçou os melhores sapatos, escolheu a gravata mais bonita, pôs um cravo vermelho na botoeira do casaco e foi ter com Deus. Chegado ao pé d'Ele, falou nestes termos:

— Venho ter contigo, Senhor, porque me considero agravado pelo facto de ter nascido negro em vez de branco ...

— E porque te julgas tu prejudicado por teres nascido negro e não branco?

— Por tudo. Um exemplo: porque nasci eu com estas pernas tão longas?

— Criei-te com as pernas mais longas do que as pernas das outras raças de modo que pudesses correr na savana; o europeu vive na aldeia ou na cidade e não precisa de correr. A Europa é pacata. Criando-te, meu filho, com as pernas mais longas do que as dum habitante de Viena ou de Amsterdão, dei-te, portanto, uma vantagem apreciável ..

— E porque me deste estes braços tão compridos, meu Deus?

— Fi-lo igualmente a pensar no teu bem: para melhor subires às árvores quando fosses perseguido pelos leões, pelos rinocerontes ou pelos leopardos. Graças a esses longos braços de que te queixas estás assim mais apto a defender-te dos animais ferozes. O europeu não precisa de braços compridos, já que os animais ferozes que conhece se chamam «impostos», «multas», «fim do mês»...

— Bem. E porque me dese esta pele que é negra como a noite? Saberás acaso — sim, Tu sabes porque és omnisciente— as humilhações, os horrores, os mil incómodos e tormentos que esta maldita cor me tem trazido?

— Como te queixas de tudo, meu filho! E no entanto, se fosses imparcial, havias de considerar a cor da tua pele como um bem e não como um dano. Pois repara: graças a ela podem os negros esconder-se na floresta, acoitando-se melhor do que ninguém precisamente por causa dessa subtil camuflagem que é a cor da pele deles! Pensa agora no cómico que seria um branco escondido na floresta ...

— Perfeito. Sou forçado, confesso, a dar-Te razão uma vez ainda. Mas os meus cabelos, porque os fizeste tão encarapinhados? Também aqui me quiseste privilegiar?

— Claro, meu filho. Se Eu te tivesse dado, por exemplo, cabelos loiros e lisos como os dos europeus, a tua cabeleira fàcilmente se prenderia aos espinhos da selva. Graças à tua carapinha, meu filho, podes correr pela vegetação mais densa e eriçada de espinhos sem que os teus cabelos se prendam aos dedos das árvores ou dos arbustos ...

— Perfeito. Vejo que em tudo o que fizeste havia portanto um intuito oculto mas salutar: pensavas no meu bem ...

— Vês...? E então de que te queixas? Porque me vieste ver? Porque me vieste expor os teus agravos imaginários? Não te dei só defesas e vantagens quando te criei como és, com os cabelos encarapinhados, a pele negra, os braços e as pernas longas?

— Sim, meu Senhor. Mas se, como dizes, pensaste sempre no meu bem, porque me fizeste nascer em Chicago?!

Strabourg, Janeiro de 1969.

J. M.

Reuniu-se o Conselho da Corporação do Comércio

Em sessão ordinária, reuniu-se o Conselho da Corporação do Comércio, presidindo aos trabalhos o sr. Manuel Alberto Andrade e Sousa. Na reunião foram discutidos e apreciados o orçamento suplementar para o ano de 1968 e o orçamento ordinário para o ano de 1969.

O sr. Manuel Alberto Andrade e Sousa, referiu-se ás audiências concedidas aos presidentes das Corporações pelo Presidente do Conselho, em cerimónia publica e em reunião privada, as quais, segundo disse, tiveram significado especial para a política corporativa portuguesa. A este propósito acrescentou: «Assim, para além do que fora dado a conhecer na Imprensa, ficou a certeza de que as Corporações como cupula da organização dos vários sectores nela integrados, deverão vir a cumprir todas as funções que lhes são atribuídas pelos princípios em que se estrutura o nosso sistema corporativo.

«Como primeira manifestação desta realidade, verificou-se o facto de os presidentes das Corporações terem passado a fazer parte do Conselho da Presidência da Camara Corporativa.»

Apontou, a seguir, os projectos de diplomas recentemente remetidos áquele Conselho, para parecer da Camara Corporativa, salientando, pela sua importancia e projecção, aqueles que se referem especialmente aos trabalhadores, tendo em vista a regulamentação dos acordos colectivos de trabalho e as alterações a introduzir no Decreto-Lei n.º 23 050, relativo á vida dos sindicatos. Deu a conhecer que, por deliberação da direcção e dos vice-presidentes das secções, elaborou e enviou ao Presidente do Conselho um relatório com a análise da actual posição da conjuntura económica nacional e as suas naturais incidências nas actividades comerciais.

Fez larga exposição quanto á forma satisfatória como tem decorrido a execução do determinado no Decreto-Lei n.º 48 261, que regula as actividades comerciais, dando a conhecer o interesse demonstrado pelos organismos que intervêm nas diversas actividades do comércio, no tocante á necessidade de se apressar a contextura dos respectivos regulamentos melhor meio de evitar as muitas anomalias que se vêm verificando na prática de actos comerciais.

Informou que já foram enviados ao Governo os projectos de regulamentos relativos ás seguintes actividades: *Armazenista* — regulamento económico dos depositários de tabacos; *Importação* — regulamento do comércio do algodão em rama, já aprovado; *Retalhista* — regulamento do comércio retalhista de mercearia, e *Exportação* — regulamento dos exportadores de frutas e produtos hortícolas, e regulamento dos exportadores de texteis.

CHAPÉUS

PALMARES

O SEU "CHIC" E A SUA CATEGORIA SÃO INTRANSMISSÍVEIS!

NOVIDADES DE NATAL

Verbo Infantil

PIMPÃO ASTRONAUTA
PIMPÃO PROCURA EMPREGO
col. Aventuras de Pimpão 25$00

OS CISNES SELVAGENS
BRANCA DE NEVE
col. Verbo Gigante 40$00

ANITA NO CARROCEL
O LOBO MEU AMIGO
col. Verbo Infantil 25$00

"AGUACEIRO" E O FANTASMA
de Berthe Bernage

A TERRA-NATAL
de Ricardo Alberty
col. Biblioteca da Juventude 30$00

OS NAVIOS
col. Imagem 30$00

Verbo Juvenil

MARAVILHAS DA TERRA
VOOS INTERPLANETÁRIOS
col. Ver e Saber 35$00

ANTIGO TESTAMENTO
Grande Biblia Ilustrada 100$00

Actualidade internacional

O LANCAMENTO DA «APOLO 8»

Condições de tempo satisfatórias

(Continuação da 1.ª página)

numa nave espacial de treino, a ensaiarem processos de emergência, para o caso de qualquer desarranjo de envergadura no regresso á Terra, marcado para 27. Estão planeados mais ensaios desse tipo.

A maior parte da actividade, durante o dia de ontem, na rampa de lançamento, foi devotada a tirar equipamento de experiência da nave e a instalar painéis de voo, incluindo as baterias a utilizar durante os minutos finais da missão de seis dias.

Passou ontem o décimo aniversário do lançamento do primeiro satélite rudimentar de comunicações norte-americano, que foi para o espaço num foguetão «Atlas» sendo colocado em órbita com uma mensagem de saudações de Natal para todo o Mundo, gravada pelo presidente Eisenhower.

O satélite de comunicações que foi lançado a noite passada, pesa 286 quilos e é o segundo de uma nova geração de estações de rádio-rastreio construídas pela Comsat Corp e pelos 62 países seus associados.

A Comsat tem agora quatro satélites em operações, dois sobre o Atlântico e dois sobre o Pacífico, cada um deles com capacidade para 240 conversações telefónicas simultâneas ou um programa de televisão. O novo satélite, «Intelsat 3», pode manejar cinco vezes mais tráfego de comunicações de que o seu antecessor e custou o dobro.

O primeiro satélite «Intelsat 3» foi destruído porque o seu foguetão propulsor «Delta» explodiu pouco depois do lançamento, em Stembro. Porém, depois desse acidente, três «Deltas» já foram lançados com êxito.

Quanto custa o voo circunlunar

NOVA YORK, 19 — (F. P.) — Traduzida a cifras, a empresa da «Apolo 8» é a mais colossal assumida pelo Homem.

Começando pelo custo da operação: 335 milhões de dólares (9 574 500 contos), tendo o «Saturno» (foguetão portador) custado 205 milhões, a cabina 55 milhões e as operações no solo, incluindo a recuperação no Pacífico, 65 milhões. Dez milhões custou o «módulo lunar» que não será utilizado desta vez e que é o veículo para o desembarque na Lua.

Os preparativos do lançamento empregaram 350 000 cientistas, técnicos, empregados e operários, trabalhando para 20 mil companhias diferentes, que entraram na elaboração do conjunto «Saturno»-«Apolo». A N.A.S.A. edificou um complexo de 35 mil hectares (custo: um bilião de dólares — ou 28 500 000 contos) onde no maior hangar do Mundo (3 861 000 metros cubicos) foi montado o «Saturno». O foguetão foi dali transportado para a sua torre de lançamento, por um veículo dispondo de uma superfície de transporte de 2079 metros quadrados, deslocando-se numa pista especialmente construída para poder suportar oito milhões de quilos que tem o «Saturno» com a sua plataforma.

Este «Saturno» — o numero cinco — mede 85 metros, pesa 3100 toneladas, das quais 2835 de carburantes líquidos. Compõe-se de três milhões de peças diferentes e possui cinco motores que desenvolvem 3 375 000 quilos de impulso.

Para os três cosmonautas foram confeccionados fatos especiais, no valor de perto de 35 000 dólares (997 500 escudos) cada um. Nos seis dias de voo os cosmonautas consomem comidas desidratadas especialmente preparadas e no valor de uns 77 contos. No total levam a bordo 142 a 148 quilos de provisões alim...

A situação na Faculdade de Nanterre

PARIS, 19 (F. P.) — Os professores de Nanterre filiados no S. N. E.-S. U. P. (Sindicato Nacional do Ensino Superior) decidiram voltar a trabalhar na quinta-feira «de acordo com a promessa feita pelo ministro da Educação de mandar retirar a Polícia e de libertar uma estudante presa»

Em Nantes, os estudantes da Faculdade de Letras, em greve há mais de uma semana, decidiram regressar ás aulas a partir de quinta-feira

O PLANO DE VOO

CENTRO ESPACIAL DE HOUSTON (Texas), 19 — (A. N. I.) — O plano de voo da «Apolo 8» prevê que três homens dêem dez voltas á Lua, cobrindo oitocentos mil quilómetros em seis dias e três horas.

Foram já distribuídos os pontos essenciais desse plano, dia-a-dia, com a partida ás 7 horas e 51 minutos do dia 21 na Florida (13 horas e 51 em Lisboa). A tabela é a seguinte (em hora T. M. G., menos uma do que em Lisboa):

SABADO, 21

12.51 — Entram em actividade os fogueões do «Saturno 5», em Cape Kennedy, elevando-se no espaço os astronautas Frank Borman, James Lovell e William Anders.

A «Apolo 8», com o andar superior do «Saturno» ainda ligado, entra na órbita terrestre a 191,5 quilómetros de altitude. Fica nessa órbita durante uma revolução e três quartos, para a verificação de todos os sistemas.

15.42 — Os astronautas põem novamente em acção o andar superior do foguetão e afastam-se da órbita terrestre, rumo á Lua, que está a quatrocentos mil quilómetros.

16.00 — A cápsula «Apolo 8» separa-se do «Saturno» e viaja por si própria.

21.50 — Os astronautas têm a primeira de quatro oportunidades para aumentar a potência dos foguetões da nave, se necessário, para melhorar a sua corrida para a Lua. Neste ponto estão a mais de 80 500 quilómetros da Terra.

DOMINGO, 22

16.50 — Segunda oportunidade para efectuar correcções, se necessário. A nave está a mais de 161 mil quilómetros da Terra. Realiza-se a primeira das seis emissões directas de Televisão previstas, apresentando os astronautas e dando imagens do panorama que se abarca das janelas (programa de quinze minutos).

SEGUNDA-FEIRA, 23

A mais de três quartos do caminho, os astronautas voltam a poder ajustar o seu rumo, com o accionamento dos foguetões.

18.05 — Segunda emissão directa de Televisão. Vê-se a Lua, a 40 mil quilómetros, e os demais corpos celestes próximos da nave (programa de quinze minutos).

18.50 — Os astronautas têm a ultima oportunidade para ajustar ligeiramente o seu rumo, para que passem por trás da Lua a uma altitude que garanta, depois da passagem além da Lua, o regresso á Terra, se o principal foguetão não funcionar para os colocar em órbita lunar.

TERÇA-FEIRA, 24

7.51 — A «Apolo 8», virada para a Lua durante a maior parte da jornada, volta-se quando se prepara para passar por trás do satélite. Os astronautas olham para a Terra, com o motor principal apontado á direcção em que viajam, pronto a funcionar como travão espacial.

9.59 — Os astronautas accionam o motor ou foguetão principal, travando a «Apolo 8», de forma a fazê-la entrar em órbita lunar. Esta manobra efectua-se para além da Lua, fora de contacto com a Terra.

12.30 — Os astronautas apresentam a sua primeira emissão de TV em órbita lunar. Esperam mostrar como vêem a superfície lunar, entre 111 e 3169 quilómetros abaixo deles, visível das janelas da «Apolo 8» (programa de doze minutos).

O foguetão principal trava pela segunda vez, novamente para além da Lua, e coloca os astronautas em órbita circular, para oito revoluções.

QUARTA-FEIRA, 25

2.30 — Borman, Lovell e Anders apresentam uma transmissão especial de Natal, directa da «Apolo 8», durante a penultima órbita lunar. O «espectáculo» pode incluir aspectos da Terra vistos da Lua (programa de vinte minutos).

6.06 — Ao passar por trás da Lua pela ultima vez Borman acciona o foguetão principal, para acelerar a nave e libertá-la da órbita lunar, trazendo-a de regresso á Terra.

6.11 — Os astronautas surgem por detrás da Lua e entram em contacto com as estações terrestres de rastreio.

18.50 — A tripulação lunar pode fazer a primeira das três correcções de rumo previstas para o regresso, se necessárias.

21.05 — Quinto programa de Televisão (12 minutos).

QUINTA-FEIRA, 26

14.50 — Segunda oportunidade para correcção de rumo. Ultima transmissão de TV do interior da «Apolo 8», apresentando a Terra, que vai parecendo cada vez maior através das janelas da nave.

SEXTA-FEIRA, 27

13.40 — Os astronautas fazem a ultima correcção de rumo, colocando-se no caminho preciso para a descida no Oceano Pacífico.

15.26 — A tripulação separa a cabina cónica da «Apolo 8» do seu módulo de serviço, fazendo avançar a cabina, numa reentrada a 40 250 quilómetros por hora.

15.40 — A «Apolo 8», como um meteoro, entra na atmosfera terrestre.

15.54 — Borman, Lovell e Anders caiem no Oceano Pacífico, próximo da ilha do Natal, a sudoeste de Hawai. Devem ser recolhidos por helicópteros do porta-aviões norte-americano «Yorktown».

Dois dos cosmonautas já estiveram no espaço

CAPE KENNEDY (Florida), 19 — (A. N. I.) — Dois astronautas da «Apolo 8» já estiveram juntos no espaço e são detentores do máximo mundial de permanência em órbita.

O comandante Frank Borman foi companheiro de James Lovell na «Gémeos 7», em Dezembro de 1965, e ambos estiveram em órbita terrestre duas semanas — ou um total de 330 horas e 35 minutos.

Pertence-lhes ainda o máximo mundial do voo mais longo com dois tripulantes, em que percorreram 9,1 milhões de quilómetros. E fizeram o primeiro encontro espacial tripulado, quando voaram a par da «Gémeos 6»

Lovell conseguiu depois ultrapassar Bormann, acrescentando quatro dias ao seu máximo de permanência no espaço, como comandante da «Gémeos 12», em Novembro de 1966.

Até agora, os russos estabeleceram quatro máximos espaciais e os norte-americanos vinte.

Vinte e dois astronautas dos Estados Unidos já perfizeram 2253 horas e 52 minutos no espaço. O total russo, depois do voo de quatro dias da «Soyuz 3», em Outubro, é apenas de 629 horas.

Preparativos nos Açores para a eventual recuperação da «Apolo 8» no Atlântico

RAMSTEIN (Alemanha Ocidental), 19 — (A. N. I.) — O comando da Força Aérea dos Estados Unidos tem espalhados aviões de salvamento para os astronautas da «Apolo 8», no caso, imprevisto, de cair a cápsula fora da área de recuperação do Oceano Pacífico — revelou um informador da Força Aérea

O Centro de Recuperação e Salvamento do Espaço Aéreo Atlantico, com base em Ramstein, enviou dois transportes «Hércules» especialmente equipados para a ilha de Ascensão, no meio do Atlantico, e mais dois para a ilha Maurícia, no Oceano Indico, ao largo da costa africana.

Na base aérea das Lajes, nas ilhas portuguesas dos Açores, e na base aérea de Moron, na Espanha, também estão preparadas esquadrilhas de transporte e salvamento aeroespacial para a recuperação da «Apolo 8».

Todos os aviões têm três equipas de pára-quedistas, cada uma constituída por três homens, treinados para recuperação da cápsula espacial, com bóias de flutuação e outro equipamento especial.

A situação no Brasil

(Continuação da 1.ª página)

ciais que tiraram os seus cursos na Escola Superior de Guerra, que sabia que tinha feito o que devia ser feito para preservar a revolução de 1964.

O povo brasileiro, prosseguiu o presidente, não tinha de se preocupar acerca dos seus novos poderes. Aqueles que se tinham de preocupar eram os caluniadores morais e os que beneficiavam da vida sumptuosa e fácil da riqueza ilícita.

Num discurso de improviso, transmitido pela agência nacional oficial, o presidente Costa e Silva declarou que o chefe do Governo não podia permitir a deterioração da revolução por meio de processos insidiosos, falsos e, algumas vezes até mesmo criminosos

Ontem, o jornal independente brasileiro «Diário de Notícias» anunciava na sua coluna política que o Governo revolucionário esmagara uma tentativa de golpe de Estado, que se frustrara.

Um informador governamental, interrogado acerca da notícia na sua conferência diária de Imprensa, disse que a considerava «uma tese muitíssimo similar».

O «Diário de Notícias», citando fontes militares e governamentais, acrescentava: «Elementos tais como o ex-governador Carlos Lacerda, um antigo presidente da Republica, vários parlamentares e elementos representativos de grupos económicos internacionais coligaram-se para tentarem um golpe de Estado, que deveria ser levado a cabo por volta de 20 de Janeiro próximo.»

O informador governamental reiterou, a noite passada, que Carlos Lacerda e o ex-presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira — aliados políticos num movimento oposionista proibido pelo Governo no princípio deste ano — se encontravam agora sob detenção domiciliária.

Ministros militares e civis encontravam-se presentes quando o presidente Costa e Silva pronunciou a sua alocução na Escola Superior de Guerra.

Disse que, dentro de aproximadamente dois anos de Governo, objectivos surpreendentes tinham sido conseguidos no campo administrativo. Infelizmente, o resultado no campo político fora desapontador.

António Tovar de Lemos

FALECEU

Maria Antónia de Sousa Tovar de Lemos, Maria Pia de Sousa Tovar de Lemos, Maria José Cequeira Nunes Tovar de Lemos, Maria Cecília Tovar de Lemos Jalles, Lavinia Tovar de Lemos, Conselheiro Eduardo Tovar de Lemos, mulher e filhos, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu muito querido marido, pai, irmão e tio, realizando-se o seu funeral amanhã, dia 20, pelas 12,30 horas, da Basilica da Estrela, havendo missa de corpo presente pelas 11 horas.

GRAVADORES
ALTA QUALIDADE BAIXO PREÇO

FIDELITY
som mais Fiel...
GIRA-DISCOS
Simples e automáticos
GRAVADORES
de 1 e 3 velocidades, em 2 e 4 pistas
Representantes SABEL Rua de D. Estefânia, 98/A-LISBOA Rua de Sta. Catarina, 1209-PORTO

Johnson convalescente do ataque de gripe

WASHINGTON, 19 — (R.) — O presidente Johnson continua hoje no hospital em convalescença do que parece ter sido um ataque da gripe que alastra por todos os Estados Unidos.

Johnson foi ontem internado no Hospital Naval de Bethesda, com 38,6 de febre. A Casa Branca informou que o presidente sofria também de infecção respiratória, ligeira irritação brônquica, tosse e inflamação na garganta.

O médico da Casa Branca, vice-almirante George Berkeley, prevê que Johnson fique na cama alguns dias, mas tenha alta antes do Natal.

Embora os médicos prescrevessem o máximo repouso possível, o presidente tratará dos assuntos importantes da Casa Branca enquanto estiver internado.

Quando entrou no hospital, Johnson estava bastante rouco e já não se sentia bem há cerca de dois dias.

Em Nova York espera-se que seja atingida pela gripe uma em cada cinco pessoas, antes que a epidemia entre em declínio, o que, segundo os serviços de saúde, se deverá verificar no fim do próximo mês.

A «Apolo 8» girará como frango no espeto

NOVA YORK, 19 — (F. P.) — Qual é a diferença entre o frango no espeto e a nave lunar «Apolo 8»? Nenhuma. Metem-se no espeto e põem-se a girar devagarinho para que assem por igual.

Com efeito, a N. A. S. A. afinou um sistema que permitirá á «Apolo 8» atravessar o cosmos, entre a Terra e a Lua, onde já não existe atmosfera, sem ficar carbonizada num lado pelos raios solares e congelada no outro pelo frio intenso do espaço sideral.

Os três cosmonautas porão a funcionar, logo que se libertem da atracção terrestre, o seu «sistema de «contrôle» térmico passivo» e o veículo começará a girar sobre si mesmo, á razão de uma rotação por hora, de forma a distribuir igualmente o aquecimento dos raios solares. Esta rotação, baptizada pelos técnicos de «Manobra Barbecue», durará até que a nave chege ás proximidades da Lua.

SARGENT SHRIVER PARA A O. N. U.?

NAÇÕES UNIDAS (Nova York), 19 — (F. P.) — Soube-se de fonte autorizada que Sargent Shriver aceitou o cargo de representante permanente dos Estados Unidos nas Nações Unidas, que lhe foi oferecido pelo presidente-eleito, Richard Nixon.

Shriver é presentemente embaixador dos E. U. A. em França. Nixon confirmara na terça-feira, durante a sua visita á O. N. U., que este cargo seria preenchido por um democrático.

Entretanto, o porta-voz do presidente Nixon repetiu que será anunciado antes do fim desta semana o nome do novo representante dos Estados Unidos na O. N. U.

A CEIA DE NATAL DOS «APOLONAUTAS»

CENTRO ESPACIAL DE HOUSTON (Texas), 19 — (A. N. I.) — Os tripulantes da nave «Apolo 8», (aos quais chamam agora «Apolonautas»), não terão uma ceia de Natal como em suas casas, mas vão comer aquilo de que mais gostam. Os três tripulantes da «Apolo 8» já escolheram mesmo as suas ementas, confeccionadas dentro de 35 espécies separadas, que vão do queijo e dos biscoitos ao «spaghetti» e ao molho de carne.

Os alimentos, reduzidos a pó, desidratados e congelados, são metidos em sacos de plástico transparente. Para os poderem consumir, os astronautas devem deitar água quente ou fria para dentro dos sacos, agitarem tudo muito bem — e a refeição está pronta.

Terão também tabletas de alimentos desidratados. Estas tabletas não parecem tão atraentes como a comida dos sacos de plástico mas os astronautas dizem que o sabor é semelhante aos alimentos cozinhados que lhes poderiam ser servidos em casa.

Rapto da filha de um milionário da Florida

ATLANTA, 19 — (R.) — Foi dado um alerta geral por causa do rapto da filha de um milionário da Florida, levada de um hotel apenas em camisa de noite.

Porém, a Polícia e o F.B.I. continuam e recusam-se a fazer comentários sobre o rapto de Barbara Jane Nackale, levada sob a ameaça de armas de fogo, na terça-feira passada, por dois indivíduos que se fizeram passar por inspectores da Polícia.

O pai da jovem, Robert Mackle, tesoureiro-chefe de uma importante firma da Florida, que negoceia em terrenos, partiu de Atlanta na terça-feira, com a mulher e desde essa data não tem aparecido em publico.

Após o rapto, a mulher de Mackle foi encontrada no quarto do hotel, amarrada e amordaçada.

O DESANUVIAMENTO CHINA-E. U. A. NADA TEM DE INCONCEBÍVEL

— afirma Richard Nixon

MONTREAL, 19 — (F. P.) — «Os Estados Unidos não podem pretender comandar a comunidade internacional. Duzentos milhões de norte-americanos não podem garantir nem a segurança militar, nem o desenvolvimento económico de dois biliões de seres humanos», declarou Richard Nixon, numa entrevista ao jornal canadiano «La Presse».

«Os Estados Unidos podem ajudar certos países que pedem protecção militar ou auxílio económico, mas não podem fazer uma guerra por conta de outro povo, em vez deste», continuou o futuro presidente que, quanto ao Vietnam, disse: «Os Estados Unidos devem pôr termo á guerra com a máxima rapidez, após um compromisso honroso obtido em negociações».

A respeito da China Comunista, o presidente eleito declara: «O nosso Governo deverá esforçar-se por convencer o Governo de Pequim de que uma política expansionista pode conduzir á guerra mundial. Conseguimos persuadir disso os dirigentes soviéticos á força de firmeza — graças a Cuba, á Coreia, a Berlim, a N. A. T. O. e a S. E. A. T. O.» — sublinhou. «A longo prazo, um «modus vivendi», um desanuviamento com a China Comunista nada tem de inconcebível».

Contudo, Nixon opõe-se á entrada da China Comunista na O. N. U. «a nossa política deve ser a de tomar em consideração a realidade da China, mas tal não significa que devamos fazer-lhe presentes que só poderiam servir para animar os seus dirigentes a prosseguirem a sua política actual».

Acerca das relações Estados Unidos-Europa, pronuncia-se a favor de um reforço da Aliança Atlantica. «Devemos preocupar-nos menos em dar lições aos nossos aliados do que em prestar mais atenção aos seus conselhos» — assegurou.

Finalmente, interrogado sobre a situação no Médio-Oriente, Nixon afirmou que esta região «tem importancia vital e os seus problemas relacionam-se com os problemas europeus, asiáticos e africanos. Antes de mais nada temos que tentar apagar o rastilho deste paiol de pólvora...

«Temos que discutir com os soviéticos para travar a corrida aos armamentos e reduzir de comum acordo as tensões que ali existem. O Médio Oriente pode ser o deitar fogo ao barril de uma terceira guerra mundial. O berço da civilização não se deve transformar no seu tumulo».

NENHUM ENTUSIASMO PELO NOVO GABINETE

por ALAIN CLÉMENT

Richard Nixon e o presidente Johnson encontraram-se, há dias, na Casa Branca, pela segunda vez desde a eleição presidencial de 5 de Novembro. Os dois estadistas discutiram em especial as três mensagens que devem ser apresentadas ao Congresso antes de 20 de Janeiro: acerca do «Estado da União», sobre o orçamento e sobre a economia. Não se tratou de qualquer encontro americano-soviético.

WASHINGTON (Dezembro) — Vencedores e vencidos congratularam-se mùtuamente. Os que entram e os que saem fizeram-se mùtuamente excelente companhia nos salões do Departamento de Estado, durante a recepção em honra de uns e outros. No mesmo dia Nixon conversou durante mais de uma hora com Johnson, que dará audiência individualmente a cada membro do Gabinete apresentado recentemente ao país pelo seu sucessor.

O ambiente em que decorrem os preparativos da transmissão de poderes é conforme ao que se podia esperar de Nixon. Corresponde também ao humor da opinião pública e da Imprensa: nenhum entusiasmo, mas também nenhuma amargura. O novo Gabinete é, em geral, recebido com uma confiança razoável, mesmo que seja morna. Nenhuma individualidade se distingue ainda. Também nenhuma inspira qualquer apreensão com fundamento. A espécie de névoa que envolve a equipa reunida por Nixon não significa que os homens que escolheu sejam medíocres ou apagados; mesmo os que se revelassem assim na experiência não se distinguiriam por aí além das individualidades do mesmo calibre que serviram, em diferentes ocasiões, sob a autoridade dos presidentes Kennedy e Johnson.

O que muda, é que a América deve, provisòriamente talvez, habituar-se a economizar «monstros sagrados» e paixões contraditórias que se polarizavam, por diversas razões, nos detentores do Poder, desde há uma geração ou mais para cá. Depois de um Roosevelt, um Truman, um Marshall, um Acheson, um Eisenhower, um Dulles, após os dois Kennedy assassinados, um McNamara, um Dean Rusk, prodígios de obstinação paciente, para não falar mesmo de Johnson, chegamos não a um americano médio, mas a dirigentes de qualidade que nada parece predestinar à admiração ou à aversão cegas. A este título, estão no diapasão de Nixon, que é o primeiro a saber que não terá a favor, na sua tarefa, nenhum crédito gratuito. Não encontrará obstrução: tem, como deve ser, as mãos livres, mas não tem uma polegada de «margem de perdão».

Até 20 de Janeiro, data da transmissão oficial de poderes, especular-se-á livremente sobre a política que seguirá e as tendências pessoais dos homens que promoveu. É um exercício legítimo, mas que pressupõe a presciência do oráculo. A verdade imediata é mais prosaica. Os «liberais», os «moderados» e os «conservadores», que se encontram lado a lado, junto do novo presidente, terão primeiramente de consagrar os seus esforços a restabelecer a situação que lhes lega a administração democrática. Situação que, de resto, nada tem de trágico por agora, mas que está sobrecarregada de problemas externos e internos que nenhum milagre, nenhum golpe de génio, e a **fortiori**, nenhum subterfúgio deslindará antes de meses, senão mesmo de anos — na hipótese muito optimista de que crise alguma venha suspender esta obra de estabilização progressiva.

Os programas e as proclamações que vão anteceder e prolongar o 20 de Janeiro merecerão a maior atenção, mas, por fim, serão as realizações a longo prazo e as reacções perante acontecimentos imprevistos que descobrirão a têmpera, a resistência e a clarividência dos dirigentes americanos. Nixon, que tem na memória os precedentes de dois presidentes que renunciaram perante a adversidade a um segundo mandato, e de um terceiro que morreu de morte violenta, não ignora estas contingências. Elas não o obsessionam, felizmente, mas é certo que guiarão os seus passos.

(Exclusivo «Le Monde»-«Diário de Lisboa»)

O Canadá vai reconhecer Pequim

— diz um jornal

TORONTO, 19 — (R.) — O Governo canadiano decidiu estender o seu reconhecimento diplomático á China continental, segundo revelava a noite passada o «Toronto Star».

O jornal citava fontes bem informadas como afirmando que a comunicação seria provàvelmente feita no próximo mês.

Comentando a notícia, um informador do primeiro-ministro Pierre Trudeau, disse que nenhuma decisão fora tomada acerca das relações entre o Canadá e a China continental.

'BLACK & WHITE'
SCOTCH WHISKY

AGENTE EXCLUSIVO EM PORTUGAL:
J. CÂNDIDO DA SILVA
LISBOA — Avenida de Berna, 42-A — Telefs. 760194 e 776340
PORTO — Rua de S. Luís, 12/22 — Telefs. P. P. C. 28251/2/3/4 e 37045
COIMBRA — Rua Dr. António José de Almeida, 273/277 — Telef. 27477

A GUERRA DE BIAFRA
O PRIMEIRO LIVRO DO MUNDO SOBRE A GUERRA DE GENOCÍDIO DE BIAFRA ILUSTRADO COM 124 FOTOGRAFIAS «VIVAS»
Pedidos à EDITORIAL INICIO
Av. Almirante Reis, 23, 4.º-Esq. — LISBOA
PREÇO 50$00 ■ À VENDA NAS LIVRARIAS

Milhões de pessoas em todo o mundo leram estes BEST-SELLERS
Leia-os você também

ISRAEL 6 DIAS DE GUERRA, por William Stevenson e Leon Uris
Toda a descrição da célebre «Guerra dos 6 Dias» acompanhada de magníficas fotografias em extratexto ..... 50$00
O livro da Vitória-Relâmpago. 10 milhões de exemplares vendidos em todo o mundo!

O ANO PASSADO EM MARIENBAD, por Alain Robb-Grillet
Um grande livro de um belo filme ..... 45$00

OS NEGROS AMERICANOS, por Michel Fabre
Com 20 fotos documentando toda a violência dos tumultos raciais nos E. U. A. ..... 50$00

ENTREVISTAS COM JORGE LUÍS BORGES por G. Charbonnier
Prémio Internacional de Literatura ..... 40$00

MOISÉS TCHOMBÉ, por Ian Colvin
Sensacional revelação de todos os acontecimentos de Elizabethville a Argel, com 42 fotos 60$00

A GUERRA DE BIAFRA, por F. Bonneville
O primeiro livro do mundo sobre a guerra de genocídio de Biafra, ilustrado com 124 fotografias «vivas» ..... 50$00

A BATALHA DE DUNKERQUE, por Richard Collier
Um honesto, forte e brutal relato do que aconteceu em Dunkerque em Maio de 1940.
«Na épica histórica das tropas britânicas em Dunkerque a humilhação foi também glória, a cobardia foi também coragem...» — («Sunday Pictorial»)
Actualmente, a perturbadora história de Dunkerque é uma experiência humana reconstruída por Richard Collier, baseado em vastas e cuidadosas pesquisas e milhares de entrevistas em Inglaterra, França e Alemanha. Com 420 págs. e 34 fotos em extratexto ..... 90$00

Pedidos à
EDITORIAL INÍCIO
Av. Almirante Reis, 23-4.º Esq.
À Venda nas Livrarias

A MELHOR APLICAÇÃO DOS SEUS CAPITAIS É EM

J. PIMENTA, S. A. R. L.

RENDIMENTOS EM PROPRIEDADES, DE 7,5 A 9% COM GARANTIA POR 12 ANOS

Durante 12 anos V. Ex.ª pode receber directamente em casa, no n/ escritório, ou no banco, o rendimento da propriedade que nos compra

em rendimento certo estabelecido, sem mais qualquer preocupação ou encargo pode ainda habitar ou explorar por aluguer, directamente a mesma propriedade

Preço dos apartamentos mobilados	PREÇO DOS ANDARES		
130 000$00 — 230 000$00	3	ASSOALH.	220 000$00
155 000$00 — 240 000$00			
170 000$00 — 250 000$00	4	»	230 000$00
180 000$00 — 270 000$00	5	»	380 000$00
185 000$00 — 280 000$00			
200 000$00 — 300 000$00	6	»	440 000$00
210 000$00 — 320 000$00			
220 000$00 — 340 000$00	7	»	600 000$00

Locais das nossas propriedades:

Centro da Amadora, Reboleira, Venda Nova, Paço d'Arcos, Parede e Alapraia — S. João do Estoril

ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS

VENDA E ALUGUER

Azulejos — Nacionais e Estrangeiros desde $60

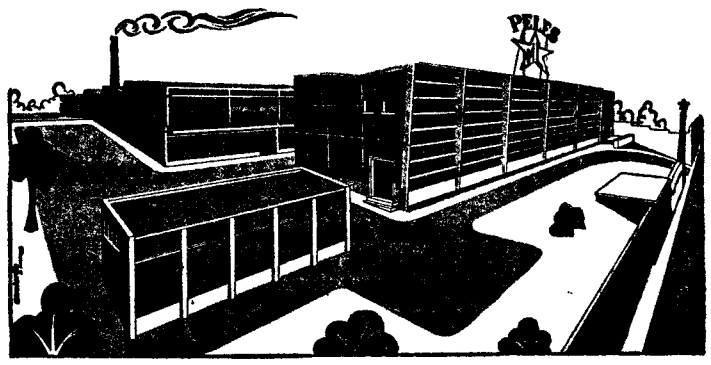
REBOLEIRA — VISTA PARCIAL (AÉREA)

INFORMAÇÕES: Lisboa - Rua Conde Redondo, 53, 4.º Esq. - Telefones 47843 - 45843 ● Queluz - R. D. Maria I, 30 Telefones 952021 - 952022 ● Amadora - Reboleira - Telefone 933670

NOTA: — AS PROPRIEDADES QUE VENDEMOS SÃO NOSSAS E DE NOSSA CONSTRUÇÃO

FÁBRICA DE PELES ESTRELA M. L.

MARTINHO, LDA.



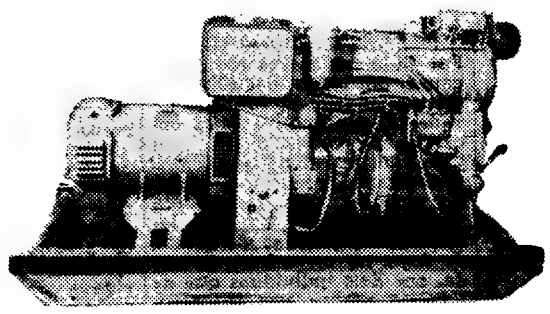
APRESENTA A GRANDE NOVIDADE PARA HOMENS E SENHORAS

CASACOS DUBLE-FACE

MODELOS INÉDITOS

Fábrica e escritório: Estrada de Benfica, 382-A — LISBOA

- Máquinas-Ferramentas
- Motores Diesel e fora de borda
- Grupos Electrogéneos, etc.



GÜLDNER

METALÚRGICA ALENTEJANA

CARLOS ROEDER, LDA.

STAND — RUA DO ARSENAL, 126
ESCRITÓRIO — RUA DO ARSENAL, 148, 1.º, E 3.º ● LISBOA
TELEFONES 36 18 32/3/4 TELEGRAMAS: «HERDER»

VINHO BRANCO RESERVA

VINHOS DA HERDADE DE

Rio Frio

DISTRIBUIDORES

EM LISBOA E SUL DO PAÍS
MUVIL - Soc. Mundial de Vinhos, Lda.
Av. 24 de Julho, 124-1.º
Tel. 67 65 04

NO PORTO E NORTE DO PAÍS
Costa Pina & Vilaverde, Lda.
Rua do Bonjardim, 420
Tel. 2 65 62 - 2 49 48

NO DISTRITO DE SETÚBAL
João Martinho de Sousa Peixoto
Tel. 235 069

VENDA DIRECTA AO PÚBLICO

EM LISBOA
Rua Tomás Ribeiro, 45 - A - Tel. 4 71 87
R. Sto. Amaro, 61 (6 Estrelas) - Tel. 67 68 72

NO MONTIJO
Av. João de Deus, 28 - 28 A
Tel. 230 556

HIPOTECAS

FAZEM-SE EM LISBOA, ARREDORES E PROVÍNCIA

AO JURO DA LEI

A CONFIDENTE

ROSSIO, 3 - 2. TELEF. 369384

GABARDINES, SOBRETUDOS

DE REQUINTADA ESCOLHA

ALFAIATARIA VERÍSSIMOS

AVENIDA GUERRA JUNQUEIRO, 8-C

CAMINHOS DE FERRO

Carruagem directa de Faro a Paris, às 5.as feiras, no período de 2 de Janeiro a 10 de Abril de 1969.

■

A fim de facilitar o regresso de trabalhadores portugueses destinados a França e além, a C. P. põe em circulação no período indicado, uma carruagem directa de 2.ª classe, com o seguinte horário:

Faro	P.	20-04
Tunes	P.	0-04
Funcheira	P.	2-35
Beja	P.	3-52
Casa Branca	P.	5-34
Vendas Novas	P.	6-46
Setil	P.	8-54
Vilar Formoso	P.	16-57
Hendaye	P.	8-05
Paris	C.	18-40

NOVOS VENTOS SOPRAM PARA A PSIQUIATRIA

(Continuação da pág. central)

como animais, e este barco terrível, e este quarto que é como a cela de uma prisão, e o gelo todo, á nossa volta, e o silêncio.

(Encenadora: Tens de gritar-lhes tudo isso a eles. Eles vieram aqui para ser responsabilizados, até porque ser espectador envolve uma grande responsabilidade).

Pesca da baleia e «five o'clock tea»

Ele bem tinha dito a Annie:

KEENEY: A pesca da baleia não é nenhum chá das cinco...

ANNIE: Leva-me daqui, David! Se eu não sair daqui, deste horrível barco, enlouqueço! Já não sei raciocinar. Sinto o frio e o silêncio a destruirem-me o cérebro... Tenho medo... Leva-me para casa!

KEENEY: Vai deitar-te, Annie. Não estás em ti. Há não sei o quê de estranho nos teus olhos. Nunca te vi assim, Annie.

.....

ANNIE: Queres manter estupidamente a tua reputação — nem que para isso tenhas de espancar e matar os homens á fome e tornar-me louca a mim.

KEENEY: Sempre regressei com o barco cheio.

.....

ANNIE: Sentia-me tão só quando andavas de viagem... Pareceia-me que Home Port era uma cidade estupida e monótona.

(Encenadora: Estúpido é ali, ali naquele plano quatro metros acima das cabeças da plateia. É preciso despertar, responsabilizar todos os burgueses irresponsáveis!)

KEENEY: Vai para o teu quarto descansar, Annie. Estás a chorar por coisas que não têm remédio.

.....

ANNIE: Gostas de mim, não é verdade, David?

KEENEY: Amo-te, Annie.

ANNIE: Leva-me daqui, David. Esta vida mata-me — pela brutalidade, pelo frio, pelo horror de tudo. Estou a um passo da loucura. Sinto-a que se aproxima. Leva-me David, se gostas de mim, como dizes.

KEENEY: Fá-lo-ei por ti, Annie — se achas que tem de ser.

Os canastrões que liquidam as peças

O ensaio atingiu o ponto em que os actores acusavam fadiga.

A encenadora exigiu, ainda, esforços suplementares. Correcções constantes de gestos, atitudes, movimentos, inflexões de voz.

Maria Otília, cansada, quis representar o pequeno drama pessoal da sua incapacidade momentânea (como acontece a tantas dezenas de actrizes profissionais):

— Não sou capaz. Isto não está a sair-me bem!

Resposta pronta da ensaladora:

— Ninguém faz bem com três ensaios. Desconfio sempre de quem faz logo bem de início, sem ter tentado muitas e muitas vezes. Só os canastrões (desses que liquidam uma peça muito antes da estreia) conseguem acertar logo à primeira.

Na longa cena de amor e desespero entre os dois Keeney, há um momento em que Annie corre e se lança nos braços do marido. A encenadora exigia um impacto forte, nesse amplexo. Ao cabo de duas experiências, Annie lançou-se como um ciclone. David oscilou.

Otília (Annie), num comentário sublinhado com um sorriso divertido:

— Ah! E se nós, no dia da peça, caíssemos com este meu abraço louco-amoroso? Devia ser bonito!

A encenadora, a sério:

— Seria lindíssimo. Bastava levantarem-se e continuar a representação. O espectáculo tem de continuar sempre e não julguem vocês que nunca ninguém caiu (no teatro ou na vida real) no meio de um transporte amoroso.

Opção: BALEIAS!

Após a pausa, antes da cena capital da peça, todos reentramos no seu clima denso.

IMEDIATO: Meu comandante! Ao norte começou o degelo! Há uma passagem livre através dos glaciares e água límpida do outro lado, segundo diz o vigia.

QEENEY (selvagem): Então mande preparar tudo e vamos rumo ao norte.

ANNIE (suplicante): David!

.....

KEENEY (sem a ouvir): Há baleias do lado de lá... e nós vamos pescá-las.

IMEDIATO: (sim, meu comandante).

KEENEY: E pensar eu que ia voltar para trás, como um cobarde!

ANNIE (suplicando): David!

KEENEY (severo): Fazes mal em te meteres nestes assuntos mulher. A tua fraqueza enfraquece os homens. Não consegues perceber o que eu sinto... E' preciso mostrar que sou um homem... para ser um marido de que te possas orgulhar! Tenho de conseguir o óleo!

ANNIE (suplicante): David! Não regressamos, então?

A equipagem, entretanto, prepara-se. O imediato saiu mesmo volta.

Ouve-se um grande grito de Ben (Berta).

BEN: BALEIAS!!!

Annie entra em crise. A sua última esperança foi-se. Uma longa gargalhada de loucura ecoa. E, quando o imediato reentra para perguntar ao comandante se subirá à coberta para orientar a manobra de partida para o norte, enquanto ecoam as gargalhadas da mulher, ele diz, firme, justificado:

KEENEY: Vou!

(A encenadora: Ângelo, energia e determinação nessa frase. Olhe para ela, pese bem as gargalhadas, a posição da sua própria mulher, no estado em que se encontra. Erga a cabeça. Você fez a sua opção, por isso, esse vou é decisivo.)

Decisiva também a iniciativa ora tomada pelo Grupo Cénico do Hospital Julio de Matos. Oxalá reacções convencionais não venham fechar a porta ao sopro dos ventos renovadores que arejam o campo da psiquiatria. Para além do psicodrama, outros aspectos da psicoterapia devem entrar em aplicação, não só para bem dos doentes, mas da sociedade em geral, que deve recuperar o atraso imposto pela ignorância tradicionalmente mantida. Recorde-se que, na base de muitas doenças mentais, está o endeusamento de falsos valores.

RENATO BOAVENTURA

O GALO ASSADO

Com os doentes escolhidos para o desempenho da peça aconteceu precisamente o que sobrevém a quantos se iniciam no teatro e até a muito actor profissional quando cria um novo personagem — o medo de falhar ou de não atingir o necessário nível.

A vivacidade, inteligência e sensibilidade de Berta fizeram dela uma das mais afectadas. Sonhava acordada com a peça, o seu papel, a representação, o êxito. Em resultado, passou a ter insónias. Estas acentuaram-se porque, lá para as tantas da madrugada, Berta ouvia o cucuritar sonoro e potente de um galo capão. Era impossível dormir. Queixou-se ás enfermeiras. Convencidas de que ela exagerava, responderam-lhe: «Que disparate, Berta! Aqui, á volta do pavilhão, não há galo nenhum. São alucinações tuas, minha filha». Ladina e audaciosa, Berta não se deixou convencer Na noite seguinte, escapuliu-se da cama, saiu para o exterior e pôs-se de atalaia. Mal o capão soltou o seu cucurito sonoro foi-se a ele e matou-o. No dia seguinte, na cozinha do clube dos doentes, assou o galo, que disse terem-lhe oferecido na visita. Convidou médicos, enfermeiras e doentes e foi uma bela festa. O galo estava uma delícia. Quando os convivas (em especial os médicos e as enfermeiras), foram agradecer a Berta e felicitá-la pelos seus dotes de cozinheira, ela respondeu:

— Estão enganados. Não houve galo nenhum. O que vocês comeram foi a alucinação que cantava todas as madrugadas e não me deixava dormir.

MAZDA 7
A pequena lâmpada que ilumina muito melhor
UMA COMPLETA GAMA DE LÂMPADAS
Tubulares
Esféricas
Normais
Chama

Filmados pelas televisões portuguesa e espanhola

Tem sido tão grande o interesse de toda a gente pelo Grupo de Teatro Experimental do Hospital Julio de Matos que a telefonista daquele estabelecimento hospitalar recebe, ao longo do dia, constantes pedidos de bilhetes. Como a lotação da sala de festas é muito limitada e a estreia é essencialmente dedicada aos doentes, começa a encarar-se a hipótese de se darem outras representações.

Acentue-se que grande parte dos interessados são alunos universitários liceais.

Por outro lado, o interesse da iniciativa comunicou-se já a outros órgãos informativos. Ontem uma equipa da televisão de Espanha fez largas filmagens do ensaio (o primeiro com os trajos que vão ser usados no espectáculo. Hoje, foi a vez de outra equipa, esta da Radiotelevisão Portuguesa, ter efectuado ali uma reportagem filmada.

CONCURSOS «PRIMOR»

MARTINS & REBELLO

Tem o prazer de informar que se realizaram ontem, dia 18 de Dezembro, nos estúdios do Rádio Club Português, os sorteios dos seus concursos «PRIMOR», tendo sido premiados os seguintes concorrente:

GRANDE CONCURSO

PRÉMIOS	N.os	NOMES	MORADAS	LOCALIDADES
1.º prémio	54.178	Alberto Santos Frade	Travessa da Espera, 25-3.º esq.	Lisboa
2.º »	71.710	Fernando Gonçalves Escourido	Bairro Definitivo — Casa 22	Hica — Pisões
3.º »	56.825	Maria José Ramos Botelho de Carvalho	Viv. S. José E. S. G. (j. ao Bº da P. S. P.)	Coimbra
4.º »	52.473	Adélia Nogueira Madeira Cruz	Amendoeira Querença	Loulé
5.º »	42.118	Fernando Pimenta da Veiga	R. dos Comb. da Grande Guerra, 11 p. 6	Odivelas
6.º »	55.811	Maria da Visitação Rodrigues dos Santos	Bº dos Olivais-Sul, zona cent., D-R. 2, n.º 4	Lisboa-6
7.º »	24.852	Palmira Trovão	R. de Olivença, 59, r/c.	Algés
8.º »	56.087	Maria Laurinda Dias de Sousa	R. de Bento Júnior, 65	Porto
9.º »	47.808	Alberto Santos Frade	Travessa da Espera, 25-3.º esq.	Lisboa
10.º »	34.527	Celeste Amaro Penafirme de Ventura	Correio de Olhalvo	Alenquer
11.º »	52.316	Maria do Rosário R. S. da Silva Brasil	Vivenda Brasil	Marrazes — Leiria
12.º »	68.257	Manuel Garcia Claré Baptista	Bairro Fundação S. Fernandes, 8-1.º esq.	Reguengos de Monsaraz
13.º »	64.748	António João Morgado	Merceana	Casais Brancos
14.º »	24.670	Maria Helena Lopes Lourenço	Av. dos Comb. da Grande Guerra, 78-1.º dt.	Algés
15.º »	40.472	José Dias Romano	Rua 1, n.º 21	Baixa da Banheira
16.º »	68.665	Maria Aurora Pereira Nunes de Oliveira	Rua de Trás, 7-3.º	Porto
17.º »	50.238	Maria Fernanda Santana dos Santos	R. Eng.º Francisco Leite Pinto, 41-r/c., dt.	Cova da Piedade
18.º »	50.885	Maria de Fátima de Seixas Costa	Rua do Lumiar, 10-1.º	Lisboa
19.º »	40.763	Beatriz Domingues Ferreira	Rua 62, n.º 1041 A	Espinho
20.º »	52.291	Inácio José Tavares de Lemos	Rua de Olivença, 6-3.º, esq.	Almada

CONCURSO INFANTIL

PRÉMIOS	N.os	NOMES	MORADAS	LOCALIDADES
1.º prémio	29.202	Serafina da Conceição Vilas Boas	Rua da Capelinha, 26	Beja
2.º »	66.744	Anabela Luisa Marques Antunes	Rua Angelina Vidal, 45-4.º, dt.	Lisboa
3.º »	39.852	Maria da Pureza Pereira Pão Mole	R. das Fontainhas, Fábrica Edifer	Venda Nova — Amadora
4.º »	30.128	Ana Maria Gonçalves Oliveira	Rua do Soajo, 38	Porto
5.º »	65.271	Maria Fernanda O. da Ponte e Sousa	Rua Bastos Nunes, 7-1.º	Queluz
6.º »	56.507	Maria Eugénia Frade da Silva	Rua Maestro António Taborda, 46-3.º, esq.	Lisboa
7.º »	60.001	Maria de Lourdes Inácio	Rua Domingos Tendeiro, 7-2.º, dt.	Lisboa
8.º »	67.854	Maria Luísa Matos Toupa Lopes dos Santos	Pr. Avelar Brotero, lote 2-2.º A Bº Girassol	Venda Nova — Amadora
9.º »	35.204	Lídia Alves Sena Baltazar	Rua do Cercado, 21-A	Faro
10.º »	69.031	Ludovina da C. D. J. dos Santos Santana	Largo de S. Luís, 2-2.º	Faro
11.º »	30.752	Francisco Gay	La Farolera — Estrada do Farol	Carvoeiro — Algarve
12.º »	20.999	Maria Helena de Sousa	Av. Dr. Dias da Silva, 191	Coimbra
13.º »	37.304	João Oscar	Hotel Vasco da Gama	Monte Gordo — Algarve
14.º »	56.900	Maria Teresa Joana da Silva Joaquim	Rua do Galvão, 7, cave	Lisboa
15.º »	64.729	Mariana da Conceição Correia Neves	Rua Marquês de Pombal, 104-1.º esq.	Barreiro
16.º »	64.541	Pensão Astória	Rua Braamcamp, 10-2.º	Lisboa
17.º »	42.248	Maria José Cebola	Rua José Esaguy, 3-1.º, esq.	Lisboa
18.º »	32.348	Maria da Conceição Fontes Ferrão	Rua Latino Coelho, 36-r/c.	Lisboa
19.º »	61.446	Emília Rocha	Alto do Carvalhão, 25-1.º	Lisboa
20.º »	24.524	Rui Alberto de Freitas Pereira	Trav. do Descanso, 1, casa 1	Funchal — Madeira

«PRIMOR» VAI REALIZAR EM DEZEMBRO DO PRÓXIMO ANO DE 1969 DOIS NOVOS SORTEIOS COM PRÉMIOS IDÊNTICOS

ABRIU AS SUAS PORTAS....

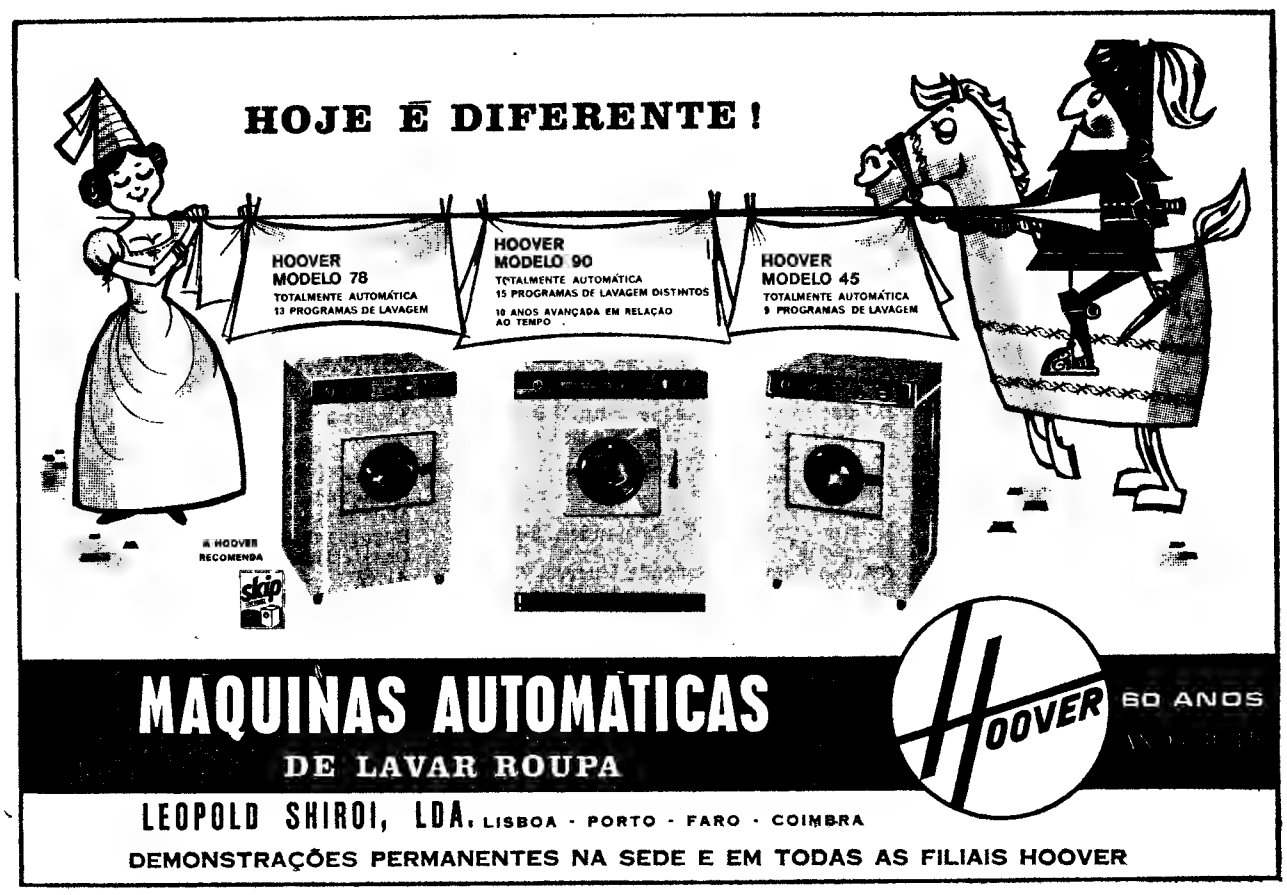
TUTTI MUNDI

DRUGSTORE

Um drugstore moderno no centro de Lisboa moderna: 4000m2 de elegância e conforto. De todo o mundo para todo o mundo. Modelos de Paris, Londres e Roma, jóias, perfumes, discoteca, artesanato, um restaurante, snack-bar, milk bar, uma garagem privativa para os clientes, tudo o que há de mais elegante em pronto a vestir, para senhoras e homens, pastelaria húngara, francesa e portuguesa.

Tudo isto faz parte do drugstore TUTTI MUNDI - um centro onde há de tudo para todos, um centro onde se encontra o que há de melhor em todo o mundo a preços acessíveis. E tudo isto centralizado num só local, num ambiente requintado, para que se possa escolher, confortàvelmente, sem perda de tempo e sem cansaço. Tudo isto é o drugstore TUTTI MUNDI.

Avenida de Roma, 48 e Rua Conde de Sabugosa, 15 — Telefs. 714021/2/3/4 — Lisboa.

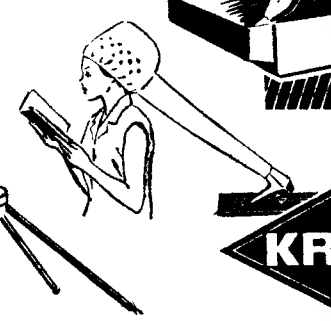


DE HÁ MUITO
KRUPS DÁ MUITO!

- Dá a origem: a experiência e o prestígio de uma indústria
- Dá 120 anos de aperfeiçoamento constante
- Dá um mundo de coisas a todo o mundo

secagem de cabelos
rápida e uniforme,
secagem KRUPS!

KRUPS
o secador de cabelos
com duas escalas de
calor e termostato



KRUPS

TRAZ ALEGRIA AO LAR!

Representante e distribuidor
Lusomax
SOCIEDADE DE IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO, LDA.
RUA DOS CORREEIROS, 123 - 3º - DTO - LISBOA

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto

ANIBAL GRAVADOR

A casa que melhor trabalha
Rua Nova do Almada, 64
LISBOA

ALUGUER SEM CONDUTOR

CARROS NOVOS — PREÇOS ACESSÍVEIS

Avenida Padre Manuel da Nóbrega, 10-B.

Telefs: 72 76 54 - 72 49 75
LISBOA

Sociedade «ESTORIL»

Caminhos de Ferro do Cais do Sodré a Cascais

Concurso para a exploração de pavilhões nas estações de Pedrouços, Cruz Quebrada, Carcavelos e S. Pedro do Estoril

1 — Até às 16 horas do dia 30 de Dezembro de 1968 aceito, para a exploração por 5 anos, com opção nos seguintes, de Pavilhões nas estações acima indicadas.

2 — A adjudicação será feita por contrato cuja minuta estará patente, das 8 às 24 horas, na Consigne da estação do Cais do Sodré e nos gabinetes dos chefes das restantes estações citadas.

Lisboa 2 de Dezembro de 1968.

tam-se propostas, em separa-

O «Queen Mary» esteve não há muito no Tejo quando seguia para os Estados Unidos no termo de uma carreira grandiosa, engrandecendo a Marinha do seu país

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

Os barcos «Queen» em «O motor e o homem»

Produzido por Alberto de Canha e Sá podemos ver logo, pelas 21 horas, mais um programa da série «O Motor e o Homem». Do sumário de hoje constam seis temas que aqui deixamos para os nossos leitores:

— Os carros e carruagens ao serviço da Família Real Britânica, ao longo do tempo; O «Firebird», um automóvel do futuro; Os novos caminhos-de-ferro e os computadores electrónicos; Curiosidades; O Rally Londres-Sidney, uma das provas automobilísticas mais duras de sempre; Os célebres paquetes da classe «Queen» fizeram história.

AMANHÃ — Às 19: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 50: Quarto de Brinquedos; 20 e 15: Vamos Dormir; 20 e 30: Programa Feminino; 20 e 45: Cartaz TV; 21 e 30: Telejornal e Boletim Meteorológico; 21 e 55: As Nossas Queridas Mulheres; 22 e 25: História da Musica; 22 e 55: Série do Oeste «High Chaparral»; 23 e 50: Telejornal, Meditação e Fecho

«MISSÃO INGRATA» de Allen Reisner
EM «NOITE DE CINEMA»

UMA HISTÓRIA sentimental, de abnegação e amor, eis o que a Televisão Portuguesa promete para a *Noite de Cinema* de hoje, onde se projecta um filme inglês relativamente desconhecido: *Missão ingrata* (All Mine to Give), dirigido por Allen Reisner e interpretado por um conjunto de actores donde sobressaem os nomes de Glynnis Johns, Cameron Mitchell, Rex Thompson e Patty McCormak.

A intriga desta película, ao que nos dizem extraída de factos r e a i s, parece basear-se numa aventura vivida pelo filho mais velho de uma família humilde que, apenas com doze anos, se vê obrigado a enfrentar pesados encargos e grandes responsabilidades, após a morte súbita de seus pais. Partindo desta base, Allen Reisnner (não confundir com o grande cineasta francês Alain R e s n a i s), constroi uma fitinha melodramática, que constantemente pede a adesão emocional do público, logrando assim interessar a plateia e captando-lhe a atenção. Nada de muito especial, portanto, recomenda esta *Noite de Cinema*. Resta-nos esperar por melhores dias, ainda que a *missão* possa parecer *ingrata*.

Cameron Mitchel é um dos intérpretes de «Missão Ingrata», o filme desta noite. Há anos, Mitchel, apesar das ameaças anónimas que recebeu, aceitou interpretar a figura do famoso «gangster» Lucky Luciano, no filme «História de Luciano». Aparentemente, ele não tinha quaisquer semelhanças com o célebre italo-americano. Mas uma caracterização hábil fez o milagre, conforme aqui se pode observar. À esquerda Cameron Mitchel, ao centro Lucky Luciano, á direita, o actor, depois de caracterizado

TUDOR PILHAS BLINDADAS ESTANQUES

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — Às 16: Noticiário; 16 e 05: Luz no horizonte; 16 e 30: Que quer ouvir? 17: Ginástica de Pausa, pelo dr Marques Pereira, Programa da tarde — Canções do nosso tempo; 17 e 25: A orquestra de...; 17 e 35: Do Choupal até á Lapa; 18 e 05: Sucessos franceses; 18 e 20 Programa da mulher, por Maria Emília Cancela de Abreu e Judite Navarro; 18 e 40: Musica e sonho; 19 e 10: Rádio Universidade 19 50. Música, só música; 20: Diário Sonoro; 20.20: O saxofonista Bud Shank; 20.34: 18.º episódio do folhetim «Pedro Álvares Cabral»; 21: J o r n a. de actualidades; 21 e 30: Melodias pela orquestra Les Baxter; 21 e 40: Variedades em discos; 22 e 30: Noite de Teatro: «Auto da humana condição»; 0 e 05: Programa da noite; 1: Fecho

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 16: Musica sinfónica; 16 e 30: No Centenário da Morte de Rossini — em gravações cedidas pela RAI; 19: Horizonte, semanário de Letras e Artes; 19 e 30: Folclore Português — Cantos e Danças de Trás-os-Montes; 19 e 45: Musica de Piano; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Musica Instrumental; 20 e 30: Concerto pelo Coro de Santa Cecília, sob a direcção de Álvaro Malta; 20 e 52: Dança Eslovaca n.º 4 em fá maior (D v o r a k); 21: Concerto em Lá Maior K. 622 para clarinete e Orquestra (Mozart); 21 e 30: Panoramas da História, pelo dr. João Ameal; 21 e 50: Recital pela pianista Maria Carlota Tinoco; 22 e 20: Poemas Sinfónicos; 23: A Voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho.

3.º P r o g r a m a (cultural em MF 2) 94,3 mc/s — Às 23: Musica de piano 23 e 30: «Um requiem alemão»; 1: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Conções ao acaso; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20 e 05: Conjuntos vocais; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Tempo de ritmo; 21 e 03: Diapasão; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Grande roda; 0 e 02: «P B X»; 2: Contacto; 3 e 02 A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16 e 04: Clube das Donas de Casa; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 20 e 52: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô-Gô; 23 e 08: Grande roda; 0 e 02: Alta Fidelidade Philips; 1 e 03: Banda S o n o r a; 2: FM-67; 4: Fecho

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: M sceiânea; 19 e 17: Ela; 19 e 30: Robbialac; 19 e 45: Crónica feminina; 20.05: Rádio placard; 20.20: Norte dia a dia; 21 e 05: Cabina de escuta; 21 e 10: Orquestra; 21 e 5: Só-Rádio; 21 e 30: Leitura; 22 e 02: Rádio jornal; 22 e 30: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA—233,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Vozes da sua simpatia; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Musica seleccionada; 19 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditando; 21: Variedades; 21 e 30: Artistas portugueses; 21 e 45: O ritmo é chá-chá-chá; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Uma orquestra; 18 e 30: Terço, da Basíl. dos Mártires, em Lisboa; 19 e 05: Musica seleccionada; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Mosaico; 2 e 30: Chamadas musicais; 22: A musica é boa companhia; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e das 12 ás 14 e 30; **Rádio Voz de Lisboa** — Das 10 ás 12 e das 19 e 30 ás 22: **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 8 ás 10 e das 22 ás 2: **Rádio Graça** — Das 14 e 30 ás 19 e 30.

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

canal da crítica

UMA NOVA SÉRIE. PREPAREMO-NOS PARA O PIOR

Surgiu, sem mais nem menos, uma nova série. Aguardei-a com o maior pessimismo, por três razões. A primeira, porque era americana. A segunda, e mais forte razão, porque era americana. Finalmente — «The last, not the least» — porque era americana.

Qualquer destas razões bastava, mas o seu conjunto dá mais nítida ideia da situação. Na «Porta 77» reunem-se todos os rodriguinhos característicos da produção ianque em doses industriais. Se a nicotina de um cigarro mata dez coelhos, um episódio desta série pode perfeitamente embrutecer dez milhões de pessoas. Vejam agora a causa de meus temores!

O humor poderia conseguir-se se, através da cleptomania da velhota, se compusesse uma visão da realidade de tal modo deformada que resultasse em visão crítica, denunciante e esclarecedora dessa mesma realidade. Já sabemos, por experiência histórica, que o elogio da loucura pode significar o elogio da razão.

Na «Porta 77» nada disto acontece. Ali, não se brinca, não se passam rasteiras á sociedade americana. Ali é tudo a sério. A velhota, que anda a fanar vestidos e chapéus nas suas próprias lojas, acaba por prender e entregar á Polícia uma quadrilha autêntica.

Pobre velhota. Pobre fita. Pobres de nós. Como diz a malta lisboeta, aquilo «ainda é pior do que bater na avó...»

UHF? UF!

Finalmente, sabemos alguma coisa do UHF« Certas pessoas pensavam tratar-se de mais Uma Horta Familiar. Não senhor. Aquilo em português significa Ultra Alta Frequência. Mais ultra, menos ultra, tanto faz...

A Televisão, pelo sistema VHF, explicou em que consiste o UHF, ou melhor dizendo: tentou explicar. Qual a diferença entre o UHF e o VHF? a diferença entre o VHF e o UHF consiste em que, verdadeiramente, não há diferença nenhuma ou seja: se a imagem no sistema VHF («Vamos Hoje Falhar») é má, nada garante que no sistema UHF seja melhor. Se nalguns bairros de Lisboa (Alfama, Santa Apolónia, Restelo, etc., e convém dizer que eu moro no bairro *etc.*) a imagem se via mal, agora tudo leva a crer que se veja muito pior.

Claro que eu, adepto fervoroso do progresso, saudo o UHF que se aproxima e não deploro os conversores, as antenas, os botões, etc., indispensáveis para o obter. Afinal, tanta complicação para se ver a imagem em piores condições! Não é mesmo jóia?

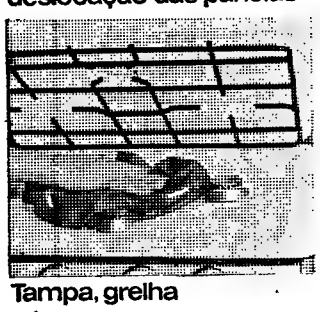
Depuseram os técnicos Mário Couto e Jorge Martins, aquele na teoria, este na prática. Os termos em que se exprimiram mostram que ignoraram perfeitamente a

(Continua na pág. seguinte)

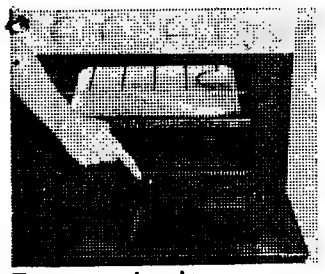
Rii

FOGÕES DE LUXO E QUALIDADE A PREÇO VANTAJOSO

A grelha, completamente plana, facilita a deslocação das panelas



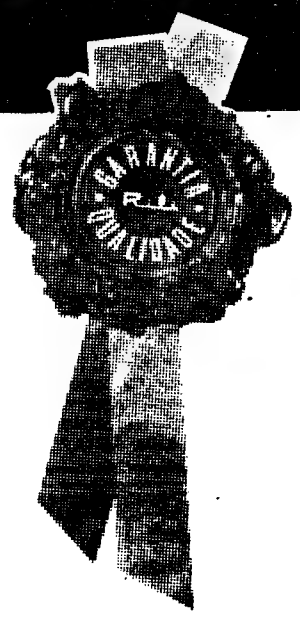
Tampa, grelha e tampo fácilmente removíveis



Forno equipado com queimadores móveis

Grande forno com rápida progressão de temperatura graças a um isolamento mais perfeito

Recipiente especialmente estudado permite o aproveitamento dos molhos dos assados



COM GARANTIA DE QUALIDADE

JOMA

«Cerâmica Chinesa – As Marcas» por Matos dos Santos

Advogado e crítico de arte, o dr. Matos dos Santos realizou investigação longa, paciente e útil neste seu estudo sobre «As Marcas da Cerâmica Chinesa». O volume elegante em que nos dá os resultados destas investigações marca lugar à parte na bibliografia do assunto.

Os estudos sobre cerâmica oriental são numerosos, pelas dificuldades compreensíveis com que lutam os investigadores ocidentais, poucas vão ao âmago do assunto. Conhecimentos de línguas e de técnicas as mais diversas e longe de nós são barreiras difíceis de transpor. Por isso de saudar o livro do dr Matos dos Santos. É que, se nas línguas estrangeiras não abundam os estudos sobre este tema, em português eles faltam de todo. E os coleccionadores são numerosos.

A história da cerâmica só pode ser feita se se conhecerem bem as peças, suas marcas e interpretação. O volume tende para tal objectiva, num esforço que só devidamente avaliarão os que um

DR. MATOS DOS SANTOS

dia tenham empreendido entrar em tarefas dessas. Compilando as imensas marcas existentes, na cerâmica chinesa, mas dispersas, o autor ajuntou-lhes ainda 3 novas marcas, achadas em colecções particulares

E, com a ajuda do prof. Joaquim Guerra, realizou, ainda, o dr. Matos dos Santos, a tradução directa dos caracteres chineses, indo ter a novo significado para determinadas marcas. Propõe, ainda, uma sistematização para facilitar a procura de uma marca.

O volume em português, francês e inglês, destina-se, realmente, ao público de todo o mundo, porque em todo ele a cerâmica chinesa conta entusiastas. A todos eles será instrumento de valia para o estudo das suas colecções, a sua classificação. Para os coleccionadores e antiquários. A distribuição é da Livraria Sá da Costa.

BV Turismo BOA VIAGEM

PARTIDAS DO LARGO M. MONIZ E AV. DO BRASIL

6 SUGESTÕES para a sua passagem d'ano

5 viagens em pullmans de grande luxo

1 viagem de avião

SERRA DA ESTRÊLA 2 dias 31/12 a 1/1 180$00 550$00

SEVILHA 4 dias 29/12 a 1/1 950$00 e 1.200$00

MADRID 5 dias 29/12 a 2/1 1400$00 e 1.600$00

BADAJOZ 2 dias 31/12 a 1/1 500$00 ou 750$00

MADRID (avião) 3 dias e meio 30/12 a 2/1 2.600$00

VIGO 3 dias e meio 30/12 a 2/1 1.350$00

PEÇA O NOSSO PROGRAMA DETALHADO

utilize o nosso sistema de viagens a crédito

Informações e inscrições

BV Turismo BOA VIAGEM 76 00 70 • 76 22 22 76 37 82 AV. BRASIL, 112 C LISBOA 6

TRESPASSE

DE BELO ESTABELECIMENTO

VENDA DOS MÓVEIS, UTENSÍLIOS, MERCADORIAS: ELECTRODOMÉSTICOS E ARTIGOS P.ª BRINDES

Leilão

POR MOTIVO DE RETIRADA SERÁ VENDIDA PELA MAIOR OFERTA

Amanhã, às 15 horas, na

RUA JOAQUIM BONIFÁCIO, 6-A-B

(Frente ao Largo de Santa Bárbara)

ELECTRODOMÉSTICOS — ARTIGOS PRÓPRIOS PARA BRINDES; porcelanas suecas e italianas, cristais de «Bacarat» e italianos, estanhos, cerâmicas artísticas, alabastros, vidros de «Murano», madeiras trabalhadas, casquinhas; grande variedade de inéditos candeeiros, expositores, armações e utilidades diversas, na sua maioria de importação

TRESPASSE: Às 16 horas este belo estabelecimento com extraordinária armação e exposição, decoração requintada e com a renda baixa de 6.000$ para uma área aproximada a 200 m2 e cave, para qualquer ramo de comércio com pequenas excepções, irá à praça na BASE DE 100.000$00, encontrando-se JÁ EM EXPOSIÇÃO

NOTA: Chamamos a atenção dos n/ clientes para a oportunidade que vos oferece esta liquidação nesta quadra festiva

SOC. DE LEILÕES
ÁV. DUQUE DE LOULÉ, N.º 1
Telefs. P. P. C. (9 Linhas)
53 29 29 - 51 478 - 53 24 46

AFRA FILHOS, LDA.

canal da crítica

(Continuação da pág. anterior)

capacidade do publico telespectador. Para estes, UHF ou VHF continua a ser tudo igual ao litro...

PANORAMA LITERÁRIO

Com grande surpresa para todos, aconteceu o «Panorama Literário». Dentro dele, frente a frente, em amigável desconversa, o escritor Guedes de Amorim e o perguntador José Mensurado.

Não se põe, desta vez, em causa a profissão de escritor de Guedes de Amorim. Este, ao menos, escreve livros. Pode é perguntar-se porquê esta preocupação de levar ao «Panorama» sempre as mesmas figuras. Mais do que preocupação, é mania.. Mais do que mania: patologia. Isto se quisermos inventar novas desculpas que não sejam as do compadrio, as simpatias pessoais ou ideológicas. Guedes de Amorim já lá tem ido. Pensou-se que não fazia mal nenhum lá ir outra vez. Melhor ainda: nem mal, nem bem. Antes pelo contrário.

Para a inoculidade desta entrevista muito terá contribuído a acção do entrevistador, com as suas perguntinhas de magazine. E aquela sua história do «ultimo quarto de hora» desencadeou um ritmo excessivamente funebre, que tomou aspectos mórbidos de ditar das ultimas vontades.

Talvez eu esteja a exagerar. Talvez a culpa maior não pertencesse ao Mensurado, com toda a sua virginal inocência das questões literárias. Com outro qualquer, tudo seria o mesmo. Ou pior. Nunca se sabe bem.

Na cabeça de Guedes de Amorim lavra uma grande confusão. Que depois se reflecte no discurso. Nem me refiro já ao dislate do verso de Pessoa. A memória falha, não é?

Afinal, que perguntou Mensurado e que respondeu Guedes de Amorim? Desculpem. Ouvi mas não fixei. Abri levemente os dedos e toda a água se escoou por eles.

De qualquer modo, esteve no «Panorama Literário» alguém que escreve livros. É caso para se dizer que se verificou nítido progresso.

Bom será, meus senhores, que as coisas mudem. Nota-se já, entre o publico telespectador, a tendência para supor que o «panorama literário» é uma rubrica humorística. Ouvem-se com frequência frases do género «logo não quero perder aquele pratinho...».

Foi já suficientemente mau o serviço que se prestou á literatura portuguesa. Atenção!, um passo mais em falso e atrelará a própria RTP ao descrédito de uma rubrica incomensurávelmente irresponsável. — M. C.

DE COIMBRA

TEMAS DE INTERESSE
SÃO DEBATIDOS NO XXX CURSO
DE FÉRIAS DA FACULDADE DE MEDICINA

Em ambiente de crescente interesse, debatendo-se temas de flagrante actualidade, decorrem nos Hospitais da Universidade, os trabalhos do XXX Curso de Férias da Faculdade de Medicina e da Ordem dos Médicos

Hoje em mesa-redonda foi desenvolvido o tema: «Situações urgentes na clínica das doenças infecciosas». Moderador o sr prof. dr Ramos Lopes, que também fez a introdução

Foram debatidos os seguintes temas. prof dr Ramos Lopes «Meningites agudas»; dr.ª D Maria Malaquias Barreto «Difteria»; dr Abreu Barreto. «Complicações da febre tifóide»; e drs Carrington da Costa José David e Luís de Oliveira «Tétano».

Houve, depois animado debate sobre os temas expostos.

À noite o sr dr Freitas Tavares tratou de «Púrpura Hemorrágica» e o sr prof dr Duarte Santos de «Intoxicações - e centros de luta contra venenos».

Juramento de bandeira

No Centro de Instrução e Condução Auto n.º 4, em Santa Clara, celebrou-se, hoje, a cerimónia do juramento de bandeira pelos soldados recrutas do 1.º subturno do 4.º turno da escola de recrutas de 1968. Estiveram presentes os comandantes da guarnição militar, sr coronel Ildo Antunes Baptista, e das unidades aqui aquarteladas.

Na «Parada da Rainha Santa» houve concentração de forças, sob o comando do sr. capitão Alves Monteiro que prestou as honras do estilo na recepção do estandarte regimental Depois o sr capitão Augusto Soares leu os deveres militares, e o sr aspirante miliciano Amado Ferreira fez uma prédica aos soldados Após a leitura da fórmula do juramento pelo sr capitão Alves Monteiro, procedeu-se á cerimónia, e, a seguir, foi retirado o estandarte com as honras devidas

Foram entregues diplomas aos soldados que mais se distinguiram durante a instrução e medalhas aos primeiros classificados nas actividades físicas A festa terminou com o desfile das forças em continência

Festa do Natal

No Liceu D Duarte houve a festa de Natal, que constou de alocução pelo reitor, sr dr Álvaro Silveira, e pela aluna Maria da Assunção Alarcão Judice, recitativos e canções. Foi ainda representado um «Auto de Natal». No átrio do Liceu está armado um presépio.

Queima das Fitas

Iniciou as suas actividades a Comissão do Parque — Queima das Fitas O seu horário de expediente é das 18 ás 19 e 30.

As festas da «Queima das Fitas»

Decorrem com invulgar interesse os trabalhos preparatórios das grandes festas académicas da «Queima das Fitas» que, neste ambiente único de Coimbra, adquirem larga fama e se enriquecem, de ano para ano, pelo valor das realizações culturais e artísticas a par das suas fulgurantes tradições.

Está já em plena actividade a Comissão do Parque, cujos serviços de expediente funcionam nas Instalações Académicas, todos os dias, excepto aos sábados das 18 horas ás 19 e 30

Campanha de alfabetização

O Movimento Juvenil de Ajuda Fraterna, no prosseguimento das suas actividades de recuperação e promoção social, empreendeu uma campanha de alfabetização, dirigindo um apelo a todos os que tenham livros da 1.ª classe de instrução primária e lhos desejem oferecer para que os enviem para M. J. A. C — Rua D Afonso Castelo Branco, 13 — Coimbra

Vida associativa

Na sede do Rancho Folclórico Tricanos do Loreto, reune-se depois de amanhã, ás 21 horas, a assembleia geral, para apreciação do relatório e contas e eleição dos corpos gerentes para o próximo ano

Espectáculos para hoje

CINEMAS

Gil Vicente — Às 21 e 30: «Khartoum» (12 anos)

Avenida — Às 17 e 45 «A minha senhora» (17 anos); e ás 21 e 30 «As quatro chaves» (17 anos)

Tivoli — Às 21 e 30. «Cinco destemidos em Singapura» (17 anos).

Sousa Bastos — Às 21 e 30: «Mulher felina» (12 anos)

Farmácias de serviço

Rainha Santa — Rua da Figueira da Foz (Tel 23064).

Donato — Rua Ferreira Borges (Tel 22603)

Cruz Viegas — Rua do Brasil (Tel 22961)

Cruz e Costa — Rua Doutor António de Vasconcelos (Tel 22715)

CASTRO DAIRE NÃO TEM NENHUMA CASA DE ESPECTÁCULOS

CASTRO DAIRE, 19 — Veio a Castro Daire a companhia do Teatro Desmontável Rafael de Oliveira, que aqui apresentou a peça em três actos «Três em Lua de Mel» Como há muitos anos não visita a localidade uma companhia de teatro, em virtude de não existir uma casa de espectáculos, o interesse foi muito grande e o ginásio dos Bombeiros Voluntários — onde se efectuou a representação — estava á cunha.

A apresentação da companhia que mantém em Viseu o seu teatro desmontável, faz ressaltar um dos aspectos confrangedores de Castro Daire: a inexistência de casas de espectáculos

Falta de médicos

A falta de médicos fez-se sentir em Castro Daire no passado domingo Apesar de haver três clínicos municipais e um particular, muitos doentes tiveram de esperar horas por um médico e outros viram-se obrigados a recorrer a médicos de Viseu. Isto prova que há falta de médicos na localidade, sendo o reduzido numero actualmente existente demasiadamente escasso para as necessidades do concelho.

CENTENA E MEIA DE VISITANTES ESTRANGEIROS NO MUSEU DA FIGUEIRA DA FOZ

FIGUEIRA DA FOZ, 19. — Ao contrário do que todos os anos se tem feito, não se realiza este ano o farrapeiro a favor dos pobres das conferências de S. Vicente de Paulo desta cidade

MOVIMENTO DO MUSEU — Durante o 3.º trimestre do corrente ano, o movimento do Museu Municipal, Dr. Santos Rocha, traduziu-se pelos seguintes números: 1032 visitantes, sendo 361 estudantes e 141 estrangeiros (dos quais 47 com o curso superior). O museu foi ainda visitado pelo director do Museu Etnográfico de Gotemburgo (Suécia).

COLÉGIO DE SANTA CATARINA — O estabelecimento de ensino secundário Colégio de Santa Catarina desta cidade, festejou o aniversário da sua padroeira, com o seguinte programa: missa no ginásio do colégio; futebol entre grupos do 2.º e 3.º ciclo; sessão com o relatório do ano findo e distribuição de prémios. Seguiu-se a lição do dia, sobre «O mar e o mundo português», proferida pelo delegado distrital da M. P. e ilustrada com leitura de poemas por alunos. Por ultimo, foi inaugurada a VI Exposição Ultramarina que se conservará aberta até ao fim do actual ano lectivo.

Na Sociedade Comercial de Papelarias Rabelo da Beira Douro L.ª

A Sociedade Comercial de Papelarias Rabelo da Beira Douro, Lda., promove, no dia 21, ás 15 horas, a tradicional festa de Natal dedicada aos filhos dos seus empregados e colaboradores e que se realiza nas novas instalações daquela empresa, na Rua da República Peruana 11-A em Benfica.

«DIÁRIO DE LISBOA»

Fizeram transcrições do «Diário de Lisboa» ou referências ao nosso jornal os prezados colegas: «Comércio do Funchal», «A Ilha», de Ponta Delgada; «Diário do Alentejo», de Beja; «Diário do Ribatejo», de Santarém; «A Voz do Minho», de Esposende, e «O Setubalense», de Setubal.

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Etec	Compra	Venda
Consolidado 2 3/4%	530$	529$	53 $
Consolidado 3%	55 $	550$	—
Consolidado 3 1/2%	650$	648$	650$
Centenários 4%	520$	5 5$	520$
Obrigs Tesouro 5%	—	0'5$	—
Externo Série	—	700$	720$
Externo Série c	—	810$	900$
Externo 3 Série	—	700$	800$
Externo 3 Série c	—	895$	—
Cautelas 3 Série	—	85$	200$

OBRIGAÇÕES	Etec	Compra	Venda
Aguas Lisboa 5%			
A ... 5% 56	—	450$	480$
A ... 5% 58	—	—	—
C ... 4 1/2% 65	—	950$	—
C ... 5 1/2% 57	—	900$	905$
... J ... 5%	—	5$	020$
... J ... 5% 58	999$	988$	000$
Gás Elect 4% 48	0 5$	[illegible]	0'6$
Gás Elect 4 1/2% 5'	—	800$	820$
Gás Elect 5% 52	880$	875$	—
Gás Elect 5% 58	—	9'0$	—
Gás Elect 5% 59	—	900$	9 0$
Gás Elect 5% 62	—	900$	9 0$
Gás Elect 5% 53	—	930$	—
Gás Elect 5% 55	—	900$	—
Gás Elect 5% 57	—	900$	—
H ... A Alentejo 5%	020$	8$	020$
H ... Cávado 5%	—	—	850$
H ... Cávado 5%	—	850$	—
H ... Douro 5%	003$	002$	3$
H ... Douro 5%	850$	845$	—
H ... Norte Port 5%	003$	—	003$
H ... Estrela 5%	—	—	005$
H Zêzere 5% 55	—	—	—
H Zêzere 5% 57	—	830$	—
Lisnave 5%	—	—	—
Metropolitano 4%	—	—	00 $
Metropolitano 4 3/4%	—	0 8$	—
Moçambique 5%	—	—	—
Nac Electr 5%	855$	850$	—
Nitratos 5%	—	—	—
Nitratos 5% 60	—	—	—
Petroquímica 5%	—	860$	865$
Port ... 5%	—	—	—
Saco 5% 54	960$	955$	965$
Saco 5% 50	—	890$	—
Siderurgia 5% 2.ª	—	8'5$	—
Siderurgia 5% 3.ª	—	8'5$	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	8'5$	825$
Sonete 5%	8'0$	805$	8 5$
T A P 4%	—	—	—
Termoelect Port 5%	835$	835$	—
U E P 3 3/4%	—	—	—
U E P 4%	—	—	—
U E P 4 1/2%	—	88$	—
U E P 5%	—	82$5	83$
U E P 5% 60	—	—	840$
U E P 5% 63	—	855$	—

ACÇÕES

Bancos	Etec	Compra	Venda
Agricultura	990$	985$	994$
Alentejo	635$	630$	640$
Angola	1 620$	620$	630$
Burnay	—	—	—
Créd Predial	890$	880$	900$
E Santo	—	3 600$	4 [illegible]
E Santo n	—	—	—
Fonsecas S o	—	—	3 500$
L G Açores o	—	3 9'0$	3 950$
L G Açores n	—	—	—
P Atlântico o	—	—	—
Portugal n	—	—	—
Portugal o	680$	2 680$	2 700$
Totta Aliança	—	4 500$	4 750$
Ultramarino n	625$	620$	630$
Ultramarino o	8'0$	805$	8 5$

Seguros	Etec	Compra	Venda
Alentejo			
Douro	—	—	79$
Mundial	—	—	—
Sagres	—	395$	400$
Tranquilidade	—	40 000$	45 000$
Ultramarino	—	8 500$	—

Ultramarinas	Etec	Compra	Venda
Açúcar de Angola	—	170$	190$
Ag Cassequel	595$	595$	600$
Ag Incomati	—	—	—
Ag Neves	—	80$	230$
Ag ... Tomé e Príncipe	220$	210$	230$
Boror	—	—	40$
Buzi	63$	62$	63$
Cabinda	—	35$	39$

Ultramarinas	Etec	Compra	Venda
Diamantes Angola	1.255$	250$	257$
... Revué	6'0$	—	—
Ilha do Príncipe	750$	720$	750$
Moçambique	66$	65$	67$
Sonefe n	—	—	—
Sonefe ...	3 7$	3'5$	320$
Zambézia	43$5	43$5	44$

Diversas	Etec	Compra	Venda
...dic ...	7 000$	6 950$	7.020$
Cim ... Leiria	—	2 450$	3 000$
... Tejo	—	—	—
... Navegação	640$	640$	650$
...	—	0'0$	045$
... Aliança	—	—	—
Nac Navegação	550$	550$	650$
Petroquímica	—	2 '00$	2.700$
Port ... Colár as	—	340$	350$
... Celulose	—	—	—
... Pesca	740$	730$	740$
... Tabacos	523$	522$	523$
...	—	4 850$	4 950$
... Nac	1. 0$	00$	—
...re	—	2 60$	2 '90$
Tabacos de Portugal	—	950$	970$
Tabaqueira	10 800$	0 700$	0 900$
Azoto	705$	705$	7'0$

Águas Electricidade Gás	Etec	Compra	Venda
Águas Lisboa 3			
Águas Lisboa 34	—	400$	420$
Águas Lisboa 36	—	405$	425$
... Beiras	—	—	—
... Elect	—	—	500$
... Alto Alentejo	388$	387$5	388$
... Cávado	54$5	54$	55$
... Douro	1.225$	223$	227$
... Norte Portugal	12' $	2'0$	2'2$
... Estrela	—	3'0$	320$
... Zêzere	—	—	—
Nac Electricidade	285$	—	285$
Termoeléctrica Portuguesa	280$	280$	282$
...	330$	330$	335$
	92$5	9'$	93$

FUNDOS DE INVESTIMENTOS	Etec	Compra	Venda
Atlântico	—	53$9	58$5
... D ...	—	04$6	07$7

ÍNDICE BORGES & IRMÃO
COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65=100)

	11/12/68	17/12/68	18/12/68
GERAL	108,6	109,	109,2
METROP	107,3	107,6	107,6
ULTRAM	118,3	120,5	120.6

PAÍSES	Compras	Vendas
África do Sul — Rand	[illegible]	38$50
América		
Dollar de ...	[illegible]	28$60
Dollar de 5 a 100	28$4	28$80
Canadá — Dollar	26$30	26$80
Alemanha — Marco	7$ 0	7$30
Argentina — Peso	$05,5	$'0
... — Schilling	$08	$'5
...as — Cruzeiro Novo	6$00	8$00
Espanha — Peseta	$39,8	$4'3
Holanda — Florim	7$80	8$05
Inglaterra — Libra	67$00	69$50
Itália — Lira	$04,5	$04,7
Marrocos — Dirham	4$75	5$25
Bélgica — Franco	$53,5	$56,5
França — Franco	5$30	5$80
Suíça — Franco	6$58	6$78
Dinamarca — Coroa	3$65	4$00
Noruega — Coroa	3$80	4$00
Suécia — Coroa	5$4	5$7.
Ouro		
Inglaterra — Libra	330$00	345$00
Inglaterra — 1/2 Libra	240$00	260$00
... — Barra	37$50	39$00

I. BURNAY, L.DA Notas estrangeiras Papéis de crédito RUA DO OURO 72 Tel 321273

CARREIRA: Regular de passageiros

Concessionário: BOA VIAGEM - TRANSPORTES, S. A. R. L.

HORÁRIO — CARCAVELOS (est.) — TRAJOUCE

LOCALIDADES	c	c																					
Carcavelos (est.)	0 15	1 30	7 30	8 10	8 50	9 30	10 05	10 35	11 15	11 45	12 30	13 05	14 05	14 35	15 30	16 15	17 00	17 35	18 10	18 35	18 55	19 20	19 50
S. Domingos	0 25	1 40	7 40	8 20	9 00	9 40	10 15	10 45	11 25	11 55	12 40	13 15	14 15	14 45	15 40	16 25	17 10	17 45	18 20	18 45	19 05	19 30	20 00
Tires	0 30	1 45	7 45	8 25	9 05	9 45	10 20	10 50	11 30	12 00	12 45	13 20	14 20	14 50	15 45	16 30	17 15	17 50	18 25	18 50	19 10	19 35	20 05
Manique	0 37	1 52	7 52	8 32	9 12	9 52	10 27	10 57	11 37	12 07	12 52	13 27	14 27	14 57	15 52	16 37	17 22	17 57	18 32	18 57	19 17	19 42	20 12
Carrascal	0 39	1 54	7 54	8 34	9 14	9 54	10 29	10 59	11 39	12 09	12 54	13 29	14 29	14 59	15 54	16 39	17 24	17 59	18 34	18 59	19 19	19 44	20 14
Trajouce	0 45	2 00	8 00	8 40	9 20	10 00	10 35	11 05	11 45	12 15	13 00	13 35	14 35	15 05	16 00	16 45	17 30	18 05	18 40	19 05	19 25	19 50	20 20

LOCALIDADES						
Carcavelos (est.)	20 20	20 50	21 35	22 05	22 35	23 30
S. Domingos	20 30	21 00	21 45	22 15	22 45	23 40
Tires	20 35	21 05	21 50	22 20	22 50	23 45
Manique	20 42	21 12	21 57	22 27	22 57	23 52
Carrascal	20 44	21 14	21 59	22 29	22 59	23 54
Trajouce	20 50	21 20	22 05	22 35	23 05	24 00

LOCALIDADES	c	a	a	a	a																		
Trajouce	1 00	5 10	6 05	6 20	6 35	6 50	7 20	7 50	8 15	8 50	9 20	10 05	10 35	11 10	11 50	12 20	13 05	14 00	14 40	15 10	16 05	17 00	17 35
Carrascal	1 06	5 16	6 11	6 26	6 41	6 56	7 26	7 56	8 21	8 56	9 26	10 11	10 41	11 16	11 56	12 26	13 11	14 06	14 46	15 16	16 11	17 06	17 41
Manique	1 08	5 18	6 13	6 28	6 43	6 58	7 28	7 58	8 23	8 58	9 28	10 13	10 43	11 18	11 58	12 28	13 13	14 08	14 48	15 18	16 13	17 08	17 43
Tires	1 10	5 25	6 20	6 35	6 50	7 05	7 35	8 05	8 30	9 05	9 35	10 20	10 50	11 25	12 05	12 35	13 20	14 15	14 55	15 25	16 20	17 15	17 50
S. Domingos	1 15	5 30	6 25	6 40	6 55	7 10	7 40	8 10	8 35	9 10	9 40	10 25	10 55	11 30	12 10	12 40	13 25	14 20	15 00	15 30	16 25	17 20	17 55
Carcavelos (est.)	1 25	5 40	6 35	6 50	7 05	7 20	7 50	8 20	8 45	9 20	9 50	10 35	11 05	11 40	12 20	12 50	13 35	14 30	15 10	15 40	16 35	17 30	18 05

LOCALIDADES										b
Trajouce	18 05	18 45	19 05	19 35	20 10	20 55	21 30	22 05	22 40	23 15
Carrascal	18 11	18 51	19 11	19 41	20 16	21 01	21 36	22 11	22 46	23 21
Manique	18 13	18 53	19 13	19 43	20 18	21 03	21 38	22 13	22 48	23 23
Tires	18 20	19 00	19 20	19 50	20 25	21 10	21 45	22 20	22 55	23 30
S. Domingos	18 25	19 05	19 25	19 55	20 30	21 15	21 50	22 25	23 00	23 35
Carcavelos (est.)	18 35	19 15	19 35	20 05	20 40	21 25	22 00	22 35	23 10	23 45

Observações — Efectuam-se

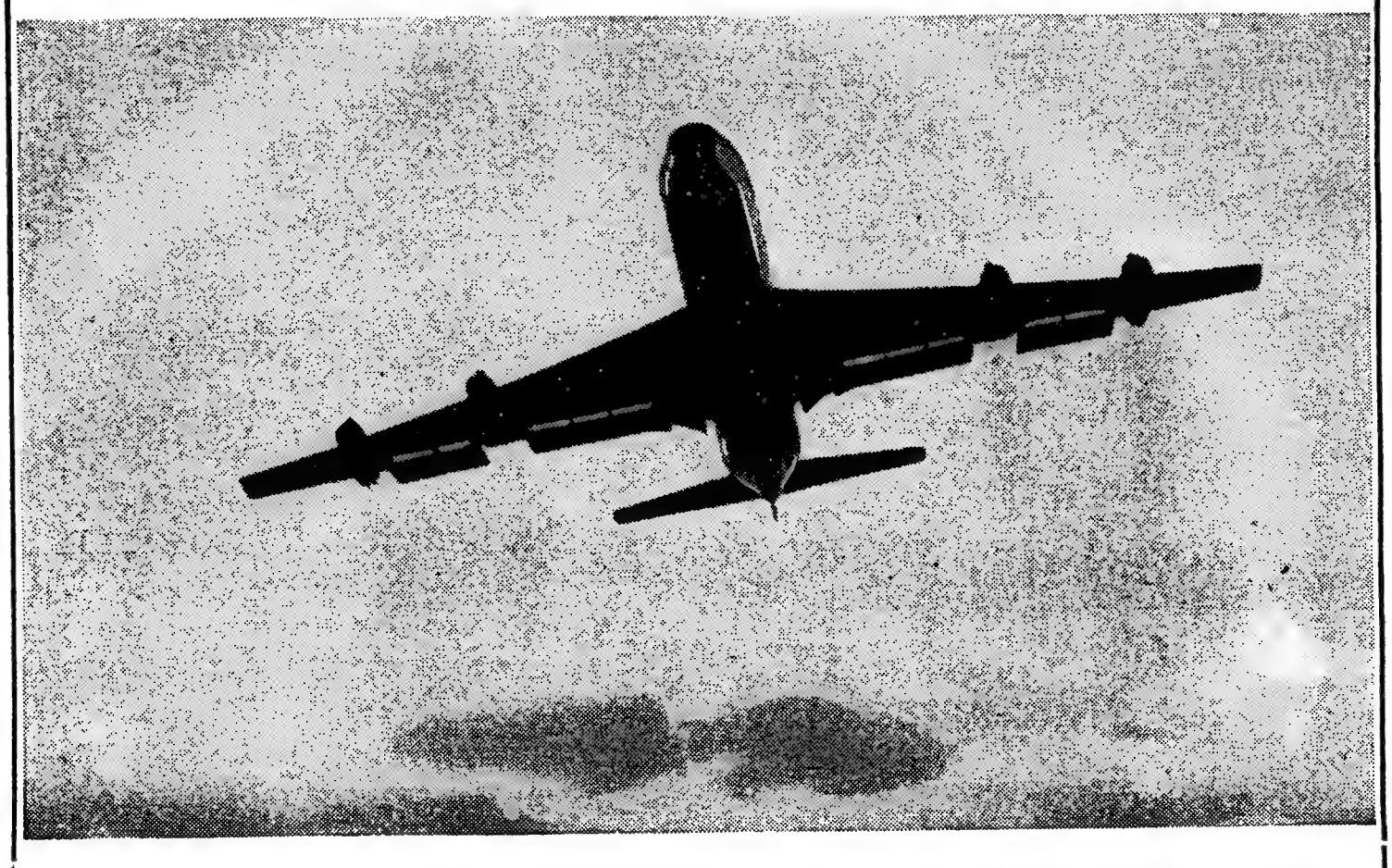
a) — Excepto aos domingos e feriados nacionais b) — Aos domingos c) — Às 2.as feiras

Este horário anula todos os anteriormente aprovados

O «Diário de Lisboa» encontra-se á venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos

Comece já hoje a sua viagem



E pague depois em 12 meses, usando o plano da Pan American "viaje primeiro - pague depois"

NOVA YORK*	Esc.	6.080$00	SYDNEY	Esc.	20.415$00
BOSTON*	»	6.080$00	TORONTO* (Via Nova York)	»	6.690$00
SAN FRANCISCO*	»	10.275$00	HONG KONG	»	17.335$00
MIAMI*	»	8.275$00	VOLTA AO MUNDO*	»	37.555$00

*Em colaboração com o Banco Português do Atlântico. * Se efectuar a travessia do Atlântico de 29/9 de 1968 a 16/7 de 1969. Estes preços referem-se à Classe Económica e não incluem taxas portuguesas de embarque.*

Vai às Américas... ao Oriente.:. à Austrália...? Basta dizer-nos para onde quer ir e há sempre um serviço Pan American ao seu dispor, pois voamos para 120 cidades dos 6 continentes. Sem ter de pagar um centavo adiantadamente, beneficiará das características que nos tornaram famosos no mundo inteiro — Pessoal de cabine eficiente e atencioso — Cozinha magnífica do *Maxim's de Paris* — O conforto dos gigantescos Clippers® Intercontinentais a Jacto — A amigável assistência prestada pelo pessoal Pan American nos 900 escritórios que temos em todo o mundo. Dirija-se ao seu Agente de Viagens ou à Pan American em Lisboa, P. dos Restauradores, 46. Serviço de Reservas: 36 25 91 (5 linhas). É com muito prazer que lhe daremos pormenores sobre o Plano «Viaje Primeiro — Pague Depois». Voando connosco, sentirá que soube escolher o melhor. Hoje e sempre estamos à sua disposição.

PAN AM

A linha aérea de maior experiência no mundo

A Pan Am torna a sua viagem maravilhosa

«Jornal do Exército»: complemento informativo do Ultramar

«Papel do helicóptero na guerra da Guiné», «A formação de quadros e a oportunidade de ex-militares se fixarem em Angola» e «Artistas em uniforme: Marco Paulo» são três dos temas que preenchem as 52 páginas do último número (Novembro de 1968) do «Jornal do Exército», actualmente dirigido, no nono ano da sua publicação regular, pelo general Oliveira Vitoriano.

A relativa escassez de noticiário actualizado sobre a situação militar ultramarina, que vamos conhecendo quase só pelos boletins semanais ou mensais das Forças Armadas, faz avultar ainda mais o interesse deste «Jornal do Exército», redigido por profissionais com experiência em vários escalões, falando claramente do que puderam observar e viver nas situações mais díspares.

NOTÍCIAS DE LEIRIA

Juramento de bandeira

LEIRIA, 19 — No Regimento de Infantaria n.º 7, decorreu ontem a cerimónia de ratificação do juramento de bandeira pelos soldados recrutas da 4.ª incorporação do corrente ano.

Houve formatura geral, seguindo-se uma alocução pelo comandante da unidade, sr. coronel Manuel Germano Sebastião. Após a leitura dos deveres militares, falou aos soldados, em estilo patriótico, o sr. aspirante miliciano Nunes Cristino.

Depois do juramento, houve distribuição de prémios aos soldados que mais se distinguiram durante a recruta, desfilando, seguidamente as forças ante a tribuna onde se encontravam as entidades.

O festival desportivo, durante a tarde, incluiu a final do torneio intercompanhias e outras provas desportivas. A terminar, houve um espectáculo de variedades dedicado aos soldados e seus familiares, que acorreram em grande número.

Estação de tratamento de águas

A Câmara Municipal deliberou adjudicar a empreitada de ampliação da estação de tratamento de águas para abastecer a cidade, á firma SETAL - Sociedade de Estudos e Tratamentos de Águas, Ld.ª, pela quantia de esc. 985 000$00.

Incêndio

Manifestou-se incêndio na Cerâmica Alcasa do Sirol, Ld.ª, em Quintas do Sirol, Santa Eufémia, deste concelho.

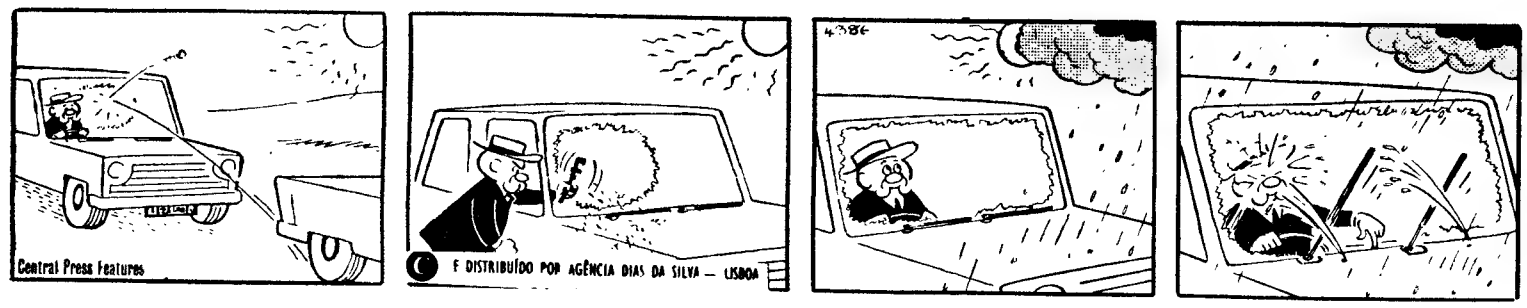
Dadas as proporções do sinistro, foram chamados os bombeiros Municipais desta cidade, e os voluntários de Vila Nova de Ourém, os quais com o auxílio do moderno material de que dispõem, evitaram que as chamas envolvessem todo o corpo da fábrica. Mesmo assim, metade da cerâmica ardeu, elevando-se os prejuízos, em maquinismos e instalações, a cerca de 300 contos, parcialmente cobertos pelo seguro.

Em OLIVAIS SUL o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido pelo nosso agente ANTÓNIO VALENTE

Os Peanuts

Carol Day

Aventuras do Tio Carlos



HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 19 de Dezembro de 1938 publicava:

«Bárbara Hutton, ex-princesa Niclivani, ex-condessa Reventlon, volta a ocupar a atenção dos jornalistas e dos fotógrafos. A mais rica herdeira do Mundo acaba de chegar a Paris, onde a publicidade a que tem direito a sua elevada categoria social e a sua avultadíssima fortuna provoca novas duvidas. Viagem de amor? O folhetim de Bárbara Hutton está ainda longe do seu termo.»

LUXOR
MÁQUINAS AUTOMÁTICAS DE LAVAR E SECAR ROUPA

MAIS SIMPLES
MAIS VANTAGENS
MELHOR QUALIDADE
VÁRIOS MODELOS
LUXOR
RECOMENDA O USO DO DETERGENTE dixi
REPRESENTANTES EXCLUSIVOS
RAFAEL BURGUETE, LDA.
Lisboa: R. António Enes, 20-1.º - Tel. 535057
Porto: Rua Formosa, 172 — Tel. 26902
À VENDA NAS BOAS LOJAS DE ELECTRODOMÉSTICOS

Palavras cruzadas

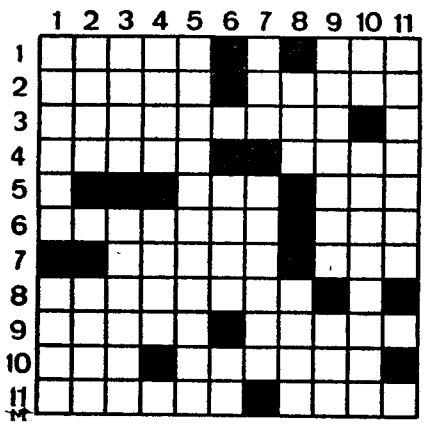
(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5034

HORIZONTAIS: — Arma semelhante ao punhal Favoráve. 2 — Escameçam Aragem 3 — Estimularias. 4 — Alimento Rio que em Moçambique separa o distrito de Manica e Sofala dos de Gaza e Inhambane. 5 — Causa Enxergar 6 — Avelhentada Iço 7 — Latir Nocivo 8 — Agacha. 9 — Símbolo da realeza Espinhoso. 10 — Haver Descansar no sono 11 — Preparou com mel Infortunio

VERTICAIS: — Alisa. Registo de sessão 2 — Proprietário Fritrem 3 — Congénere Segure 4 — Lamenta-se Deus romano do vinho 5 — Amarrotado 6 — Transfere para outra ocasião. Conjunção 7 — Rio da Russia, afluente do Árctico Levantar ferro (navio). 8 — Chefe etíope. Provoca. 9 — Repetiam. Combina bem 10 — Artigo (pl.) Acto de velar 11 — Amoleceu

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5033

HORIZONTAIS: 1 — Monomaquias. 2 — Avaliou. Are 3 — Minho Iatai 4 — Este. FAZE. O. 5 — Esposo. 6 — Tós. Rum BEM. 7 — Er Aivados. 8 — Fé Vê Os. 9 — NÃO. Ain. Teu. 10 — Leinia. Olé 11 — Acesso. Unam

VERTICAIS: 1 — Màmente Nua 2 — Ovis Orfã. 3 — Nantes Eolo 4 — OLHES. A. És. 5 — Mio. Privais 6 — Ao Fouveiro. 7 — Quiasma. Ná. 8 — Azo. Dó. 9 — Iate Boston. 10 — Ara. Mês. Elo 11 — Seio. QUEM

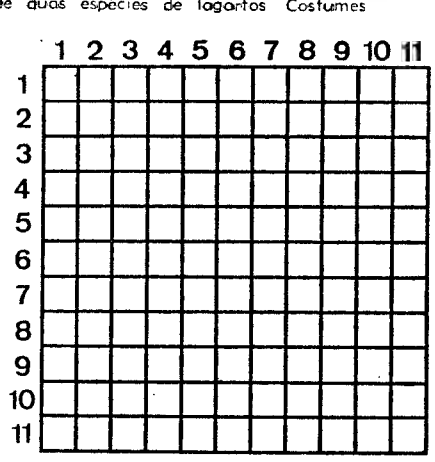
(Provérbio: FAZE O BEM NÃO OLHES A QUEM).

(NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 8878

HORIZONTAIS: — Ilha do mar Tirreno, no golfo de Nápoles A parte amarela do ovo (pl) 2 — Apelido. Acomete 3 — Vila e concelho do distrito de Évora Serra de Portugal 4 — Praseodímio (s. q.). Preposição. Rodo (s. q.). 5 — Respira com dificuldade. Erguido 6 — Curam Raça. 7 — Completavam. 8 — Marcaram o peso da tara em 9 — Sufixo que designa abundância. Grande cadeia de montanhas da Europa Ocidental 10 — Rio de Itália Joeira Ave galinácea 11 — Abaixariamos

VERTICAIS: — Sepulturas. Louça para serviço de mesa 2 — Tornar tépido Por baixo de 3 — Igual Antiga cidade dos Sabinos, hoje Cretona 4 — Esteiro. Lodo Nome antigo da nota musical dó 5 — Segunda. Pequena câmara de navio. 6 — Isolado. Basta Viração. 7 — Gálio (s. q.) Invadira ás ocultas. 8 — Letra grega. Monta a cavalo 9 — Palavra gaélica que significa filho e precede um grande numero de nomes irlandeses e escoceses. Assentam arroiais. 10 — Despertam Gavinha 11 — Nome vulgar de duas espécies de lagartos Costumes



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8877

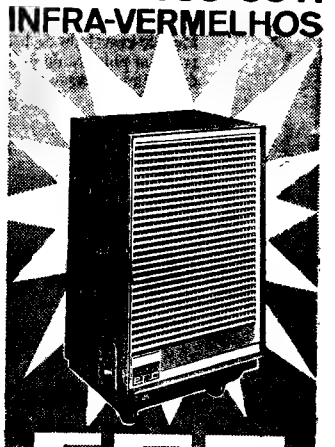
HORIZONTAIS: 1 — Lapão Alapa. 2 — Ocas. Arar. 3 — Uri. Cia. Ulm. 4 — Lê Campa Má 5 — Estar. Rumam. 6 — Rim Ora 7 — Atiro. Varas. 8 — Fó. Ondas. Mó 9 — Imã. Aar. 10 — Abar. Arad. 11 — Rolas Trela

VERTICAIS: 1 — Loulé Afiar. 2 — Acres. Tombo. 3 — Pai. Tri. Aal. 4 — As. Cairo. Rã. 5 — Carmona. 6 — Sir Dão. 7 — Aprovar. 8 — Lá. Auros. Ar 9 — Aru Mar. Are. 10 — Palma. Amial. 11 — Armam. Sonda.

CORCHO
APARELHAGEM ELECTRO-DOMÉSTICA DE ALTA QUALIDADE
- CALORÍFEROS — INFRAVERMELHOS A GÁS BUTANO
- FOGÕES e FOGAREIROS — A GÁS BUTANO
- ESQUENTADORES
- MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA

SEGURANÇA ABSOLUTA — EFICIÊNCIA
BAIXO CONSUMO — BAIXO PREÇO
DISTRIBUIDORES:
Sociedade Central de Vendas, Ld.ª
Rua dos Fanqueiros, 258-262-3
Telefone 36 61 87 — L I S B O A

FIM DO ANO EM MADRID
28 DE DEZEMBRO A 2 DE JANEIRO
(6 DIAS)
ESCUDOS 2.100$00
Incluindo: Transporte, Alojamento em Hotel de 1.ª-A, quartos com casa de banho, todas as refeições, visitas de Madrid, Escurial e Vale de Caídos e REVEILLON no «CASABLANCA» com direito ao espectáculo internacional e Champagne
VIAGEM ASSEGURADA
AGÊNCIA GLOBO DE VIAGENS
Rua de S. Julião, 5-1 — LISBOA — Telefs. 869593 e 870788

ENO
CALORÍFEROS A GÁS BUTANO CATALÍTICOS OU A INFRA-VERMELHOS

ENO
PARA O SEU LAR O SOL NO INVERNO
·segurança total
·grande rendimento
·baixo consumo
UM PRODUTO FRANCÊS DE ALTA QUALIDADE
À VENDA NAS BOAS LOJAS
Representantes Exclusivos:
RAFAEL BURGUETE, LDA
LISBOA - R. ANTÓNIO ENES 20-1º
TEL. 53 50 57
PORTO - RUA FORMOSA, Nº 172

T.V.
SCHAUB LORENZ
RÁDIO

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

Colecção Joalharia

Ω OMEGA

SAPHETTE
Um relógio elegante, com pulseira de ouro e vidro safira facetado, que cintila como um brilhante.

CLÁSSICO
Modelo cravejado de brilhantes, com pulseira de ouro e vidro safira facetado.

QUADRADO
Modelo muito em voga e de rara distinção.

LADYMATIC
O relógio para senhora que, ao menor gesto, dá corda a si mesmo. Com pulseira de ouro e vidro safira facetado.

A PARTIR DE 7.900$00

Um presente prestigioso que torna feliz quem o recebe

Saber oferecer não é dar muito - é dar bem. E dar bem é presentear alguém com o que seja útil e valioso.
Oferecer um OMEGA é saber oferecer porque à satisfação de quem dá se aliam a felicidade e a alegria de quem recebe. Porque OMEGA não é apenas um relógio – é um presente de classe excepcional.
Relógio clássico ou automático, com pulseira de ouro ou de cabedal, cravejado ou não de diamantes, todos eles tem a famosa precisão que caracteriza um OMEGA, relógio suiço de fama mundial.

Ω OMEGA

Cada Omega é acompanhado de um certificado de garantia

ALGUMAS AGÊNCIAS OFICIAIS EM LISBOA

Joalharia ÁUREA
Rua Aurea, 89

Ourivesaria ESTEFÂNIA
Rua Pascoal de Melo, 150

Relojoaria MAURY
Rua Aurea, 202

Ourivesaria MOURÃO
Rua da Prata, 200

Ourivesaria NASCIMENTO & PINTO
Praça da Figueira, 4-E

Ourivesaria PIMENTA
Rua Augusta, 257

Relojoaria SUÍÇA
Rua Aurea, 252

TORRES Joalheiros
Rua Aurea, 255

ASSISTÊNCIA TÉCNICA:
Praça da Figueira, 4-1.º

Modernas técnicas de comercialização

«IRAL» — Industrias Reunidas Armindo Lousada, representante no nosso País de «MEBUNIK» (Bilbau) promove, em colaboração com o jornal «O Expositor» uma importante reunião dedicada a todo o comércio retalhista de mercearia.

Para tomar parte nessa reunião encontra-se em Lisboa o sr. Alfredo Langa director comercial de «MEBUNIK», que apresentará a todos os retalhistas alguns «slides» e filmes ligados ás mais modernas técnicas da sua actividade. Igualmente terá intervenção sobre variados aspectos das mais modernas técnicas da comercialização.

A reunião decorre hoje ás 21 e 30, na sede dos Bomeiros Voluntários Lisbonenses, Rua Camilo Castelo Branco, n. 33.

O 61.º ANIVERSÁRIO DO LEIXÕES

Com uma sessão solene promovida ontem no salão nobre do Orfeão de Matosinhos terminou o programa comemorativo do 61.º aniversário do Leixões Sport Clube.

A entrega dos prémios «Américo Pacheco» (de homenagem ao fundador do clube) e uma palestra («Disciplina rota de 61 anos de vida») proferida pelo dirigente Joaquim Queirós, foram os actos dominantes da sessão na qual se fizeram muitas afirmações de fé num futuro radioso da popular colectividade matosinhense. Os oradores da noite foram os srs. dr. Oliveira Martins, Costa Carvalho, Joaquim Queirós e a encerrar o dr. Paulo Sarmento, delegado da D. G. D. Numerosos clubes do Porto fizeram-se representar, nas comemorações, bem como o comandante dos portos do Douro e de Leixões, representante da Federação Portuguesa de Futebol e Comissão Distrital de Árbitros de Futebol.

«English meeting» num externato de Almada

No Externato Frei Luís de Sousa, em Almada, realizou-se um «English meeting» — festa escolar em que colaboraram todos os alunos de língua inglesa, cerca de 150.

Esta primeira experiência de um moderno método de ensino de línguas vivas deu óptimos resultados e será repetida no fim de cada período escolar.

Foram apresentados actos cénicos com textos da autoria dos próprios alunos, vários diálogos, seguindo-se uma parte musical toda integrada de musica inglesa.

O TELEVISOR DE ALTA QUALIDADE
TOTALMENTE AUTOMÁTICO

À VENDA NAS BOAS LOJAS DE ELECTRODOMÉSTICOS
REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:
RAFAEL BURGUETE, LDA
LISBOA-RUA ANTÓNIO ENES, 20, 1.º-T. 635068
PORTO-RUA FORMOSA, 172 — TEL. 26902

Alberto Fonseca Antunes

Missa do 1.º aniversário

Será rezada missa, amanhã, dia 20, pelas 9 horas, na Igreja de Arroios.

DESPORTO

Um largo cerco de jogadores italianos a José Maria. Mas o angolano acaba de desfechar o remate que proporcionaria o terceiro golo do Vitória de Setubal, ponto final da sua espectacular vitória de ontem

Novos rumos no ciclismo

Só aqueles que teimam em manter-se de olhos cerrados às realidades não se terão apercebido de que a época finda marcou uma nítida viragem no ciclismo nacional.

O interesse denunciado pelo sector comercial e o grande número de provas efectuadas atestam claramente que o ciclismo português se encontra no patamar do autêntico profissionalismo, aquele que exige aos praticantes uma quase contínua actividade no cumprimento dos respectivos contratos.

Acontece até que os ciclistas portugueses começam a ser solicitados para competições além-fronteiras, fruto talvez do comportamento de alguns que serviu para nos abrir mais risonhas perspectivas de benéfico convívio internacional.

Ao que sabemos, o Sporting não está inclinado a comparecer na Volta a Andaluzia, para a qual fora sondado. O declinar do convite seria fundamentado no facto de os estradistas «leoninos» terem necessidade de descansar e que o mês de Janeiro (que já será de treinos) é insuficiente para a representação sportinguista poder competir num plano de ambições.

Conhecidas as características da competição andaluza, onde raros são os que se apresentam já «rodados» (é a 1.ª prova do calendário espanhol) e sem que pretendamos «meter foice em seara alheia», não traduzirá esta decisão um certo amadorismo na condução de uma modalidade de profissionais?

E. V.

TRANSFERÊNCIA DE CAMPEÕES INTERCONTINENTAIS

BUENOS AIRES, 19 — A. N. I.) — O Clube Estudiantes de La Plata vai nos próximos dois meses desfazer-se da maioria dos jogadores que ganharam a «Taça Intercontinental» em Outubro findo, no jogo contra o Manchester United.

A série de transferências será iniciada com a passagem do avançado Ramon Vernon e do médio-volante Carlos Pachame para outro clube argentino, o Boca Juniors, cujo presidente, Alberto Armando, conferenciou ontem com o dirigente de os Estudiantes de La Plata Mariano Mangano para tratar do preço respectivo.

ATÉ ONDE CHEGARÁ ESTE EXCELENTE VITÓRIA?

•Ontem à noite, em Alvalade, vitória significativa (3-0) sobre a Fiorentina e exibição de grande categoria

Quinto jogo, quinta vitória. O que, se não é inédito em provas do futebol europeu, é, pelo menos, muito raro. E como é a fugir à vulgaridade que se descobre o acesso para a fama, aí temos a equipa do Vitória de Setúbal a chamar a atenção da «aficion» internacional. Se a Europa do futebol não tiver atentado nos triunfos dos setubalenses sobre os irlandeses do Linfield e os franceses do Lyon, passa, agora, a ter razão forte para ficar intrigada com «um tal Vitória de Setúbal». Porque, ontem à noite, a equipa da A. C. Fiorentina, uma das mais fortes de Itália, teve a mesma sorte (aliás, o mesmo azar) que havia tocado aos da Irlanda e da França: não resistiu ao fulgurante futebol de Setúbal e viu-se batida por um resultado concludente: 3-0. Bater um grupo italiano, e da estirpe do de Florença, por 3-0, não está ao alcance de uma equipa qualquer. Mas o Vitória de Setúbal já não é, mesmo no plano internacional, «uma equipa qualquer».

Golo do Vitória! Guerreiro e Figueiredo são a imagem do contentamento

Foi um excelente jogo de futebol, o que se realizou ontem à noite, no Estádio José Alvalade. Excelente, sobretudo pela actuação da equipa portuguesa que reafirmou, em tão duro teste, a sua progressiva adaptação a estes desgastantes e

comentário de MÁRIO ZAMBUJAL

perturbadores jogos internacionais. Mas excelente, também, pela capacidade entremostrada pelo adversário que, se teve deficiências e insuficiências, não deixou de exibir virtudes muito apreciáveis, nomeadamente o primoroso toque de bola dos seus jogadores.

É verdade: a equipa que o Vitória de Setúbal claramente derrotou, não é uma equipa vulgar, nem será, pesando bem as coisas, inferior ao próprio Vitória. Aconteceu, porém, que o grupo de Setúbal se «atirou» à conquista do triunfo com uma decisão quase irrespondível. Velocidade surpreendente — e surpreendente pela velocidade, em si própria, e pelo tempo em que a mantiveram, sem quebra, os *obstinados* futebolista do Vitória. A equipa de Florença foi chicoteada por um ciclone riscado de verde, e a sua forte defesa, com «catenaccio» e tudo, cedo começou a andar à deriva, perturbada por aquele incessante viajar da bola, de um a outro flanco, e pela movimentação sem pausas dos avançados portugueses.

O primeiro golo do Vitória, aos 11 minutos, nasceu de uma falha dos defensores italianos, que deixaram a José Maria em doce solidão, frente à baliza. E José Maria teve tempo de parar a bola, acariciá-la com o cabedal das botas e chutar depois, sem pressas e sem oposição. Mas se o golo foi, no lance, de certo modo facilitado, não deve esquecer-se que o ataque do Vitória cavara já essas facilidades, demolindo a serenidade dos defensores italianos com as suas fulgurantes arremetidas. E a ofensiva continuou. Com jogadas de excelente espectáculo. Com uma rapidez envolvente, uma *teimosia* sem remédio. O segundo golo terá nascido de um «fora-de-jogo» de Guerreiro, mas já não se duvidava, então, de que haveria um segundo golo. Naquele ou em outro lance.

A seguir a este novo golpe, os florentinos sentiram-se na necessidade de «nascer» para o ataque, e fizeram-no em grande estilo, com avanços de modelar organização, servida pela grande valia individual de De Sisti, Merlo, Maraschi e Amarildo, este menos influente. A defesa do Vitória, porém, respondeu á letra. Alfredo, que começara com certo nervosismo, recompôs-se e acabaria em grande plano — tal como Cardoso, um dos bons defesas-centrais do actual futebol português. Firmes, os «laterais», mesmo Herculano, chamado a função diferente da habitual. E viu-se, isso também se viu, que os italianos são magníficos a dominar a bola, mas muito mauzotes no remate.

*

O Vitória marcou os seus golos nos «melhores momentos». É verdade que, em qualquer momento, um golo é um golo, e não vale mais nem menos na contabilidade do jogo. Mas um golo tem sempre influência no estado de espírito dos jogadores. Por isso, se lhe chama habitualmente um *tónico*, para quem o marca, ou *balde de água fria*, para os que o sofrem. O terceiro tento dos setubalenses, aos sete minutos da segunda parte, foi tudo isto. E embalou a equipa portuguesa para continuar alegremente, entusiàsticamente, como que empolgada pelo seu próprio feito, no ritmo vibrante da primeira parte.

Depois, os italianos lançaram-se, com desespero, na pesquisa de um golo que desse um sopro de vida ás suas esperanças moribundas. Mas a equipa do Vitória reforçara a confiança em si própria, era, toda ela, decisão e autoridade. A defesa foi anulando essas ameaças, embora não tivessem faltado aos avançados de Florença oportunidades de marcar. Mas o Vitória, acentue-se, também podia ter ido mais além. Quase a dobrar a parada.

*

Para além da estupenda solidez do sector defensivo, Setúbal teve outras virtudes. O entendimento colectivo, o companheirismo, a abdicação da gloriazinha individual para a entrega aos interesses dessa comunidade que se chama equipa, são qualidades bem enraizadas no grupo tão bem preparado por esse técnico excepcional que é Fernando Vaz. E verifica-se isto: os defesas e os avançados, por definição, não deixaram de forcejar na tarefa chamada de «armação». E foi um jogador de «meio-campo» (José Maria) quem marcou dois dos três golos. Quer isto dizer que, na equipa do Vitória, está a observar-se uma primorosa integração dos diferentes sectores. Contra o Lyon, no Bonfim, Tomé — um «centro-campista», obteve três tentos. E agora foi José Maria o goleador da noite...

Muito bem, Wagner, especialmente na primeira parte. E Arcanjo, habilíssimo; Guerreiro, diligente e resistente; Jacinto João, mais em foco no segundo tempo. Figueiredo, em «cunha», foi um fulcro de perturbação na defesa italiana...

... Que foi, contra a espectativa, o pior sector. Ferrante, o «libero», começou bem, mas surgiram-lhe tantas dificuldades que se afundou por completo. Com ele ruiu a organização defensiva italiana.

Individualmente, quase todos os jogadores do Fiorentina são da melhor cepa, mas Merlo e Mariachi foram ontem os melhores. De Sisti durou pouco e Amarildo acabou a «ponta-de-lança», tentando fazer com «truques» o que se lhe não permitia de outro modo.

*

Falta ainda o jogo de Florença. Mas a vantagem de três golos e a capacidade ontem confirmada pelo Vitória, quase garantem que a equipa portuguesa vai continuar. Até onde? Esta é, para já, uma das mais interessantes interrogações da temporada de futebol.

Uma palestra de Joaquim Campos

O conhecido árbitro internacional de futebol Joaquim Campos profere no dia 20 no Caselas Futebol Clube, uma palestra sobre temas de futebol, durante a qual serão entregues pela Associação de Futebol de Lisboa as medalhas de correcção aos jogadores daquele clube, que disputaram o campeonato distrital da 3.ª Divisão.

AS EQUIPAS

Sob a arbitragem do escocês T. Whanton, auxiliados pelos seus compatriotas J. M. Englis e J. D. Brown, as equipas apresentaram a seguinte formação:

VITÓRIA — Vital; Herculano, Cardoso (cap.), Alfredo e Carriço; José Maria e Wagner; Arcanjo, Guerreiro, Figueiredo e J. João.

FIORENTINA — Superchi; Ferrante; Stanzial, Rogora e Mancini; Esposito, Merlo e de Sisti (cap.); Rizzo, Maraschi e Amarildo.

GASTON ROELANTS NA SÃO SILVESTRE EM S. PAULO

BRUXELAS, 19 — (F. P.) — O campeão belga Gaston Roelants disputará a São Silvestre de São Paulo. O campeão anunciou que no Brasil resolverá quanto a participar também na corrida paulistana (em bista) de 3 de Janeiro e nas corridas das praias de Montevideu.

Roelants está inscrito para a meia-maratona de Cuamo (Porto Rico) em Fevereiro.

JUCA:
SECRETÁRIO-TÉCNICO DO BELENENSES

O futebol do Belenenses vai tomar novos rumos: a partir desta tarde, Juca será o responsável pela equipa do Restelo, embora Zubieta se mantenha como treinador de campo.

Contudo, a continuidade de Juca como secretário-técnico do Belenenses está dependente da autorização já solicitada á Federação Portuguesa de Futebol, uma vez que o técnico está vinculado por um contrato àquele organismo.

É de crer, no entanto, que a F. P. F. consinta na permanência de Juca na direcção técnica do Belenenses e que o seu ingresso no clube do Restelo possa resultar frutuoso.

Campeonato de Lisboa de Voleibol

Foram os seguintes os resultados verificados ontem á noite nos jogos a contar para o Campeonato de Lisboa de voleibol:

I Divisão — Técnico-Moscavide, 3-0; C. D. U. L.-Costa do Sol, vitória do primeiro, por falta de comparência.

Senhoras — Benfica (B)-C. I. F., 3-1.

Juniores — C. D U. L.-Lisboa Ginásio, 1-3.

Juvenis — Lisboa Ginásio-C. I. F., 3-0.

ÊXITO NAS ANTAS

BOSCH DISTRIBUIU O PROGRAMA DO PORTO-BENFICA

Já não podem restar duvidas quanto á receptividade do publico em relação aos programas oficiais dos jogos da Federação Portuguesa de Futebol, feliz iniciativa á qual a Editora EPO tem vindo a dar notável incremento, com o precioso e oportuno apoio das mais categorizadas firmas e marcas.

O êxito dos programas aumenta semana a semana e ainda no domingo, no Estádio das Antas e na própria cidade do Porto, ficou consolidado com a distribuição de 25 000 exemplares só para o grande jogo do dia entre o Porto e o Benfica. Essa distribuição, patrocinada em parte considerável, pela importantíssima organização Bosch, principiou, de forma espectacular, ainda no sábado, na agência do Totobola na capital do Norte — o Banco Português do Atlantico — pois foram em grande numero os entusiastas do jogo que, ao mesmo tempo que faziam as suas apostas, tomavam contacto com o programa do principal encontro da jornada.

Para dar uma ideia mais concreta do sensacional êxito dos programas oficiais do futebol, basta dizer que nas Antas, em Alvalade e na Tapadinha houve muitos espectadores que já não puderam ser contemplados por se terem esgotado as respectivas edições.

Entretanto,, está já em execução um programa especial do encontro Benfica-Ajax, para a Taça dos Clubes Campeões Europeus.

YAUCA foi radiografado a um joelho

O Salgueiros atravessa um momento bastante difícil no que se relaciona com a sua equipa principal de futebol. Encontram-se lesionados os três guarda-redes (Melo, Arménio e Franklim), e ainda Mendes, Dário e Taco. O caso de Yauca, no entanto, é motivo de mais preocupação dado o excelente momento de forma em que se encontra o jogador, que ontem foi radiografado a um joelho para se saber da gravidade da lesão. A juntar a estas contrariedades há ainda os castigos aplicados a Germano e José da Costa. São muitos os problemas que terão de ser solucionados pelo treinador Frederico Barrigana, esta semana empossado no cargo.

FUTEBOL EUROPEU

Resultados de outros encontros disputados nos torneios europeus de futebol:

«Taça das Cidades com Feira», 3.ª eliminatória, primeira «mão»: Em Leeds — Leeds-Hanover 96, 5-1. Em Hamburgo — Hamburger S. V.-Hibernian, 1-0.

«Taça Mitropa» — primeira eliminatória, 2.ª «mão»: Em Cagliari — Cagliari (Itália)-Viena Sport Klub (Austria), 2-0. (O Viena qualificou-se para a eliminatória seguinte com 22).

Em Palermo — Palermo (Sicilia)-Inter de Bratislava (Checoslováquia), 1-0. (Inter qualificado com 3-1).

TOTOBOLA
O NOSSO PALPITE

Varzim - Atlético	1
Leixões-Sporting	2
Sanjoanense Guimarães	1
Setubal-C. U. F.	1
Braga - Académica	X
Belenenses-F. C. Porto	X
Acad. Viseu-Tirsense	X
Covilhã-Leça	1
Espinho - Boavista	2
Montijo-Oriental	1
Lusitano-Torriense	2
Almada - Sesimbra	1
Alhandra-Seixal	1

Ford à frente em requinte
Qual o carro familiar requintado e empolgante?
O Ford 15M XL

Suprimimos a monotonia característica dos carros de família. O Ford 15M XL tem requinte e uma condução empolgante.
Pensámos em tudo. Motor V4 detentor do record do Mundo dos 300 000 km, igual à distância da Terra à Lua e mais 144 records de velocidade e resistência. Tracção à frente para maior agilidade, maior aderência, maior resistência aos ventos laterais. A segurança reforçámo-la poderosamente: coluna de direcção com dispositivo amortecedor e sistema de travagem com 2 circuitos independentes. Temos espaço suficiente para uma família viajar à vontade. A construção é sólida. Finalmente, demos-lhe requinte: interiores sumptuosos, tablier e portas especialmente decorados e de refinado bom gosto, bancos dianteiros individuais reclináveis e alavanca de velocidades no piso, estofos de primeira qualidade, espessa carpete. Tudo isto com uma condução suave e silenciosa como nunca.
Visite hoje mesmo o Concessionário Ford e experimente o requintado Ford 15 M XL. O carro que V. deseja. Modelos de 2 e 4 portas.

Ford 15M

Ford

Para onde quer que vá, o serviço Ford e as peças FoMoCo genuínas estão no seu caminho.

A SUA DISPOSIÇÃO NOS CONCESSIONÁRIOS FORD

STAND MODERNO
Av. Fontes Pereira de Melo, 15-A - Telef. 49669 — R. João Saraiva, 15 (Alvalade) - Telef. 711066/9

LINCURI
Av. da República, 32-A - Telef. 777091

CIESA-NCK-ADAPT. 15—03

CARTAZ DOS CINEMAS

Estreias de hoje: O PEQUENO BANHISTA — S. Jorge
O ELOGIO DA PREGUIÇA — Estúdio 444

SÃO LUIZ

Tel. 327172
Às 15.15, 18.15 e 21.30
Os mais fabulosos desenhos animados
PARA TODOS — Technicolor
O novo filme de **Walt Disney**
O LIVRO DA SELVA
No programa o filme:
CORRE, CORRE, CAVALINHO

MONUMENTAL

(M. 12 anos) Tel. 555131
Às 15.15 e 21.30
2.ª SEMANA
Alain Delon - Nathalie Delon as estrelas de quem se fala enfrentam pela primeira vez
O OFICIO DE MATAR

QUINZENA MUSICAL
Amanhã — M. 12 anos — 18.30
AS DONZELAS DE ROCHEFORT
de Jacquse Demy, com Catherina Deneuve, Françoise Dorleac, George Chakiris, etc.
Em 70 mm, no «écran» gigante do cinema Monumental, sem aumento de preço.
Prox. Quinzena: INFANTIL (Maiores de 6 anos)

ODEON

Telef. 32 62 83
Às 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
SENSACIONAL ÊXITO!
A comédia musical com arrebatadoras corridas de touros
MARISOL E O TOUREIRO
com o famoso «espada» PALOMO LINARES
(Col.) (M. 12 anos)

ROMA

(Adultos) Tel. 727778
Às 21.45
2.ª SEMANA
GRANDIOSA REALIZAÇÃO
DAS ARDENAS AO INFERNO
SUPERTECHNISCOPE TECHNICOLOR
ATENÇÃO: Por motivo da Festa de Natal dedicada aos filhos dos empregados, não se efectuam as sessões da tarde.

CASINO ESTORIL

(M. 12 anos) Tel. 26 07 29
Às 17 e 21.30
ANTES QUE CASES
com **Doris Day, Brian Keith, Pat Carroll e Barbara Hershey**

IMPERIAL

Às 21 horas Tel. 45933
(Adultos)
TODOS SÃO MEUS INIMIGOS
O VIUVO ALEGRE

AVIS

(M. 12 anos) Tel. 47163
Às 21.45
MARISOL E O TOUREIRO
Uma alegre comédia musical com o famoso espada «**Palomo Linares**»
ATENÇÃO: Por motivo da Festa de Natal dedicado aos filhos dos empregados, não se efectuam as sessões da tarde.

ALVALADE

Tel. 763080
Às 15.45 e 21.45
Os mais fabulosos desenhos animados — PARA TODOS
Technicolor
O novo filme de **Walt Disney**
O LIVRO DA SELVA
No programa o filme:
CORRE, CORRE, CAVALINHO

TIVOLI

(M. 17 anos) Tel. 50595
Às 3 da tarde (p. r.)
e 9.30 da noite
2.ª SEMANA
Uma aventura no mundo dos ladrões de jóias
QUEDA MORTAL
c/ **Michael Caine e Giovanna Ralli**

ESTÚDIO 444

(M. 17 anos) Tel. 779097
Às 21.45 — ESTREIA
O ELOGIO DA PREGUIÇA
com **Philippe Moiret e Françoise Brian**
ATENÇÃO: Por motivo da Festa de Natal dedicada aos filhos dos empregados, não se efectuam as sessões da tarde.

CONDES

Telefs. 32 25 23 - 32 67 10
Às 15.15, 18.15 e 21.30
(M 17 anos)
A MORTE ESPERA EM ATENAS
com **Ken Clark**

RESTELO

(M. 12 anos) Tel. 61 03 75
Às 15 e 21.30
NÃO PROVOQUEM A RITA
com **Rita Pavone, Giulietta Masina e Peppino de Filippo**

LIZ

(Adultos) Tel 48560
Às 21 horas
AS DUAS MULHERES
3 DENTADAS NA MAÇÃ

ESTÚDIO

Às 15.30, 18.30 e 21.45
(Para todos)
Cinemascope — Metracolor
SUPER FESTIVAL — TOM & JERRY

SÃO JORGE

(M. 12 anos) Tel. 5 41 54
ESTREIA
O PEQUENO BANHISTA
com **Louis de Funès e Robert Dhery**
Às 15.15 e 18.15 (M. 17 anos)
A NOIVA ESTAVA DE LUTO

LUMIAR

(M. 17 anos) Tel. 791574
SOIRÉE ás 21.30
Parque privativo
Ar condicionado
A ARMADILHA
com **Rita Tushinghamt — Oliver Reed**

MUNDIAL

(M. 12 anos) Tel. 538743
Às 15.15, 18.30 e 21.45
4.ª E ULTIMA SEMANA
com a famosa comédia em Technicolor
LADRÃO ROUBADO
Excepcional desempenho de **Shirley MacLaine, Michael Caine e Herbert Lom**
Metropolitano — Estação Picoas

POLITEAMA

Tel. 326305
Hoje, á noite, ás 21.30
EM ULTIMA EXIBIÇÃO
A heróica epopeia do filho do imortal guerreiro medieval
O FILHO DE EL CID
com **Mark Damon e Antonella Lualdi**
(Scope-Color.) (M. 12 anos)
Hoje, ás 18.30
SESSÃO CLÁSSICA
(M. 12 anos)

IDEAL

(M. 12 anos) Tel. 32 41 94
Às 21 h.
CAVALGADA SANGRENTA
RUIVAS, LOIRAS E MORENAS

IMPÉRIO

(M. 12 anos) Tel. 555134
Às 15.15 e 21.30
2.ª SEMANA DE ÊXITO
O MAIS FABULOSO ESPECTACULO (70 mm)
OLIVER!
Real. de Sir Carol Reed
com Ron Moody, Shani Wallis Oliver Reed e Mark Lester
Technicolor — Panavision

EDEN

(M. 12 anos) Tel. 320768
Às 15.15, 18.30 e 21.45
CANTINFLAS no mais «explosivo» dos seus filmes
AS MINHAS PISTOLAS

EUROPA

(M. 12 anos) Tel. 661016
Às 15.15 e 21.30
CANTINFLAS
no seu mais «explosivo» filme
AS MINHAS PISTOLAS

CHIADO TERRASSE

(M. 12 anos) Tel. 320917
Às 21 horas
COMISSÁRIO X NAS GARRAS DO DRAGÃO DOURADO
O «SOLITÁRIO» PASSA AO ATAQUE

LIDO

Tel. 93 75 93 AMADORA
Às 21.30 (M. 12 anos)
No verdadeiro «Far-West» uma entusiástica história de «Cow-Boys»!
A PISTOLA DO MAL
com
Glenn Ford e Arthur Kennedy

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

TRINDADE — Às 2 e 30: João Gabriel Borkman (2 anos)
VASCO SANTANA — Às 2 e 45: Noite de Serão (12 anos)
MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45 e ás 23: «Grande Poeta é o Zé» (17 anos).
VARIEDADES — Às 2 e 45: «O amor-68» (17 anos)
CAPITÓLIO — Às 2 e 45: «Tango» (12 anos).
COLISEU — Às 21.30 — Grande Companhia de Circo (6 anos).

CINEMAS

CINEARTE — Às 2: «O Presidário» (17 anos)
JARDIM — Às 2: «O Solitário de Nevada» (12 anos).
PARIS — Às 21: «Boa sorte Gringo» (12 anos).
ROYAL — Às 21: «Quanto mais quente melhor» (17 anos).
OLIMPIA — Às 9: «A forte barreira» (12 anos)
SALÃO LISBOA — Às 21: «Zulu» «Todos são meus inimigos» (12 anos).
CINE-MOSCAVIDE — Às 21: «Camarada mini-saia» (17 anos).
CINE-ORIENTE — Às 21: «Um homem» (12 anos).
ARCO-ÍRIS — Às 21 e 30: A Francesa e o Americano» (12 anos).
CAMPOLIDE — Às 21: «Escandalo na praia» (17 anos)
A VOZ DO OPERÁRIO — Às 21: «A Rainha Viking» (12 anos).
SPORT L. BENFICA — Às 21 e 15: «Os libertadores» (12 anos).
BOMB. V. LOURES — Às 21 e 30: «O Leão de Tebar» (12 anos).
ENCARNAÇÃO — Às 21: «Os profissionais do crime» (17 anos).
UNIVERSAL — Às 21: «Quando a mulher odeia» (17 anos).
PROMOTORA — Às 21: «Um favor muito especial» (17 anos).

● Linha de Cascais

PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «O massacre de Chicago» (17 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 17 e ás 21 e 30: «Antes que cases» (12 anos)
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «O dia da vergonha» (17 anos).

● Linha de Sintra

PONTINHA — CINE-UNIÃO — Às 21 e 30: «O segredo dos Catacumbas» (17 anos).
DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30: «Os 2 toureiros» (17 anos).
VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — Às 21: «Agente do F. B. I.» e «Os fugitivos do inferno verde» (12 anos).
AMADORA — DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Os maus também amam» (17 anos)
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15 «Os 5 dragões de ouro» (17 anos).
SINTRA — CARLOS MANUEL — 21 e 30: «Matar para não morrer» (12 anos)

● Outra Banda

ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «Homens de Oklahoma» (17 anos) e ACADEMIA — Às 21 e 15: Pânico nas ruas» (12 anos).
TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — Às 21 e 15: «O meu sangue corre frio» e «Adeus Inocência» (17 anos).
COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTISTICA — Às 21 e 15: «Peter Gun — detective especial» (17 anos)

TONI DE ALMEIDA

Novo disco de Toni de Almeida

Toni de Almeida acaba de gravar um disco com composições de mítido sentido popular: «Murta», «Canção de Vizela» e «Vou casar é minha aldeia» (todos com música de Arlindo de Carvalho e letras, respectivamente, de Arlindo de Carvalho, Vilar da Costa e Hernani Correia). O 45 r.p.m. inclui «Quando á Madeira voltar», da autoria do próprio Toni de Almeida.

O cançonetista, que prepara uma digressão a Espanha, gravou um TV-Clube com as melodias «Murta» e «Canção de Vizela».

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno D

AJUDA — **Mendes Gomes**, Calç da Ajuda, 222 (638256) ✲ **Tapada, Lda.**, Calç da Tapada, 83-A (634721)
ALCÂNTARA — **Ester Nogueira**, R de Alcântara, 5-A (637563)
ALMIRANTE REIS — **Lusa**, Av Almirante Reis 99-A (41269) ✲ **Romano Baptista**, R Passos Manuel, 6-10 (50593) ✲ **Magalhães**, Av Almirante Reis, 4-D e 4-F (49479)
ALTO DO PINA — **Dalton**, Av Mousinho de Albuquerque, 1-A (á Pr Paiva Couceiro), (843571)
ALVALADE — **Líbia**, Av da Igreja, 4-B-C (71 68 1) ✲ **Nova Iorque**, Av Estados Unidos da América 40-B (junto a Entrecampos, (760658)
AMOREIRAS — **Amoreiras**, Praça das Águas Livres, 8-D (681515)
AREEIRO — **Marbel**, Av de Roma, 131-A (776235) ✲ **Lusitana**, Avenida de Roma, 8-A (725443) ✲ **Chinda**, R Agostinho Lourenço, 6-B (71033)
AVENIDAS NOVAS — **Lungenit**, Avenida da República, 55-A (772132) ✲ **Providência**, R D. Filipa de Vilhena, 9-C (frente ao Bairro Social do Arco do Cego) (770324 ✲ **Sá da Bandeira**, R Marquês Sá da Bandeira, 36-42 (41961-54672) ✲ **Oliveira Viegas**, Rua Viriato, 29-A (48966-55360)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — **Zira**, Casas novas, lote 66 (310172).
BAIXA — **Simões Pires**, Rua do Prata, 115 (362350).
BENFICA — **Benfiluz**, E. de Benfica 444-A (782606) ✲ **Alegria**, Estrada de Benfica, 80-A-B (780511) ✲ **Progresso**, Estrada A-da-Mala, 54-C (702226) ✲ **Macedo**, Est. do Paço do Chão, 69-C (703697)
CAMINHOS DE FERRO — **Cruz de Malta**, L Chafariz de Dentro, 36 (866126)
CAMÕES — **Andrade**, R do Alecrim (322328-323446)
CAMPO DE OURIQUE — **Linaldo**, R. Ferreira Borges, 30 (660955) ✲ **Findar**, R D Maria Pia, 514 (687949)
CAMPO DE SANTANA — **Peninsular**, Campo dos Mártires da Pátria, 117-119 (553308)
CAMPOLIDE — **Ronil**, R Rodrigo da Fonseca 153 (683438) ✲ **Zénel**, Rua A, 82 (Bairro da Liberdade) (651840) ✲ **Nova**, R de Campolide, 97 (687475)
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — **Madre de Deus**, R do Margem, 5-B (ao Bairro do Grilo) (382470) ✲ **Zema** R General Justiniano
ESTEFÂNIA — **Fonseca**, Largo de D. Estefânia, 4-5 (54808).
GRAÇA — **Almeida Dias**, Largo da Graça, 38-A-39 (862909) ✲ **Higiénica**, R Heliodoro Salgado, 20-A (84436)
LUMIAR — **Patuleia**, R do Lumiar, 22-24 (790332) ✲ **Douro**, Alam Linhas de Torres, 93-A-B (79 3 1)
MADRAGOA — **Moderna**, R Garcia da Horta 24 (663 7)
MOURARIA — **Ferrão**, R do Mouraria, 2 (860464)
ESTRELA E LAPA — **Alb.** R de Santana á Lapa 56 (663562)
OLIVAIS — **Higiene**, Rua Cidade Vila Cabral (ex-rua B, 4), Lote 43 (Olivais Sul (3 0026)
PALHAVÃ — **Canto**, Est das Laranjeiras, 202-B 78084)
PEDROUÇOS — **Higilux**, R de Pedrouços 50-52 (610280)
PICHELEIRA — **Marluz**, Calç da Pichelaria, 40-B-C (720703 e 728395)
S. PAULO — **Marcos do Nascimento**, Calç Marquês de Abrantes 36-A (664238).
SANTO AMARO — **Botânica**, Rua do Junqueira, 38-40 (638 32)
SANTA MARTA — **Morais Sarmento**, R de Santo Marta 5-A 5-B (46490)
SÉ — **Santa Luzia**, Rua da Saudade, 2-B (86983)
MOSCAVIDE — **Império**, Rua de Olivença, 48-A (Tel. 2511284).

● Linha de Cascais

ALGÉS — **Nifo** — Av Comb G Guerra 64 (Tel 212070)
PAÇO DE ARCOS — **Trindade Brás** R. Costa Pinto, 186 (2432084).
OEIRAS — **Godinho** — R Candido dos Reis, 98 (Tel. 2430090).
PAREDE — **Brandão** — Av da Republica, 77-C (Tel 247 054)
ESTORIL — **Ostende** — R. de Espinho, 1 (Tel 260399). **S. João** — Est. Nacional, 18 (Telef. (Tel. 261186).
CASCAIS — **Marginal** — Av Marginal (Tel 280078) **A. Costa** — Rua Freitas Reis 24-C (Tel 2802 4).

● Linha de Sintra

AMADORA — **Dias** — Av Marquês de Pombal lote 9 (Tel 934589); **Campos** — Rua Elias Garcia, 85 (Tel 930072); **Clabel** — R António Sardinha, 23-D (Tel 93855), **S. Jorge** — R Pedro del Negro, 5 — Reboleira (Tel 938703)
DAMAIA — Confiança, Est. Militar lote D (97 0 3
QUELUZ — Gil, Av. Miguel Bombarda, 28 (Tel. 950117), **Simões Lopes**, Av. Elias Garcia, 51 (Tel. 950128).
CACÉM — **Central**, R Elias Garcia, 55 (2940034
MEM MARTINS — **Química**, Est Mem Martins 285 (29 00 2)
S. PEDRO DE SINTRA — **Valentim** (980456).
SINTRA — **Marrazes** — Lo go Rainha D. Amélia, 20 (Tel. 980155).
COLARES — Mates Adrião (299088)

● Outra Banda

ALCOCHETE — **Gameiro**, L António dos Santos Jorge 5 (234100).
ALHOS VEDROS — **Gusmão**, R Cândido dos Reis 30 (224020)
ALMADA — **Nuno Álvares** — Av D Nuno Álvares Pereira 39 (Te 270504)
BAIXA DA BANHEIRA — **Aliança**, Est Nacional 14 22430
BARREIRO — **Pimenta** — R Cons Joaquim António Aguiar 59 (Tel 2273012)
COVA DA PIEDADE — **Império** — R Cabo da Boa Esperança, 3 -A (Tel 274356)
MOITA — **Silvo Rocha** — R da República, 16 (Tel. 289029).
MONTIJO — **Montepio** — R Almirante Reis 93 Te 230035)
SESIMBRA — **Lopes**, R. Candido dos Reis, 67 (Tel. 229028).
SETUBAL — **Higiene** — R Frei Agostinho da Cruz—(Tel 22408) ✲ **Portuga** — R Camilo Castelo Branco (Te 23211)
SEIXAL — **Godinho** Largo da Igreja 5 (Tel 858)

SERVIÇOS URGENTES

Telefones

AGUA, GAS E ELECTRICIDADE — Companhias das Águas, 361353 ✲ Companhias Reunidas, 537011 ✲ Gazcidla, 538821 ✲ Gazcidla (dom e feriados) 382069.
BOMBEIROS — Sapadores, 323222 ✲ Voluntários, 538524
POLICIA E G N R — Serviço de emergência, 115 ✲ Segurança Pública, 366141 ✲ Judiciária, 535380 ✲ Marítima, 326456 ✲ Internacional, 362721 ✲ Viação e Trânsito, 42205 ✲ G N R. (área rural) 36865
SAÚDE — Cruz Vermelha, 665342 ✲ Enfermagem permanente, 766161 ✲ Enfermagem de urgência, 43738 ✲ Hospital de Santa Maria, 775171 ✲ Hospital de S. José, 860131 ✲ Sangue, oxigénio e soros, 771168 e 771169 ✲ Transfusões, soros e oxigénio, 538524 ✲ Centro de Intoxicações (informativo), 767777 761176 e 763456
TRANSPORTES — Aeroporto, 721101 ✲ Caminhos de ferro (C. P.), 869029 ✲ Caminhos de ferro (Estoril), 361121 ✲ Estação fluvial (T Paço) 325345 ✲ Estação Marítima de Alcântara, 663195 ✲ Estação Marítima da Rocha, 672445 ✲ Estação fluvial (Belém), 638531

BOM APETITE

Restaurante CASTANHEIRA
E. da Torre - Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE
(Maiores de 15 anos)

tamborim
Restaurante — Snack-Bar — Cervejaria
Especialidades diárias
AÇORDA DE LAGOSTA e COZINHA GOESA
Rua Gomes Freire, 14
Telefone: 4 62 47
Campo Santana

XANGAI
Av. Duque de Loulé, 20-B
Telef. 5 73 78
(frente
á Embaixada Americana)
AMANHÃ EXPERIMENTE GALINHA C/ ANANÁS E FICARÁ CLIENTE

PASTELARIA FÓIA
RESTAURANTE
C Mártires da Pátria, 59-A
Telef. 54549
ESPECIALIDADES DA COZINHA PORTUGUESA
PASTELARIA C/ FABRICO PRÓPRIO

MINABELA
Restaurantes Churrasqueira Pastelaria
ESPECIALIDADE EM BOLO-REI
AMADORA—Telef. 939191/2
QUELUZ—Telef. 951611

TARANTELA
RESTAURANTE ● SNACK-BAR
L. D. Estefânia, 23 a 27
Telef 58 52 08
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
Sala no 1.º andar para Banquetes
Lanches de Casamento

APÓS AS REFEIÇÕES - CHAVE D'OURO - O MELHOR CAFÉ

Diário de Lisboa
DL
Propriedade de
Renascença Gráfica, S. A. R. L.
Editor: João C. de Sá
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
Publicidade 3 42 21
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa 2 — Portugal

As altas qualidades do comendador Augusto Rodrigues

eloquentemente exaltadas num jantar a que presidiu o ministro das Corporações

o tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL:
TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Lisboa, 16°,2; mínima: Penhas da Saúde, 4°. TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera, 11°,5; na água do mar, 15,4.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu geralmente pouco nublado ou limpo; vento fraco; condições favoráveis á formação de neblina ou nevoeiro matinais; subida de temperatura; possibilidade de agravamento do estado do tempo a partir da noite de amanhã.

Amanhã
Nascer ás 8 e 51
Ocaso ás 18 e 18

Hoje Dia 26 Dia 3 Dia 11

MARÉS:
PREIA-MAR: Dia 19 — 3 e 28 (4,1 m); 15 e 58 (4,0 m). Dia 20 — 4 e 17 (4,2 m); 16 e 48 (4,0 m). Dia 21 — 5 e 08 (4,2 m); 17 e 37 (3,9 m). BAIXA-MAR: Dia 19 — 9 e 22 (0,8 m); 21 e 42 (0,9 m). Dia 20 — 10 e 10 (0,7 m); 22 e 28 (0,9 m). Dia 21 — 10 e 58 (0,8 m); 23 e 13 (1 m)

DOW'S PORT

Um vinho de grande projecção

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS
CAVES DOM TEODÓSIO
RIO MAIOR PORTUGAL

Industrial de larga visão, espírito devotado à missão de bem-fazer, o sr. comendador Augusto Luís Rodrigues viu ontem reconhecidas, numa expressiva homenagem a que presidiu o titular da pasta das Corporações, sr. prof. Gonçalves de Proença, as suas raras qualidades como homem e como profissional. No decorrer da cerimónia, que reuniu em volta do homenageado cerca de meio milhar de empregados, amigos e individualidades relevantes nas actividades económicas nacionais, usaram da palavra vários oradores — que traçaram o perfil e enalteceram eloquentemente as qualidades do sr. comendador Augusto Rodrigues que, no final, foi agraciado com a medalha de prata de Mérito Corporativo — distinção que lhe foi conferida pelo sr. prof. Gonçalves de Proença.

O sr. ministro das Corporações, que presidiu, tinha, à sua direita, o homenageado e a sr.ª de Gonçalves de Proença; o director-geral do Trabalho e secretário-geral do Ministério das Corporações, sr. dr. José Carlos Ferreira; a sr.ª D. Raquel de Castro Matos e o sr. eng.º Carlos Garcia Alves, presidente da Associação Industrial Portuguesa; e, à esquerda, o novo governador civil de Lisboa, sr. dr. Afonso Marchueta; a sr.ª D. Judite de Castro Rodrigues e o sr. Manuel de Andrade e Sousa, presidente da Corporação do Comércio; a sr.ª D. Inocência Folgado Queirós, e o sr. Vicente Paulo Martins representante da Associação Comercial de Lisboa. Ainda na mesa de honra, tomaram lugar, também, as sr.ªs de Jorge e Herculano Curvello; os srs. prof. Baeta Neves e brigadeiro Artur Ramalho; as sr.ªs D. Marcela Fino Bourbon e D. Judite Curvello Russo; os srs. dr. Lucena e Vale, representando a direcção da F. N. A. T., dr. Alfredo Simões Travassos, da Casa do Concelho de Góis; coronel António Maria Coelho, Manuel Gomes da Silva (presidente do Grémio Regional da Indústria do Sul); e conselheiros Almeida Ribeiro e Almeida Moura.

Na altura dos brindes, usou da palavra em primeiro lugar, o sr. João Rebelo, que começou por dizer:

«Em nome dos dirigentes da Casa do Pessoal dos Estabelecimentos Rodrigues & Rodrigues, que, com a iniciativa desta homenagem, teve a certeza de interpretar o espírito e o sentimento de todos os empregados, operários e serviçais que em tão importante Empresa trabalham, a primeira palavra é de saudação respeitosa a V. Ex.ª, sr. ministro, com a afirmação sincera da alta consideração da viva admiração e de reconhecimento que lhe tributamos, pela honra concedida ao nosso querido chefe e amigo sr. comendador Augusto Rodrigues com a atribuição da Medalha de Prata de Mérito Corporativo, e pela honra não menor que nos deu, dignando-se presidir a este jantar de homenagem. Nem outra coisa, aliás, era de esperar de um estadista que há muitos anos sente e satisfaz as aspirações dos trabalhadores portugueses, dando expressão ampla e eficiente à doutrina inspiradora da Organização Corporativa. Honrando o sr. comendador Augusto Rodrigues, V. Ex.ª honrou todos os colaboradores dessa nobre figura de português e a obra notável cujos cinquenta anos estão agora a ser consagrados. Bem haja, por isso, sr. ministro. Que ainda por muitos anos possa servir, como tem servido, o interesse da Nação — com a inteligência, a sensibilidade e a competência de que já deu tão brilhantes provas.»

Prosseguindo, dirigiu saudações às restantes altas individualidades presentes, cujas presenças agradeceu, considerando-as, também, como demonstrativas da «admiração e apreço pelo Homem e pela Obra que hoje consagramos uma vez mais», tendo, ainda, palavras de respeitosa gratidão para a sr.ª D. Judite de Castro Rodrigues, esposa do homenageado, «companheira ideal de um homem em tudo nobre».

O orador evocou, a seguir, outras palavras de consagração das altas virtudes e qualidades do sr. comendador Augusto Rodrigues, proferidas por ocasião das justas distinções que lhe foram conferidas por iniciativa dos antigos ministros Martins de Carvalho e Teixeira Pinto, e representadas na concessão, respectivamente, das comendas da Ordem de Benemerência e da Ordem de Mérito Industrial. Afirmando que, tal como então, os colaboradores e amigos do homenageado se inspiram nos mesmos sentimentos de sinceridade, entusiasmo e admiração, declarou:

«É que o sr. comendador Augusto Rodrigues não é só, para nós, o chefe de empresa de forte iniciativa, decidido, competente, dinâmico, excepcional no mundo português; é também um homem que dá exemplo de respeito e amor pela pessoa humana, dentro e fora da sua Empresa, consciente dos seus direitos e dos seus deveres, chefe que todas as responsabilidades assume, todas as ansiedades alheias compreende e satisfaz amplamente, enérgico e seguro nas decisões, mais do que dirigente supremo, um verdadeiro pai dos seus colaboradores de todas as categorias.»

Não lhe permitindo o tempo escasso de um breve discurso traçar a biografia do homenageado, o sr. João Rebelo disse não desejar, no entanto, perder a oportunidade de revelar «uma parte quase ignorada, do muito que tão grande homem tem feito nos últimos tempos, no campo social, em favor dos seus empregados e operários, e de suas famílias.»

«À Casa do Pessoal — salientou — deu, desde o primeiro momento, um forte apoio espiritual, moral e financeiro. Ofereceu-lhe óptimas instalações em prédio, que, para o efeito, mandou modernizar; o mobiliário, os adornos, etc. — forneceu tudo o que era necessário. Acarinhou e possibilitou a montagem de um refeitório para fornecimento de refeições a preços módicos, suportando a diferença entre o custo e o serviço; a criação de cursos de aperfeiçoamento e especialização para empregados e operários; o incremento de manifestações culturais, assistenciais e recreativas. Por outro lado, na sede da Empresa, instalou um modelar Posto Médico e de socorros privativos, onde se dão consultas e se fornecem medicamentos, se prestam serviços de enfermagem e se torna possível fazer radiografias, análises e operações cirúrgicas. À sua custa são pagos todos os encargos da Previdência Social devidos pelos seus empregados e operários, pese embora o nível de ordenados e salários de que justificadamente se orgulha.

O seu espírito humano e cristão, a sua solidariedade com todas as boas iniciativas são constantes na sua vida. Sempre compreendeu o alto valor e significado da comparticipação dos seus empregados nos lucros da Empresa. Por isso, e desde há longos anos, distribui anualmente gratificações em correspondência com os lucros obtidos, premiando com essa atitude, não só aqueles que se distinguem com a sua competência, zelo e fervor, como fortalecendo as relações entre os dirigentes e dirigidos com vista à satisfação de objectivos de interesse comum. Também o problema da habitação do seu pessoal lhe mereceu, e merece, o maior carinho. Os seus empregados têm sempre prioridade nos prédios de que é proprietário; e de tal modo, que é hoje muito elevado o número dos que os ocupam, pagando todos, indistintamente, a baixa renda que estabeleceu como única, embora seja diferente o valor das residências. E tudo isto faz sem ostentação, por iniciativa própria, o que ainda mais bela torna a sua generosa acção. À sua capacidade de dirigente, de grande lutador, de homem de um dinamismo extraordinário, junta a nobreza de um coração afectuoso, de um espírito paternal. Tendo começado a trabalhar aos nove anos de idade, nem a riqueza que dignamente adquiriu, nem a forte projecção que alcançou no meio social português o fizeram esquecer os seus deveres para com os seus semelhantes. Compreendeu e serve o ideal corporativo. Compreendeu e serve as ansiedades humanas.»

Calorosamente aplaudido, o representante da Casa do Pessoal dos Estabelecimentos Rodrigues & Rodrigues, concluiu, assim, o seu discurso: «Nós, os que sob as suas ordens trabalhamos e muito lhe devemos em consideração, amizade e generosidade, com absoluta justiça o apontamos à Nação como exemplo de cidadão, de dirigente comercial e industrial e de amigo. É com homens como o comendador Augusto Rodrigues que as nações e a humanidade se engrandecem.»

O sr. eng.º Carlos Garcia Alves, presidente da Associação Industrial Portuguesa, que falou a seguir, saudou o sr. ministro das Corporações, e exaltou as qualidades de inteligência, vibração e dinamismo do sr. comendador Augusto Rodrigues, rendendo-lhe expressiva homenagem, e apontando-o como exemplo no plano empresarial português, num momento em que, face às exigências comerciais impostas internacionalmente, à nossa economia, esta se mostra carecida de industriais com autêntica envergadura, capacidade e valor. Congratulando-se pela justiça do galardão agora concedido ao homenageado pelo titular da pasta das Corporações, o sr. eng.º Carlos Alves, referiu-se, ainda, aos sentimentos de humanidade que sempre inspiraram o sr. comendador Augusto Rodrigues, terminando por afirmar serem os homens como ele que detêm a força suficiente para fazer progredir o nosso País.

Coroadas por prolongados aplausos as palavras daquele orador, o sr. Vicente de Paulo Martins, representante da Associação Comercial de Lisboa, discursou, também, para sublinhar a justiça da homenagem, felicitar e agradecer ao sr. comendador Augusto Rodrigues a contribuição que tem oferecido à valorização das actividades comerciais.

Em nome do Grémio Regional da Indústria do Vestuário do Sul, o sr. Manuel Gomes da Silva evidenciou as altas qualidades do homenageado, dizendo, a certa altura, que ele soube erguer-se pelos seus próprios méritos, edificar uma obra pessoal notável, grangear a fortuna — mas, também, distribuir o bem, acudindo a tanta necessidade, comprovando, em suma, dotes humanos dos mais puros e generosos.

Seguidamente, falou, em nome dos velhos amigos do homenageado, o inspector-superior sr. Folgado Queirós, que assinalou o regozijo que todos sentiam pela honrosa distinção que o sr. ministro das Corporações havia conferido ao seu amigo, sr. comendador Augusto Rodrigues. Sublinhou, depois, o pendor que este sempre manifestara para a prática do bem, devendo buscar-se aí a razão por que aceitou e ajudou com entusiasmo a criação da Casa do Pessoal, organismo destinado a exercer activa acção social e de previdência, entre os empregados dos importantes Estabelecimentos Rodrigues & Rodrigues. E terminou, brindando pelas felicidades do sr. ministro das Corporações, do homenageado, e de sua esposa, sr.ª D. Judite de Castro Rodrigues.

O sr. ministro das Corporações impondo a insígnia de Mérito Corporativo ao sr. comendador Augusto Rodrigues

Donativo de 1038 contos para o Liceu de Góis

Em representação da Casa do Concelho de Góis, a cuja assembleia geral presiden, o sr. Alfredo Simões Travassos, proferiu, depois, um expressivo discurso, para manifestar reconhecimento e gratidão ao ilustre goiense, num testemunho de apreço pelas altas qualidades de um homem que se impôs pela sua inteligência e pela força do seu carácter. Nascido numa modesta aldeia alcandorada na serra, demandou Lisboa animado de inquebrantável fé, tenacidade e força de ânimo, que vieram proporcionar-lhe bens de fortuna que procurou repartir, beneficiando, nomeadamente, a sua terra natal, consciente de que a fortuna tem uma função social a desempenhar. Enumerando os benefícios prodigalizados a instituições de Góis, e à própria vila serrana, o orador enalteceu a obra erguida pelo sr. comendador Augusto Rodrigues, como sendo, apenas, o produto de um trabalho insano praticado com exemplar seriedade.

Em nome do sr. comendador Augusto Rodrigues falou o jornalista e seu amigo Leopoldo Nunes, que saudou o ministro Gonçalves de Proença, enalteceu a sua personalidade de estadista e agradeceu a dupla honra concedida ao homenageado, com a atribuição da Medalha de Prata de Mérito Corporativo e com a presidência naquele jantar. Em seguida, agradeceu a presença dos srs. governador civil de Lisboa, presidente das Corporações do Comércio e da Indústria e das Associação Comercial e Industrial, dos representantes de altos organismos e serviços estaduais; do presidente do Município, das colectividades e da Casa do Concelho de Góis; e de tantos e tão distintos amigos do homenageado. Em especial, agradeceu às sr.ªs presentes, fazendo-o na pessoa da esposa do sr. ministro das Corporações. Louvou e agradeceu a iniciativa da Casa do Pessoal dos Estabelecimentos Rodrigues & Rodrigues, de promover aquela consagração dos grandes méritos do seu chefe e amigo. Concluiu, comunicando que o sr. comendador Augusto Rodrigues o encarregara de anunciar que resolvera transformar o empréstimo feito à Casa do Concelho de Góis, para a instalação do Externato-Liceu de Góis, no valor de 1038 contos, em mais um donativo para aquele fim.

Imposição da Medalha de Mérito Corporativo e do Trabalho

Terminada a série de discursos, o sr. ministro das Corporações procedeu à imposição da Medalha de Mérito Corporativo e de Trabalho ao sr. comendador Augusto Rodrigues, acto que a assistência, de pé, sublinhou com demorada salva de palmas.

Restabelecido o silêncio, o sr. prof. Gonçalves de Proença usou da palavra, para, num elegante improviso, pôr em relevo os aspectos mais salientes da acção desenvolvida pelo sr. comendador Augusto Rodrigues, acção que as comendas já outorgadas pela Nação, e aquela medalha, atestam ter sido sempre exercida a bem do engrandecimento do País e em proveito da comunidade, de que o homenageado tem sido exemplar servidor. Manifestando a maior satisfação por lhe ter sido oferecido participar numa festa de tão grande significado, o titular da pasta das Corporações, expendeu ainda algumas considerações acerca da digna obra social da obra de que a Empresa Rodrigues & Rodrigues é paradigma.

Muitos aplausos coroaram as palavras do sr. prof. Gonçalves de Proença.

Entre os numerosos cartões e telegramas recebidos, alguns procedentes do Ultramar, contava-se uma carta do sr. almirante Henrique Tenreiro.

CAMPIÃO

TEM A VENDA OS
50.000 CONTOS
DA LOTARIA DO NATAL
JOGUE NO
CAMPIÃO

SUPLEMENTO
Diário de Notícias
LITERÁRIO

Alexandre O'Neill
Armando Castro
Eduardo Prado Coelho
E. M. de Melo e Castro
Francisco Bronze
Gastão Cruz
José Vaz Pereira
Nikias Skapinakis

N.º 542 / 19 DE DEZEMBRO DE 1968

POESIA 68 POESIA 68 POESIA 68 POESIA 68

«Micropaisagem» de Carlos de Oliveira

por Gastão Cruz

COMO QUALQUER GRANDE OBRA de poesia (ia dizer de poesia moderna, **mas, como se sabe, não há grandes obras de poesia que não sejam modernas), «Micropaisagem» é, simultâneamente, coisa fabricada e fábrica, estilo e forja estilística, produto definitivo e investigação. Porque uma organização artística poderosa e complexa cria e justifica a sua própria linguagem, muitas vezes as suas técnicas exclusivas. Penso agora, em particular, no poema longo, eventualmente de natureza cíclica, como é o caso de «Micropaisagem», série de doze ciclos que uma cerrada unidade de todos os estratos, fónico, vocabular, discursivo, simbólico, temático, transforma num só vasto poema.**

A dialéctica do esquecimento e da memória, complexo temático desde há muito presente, embora por vezes dissociado, na obra poética de Carlos de Oliveira, ocupa em «Micropaisagem» uma posição-chave. A este respeito, parece-me especialmente significativo o ciclo décimo segundo do livro, «Liquenes», que com este poema começa:

Algures,
no lugar
mais frio
da memória,
mas
nítido
como um centímetro
quadrado de neve
que pede
a próvria luz
à algidez interior,
surge
a paisagem
de líquenes,

E com este se encerra:

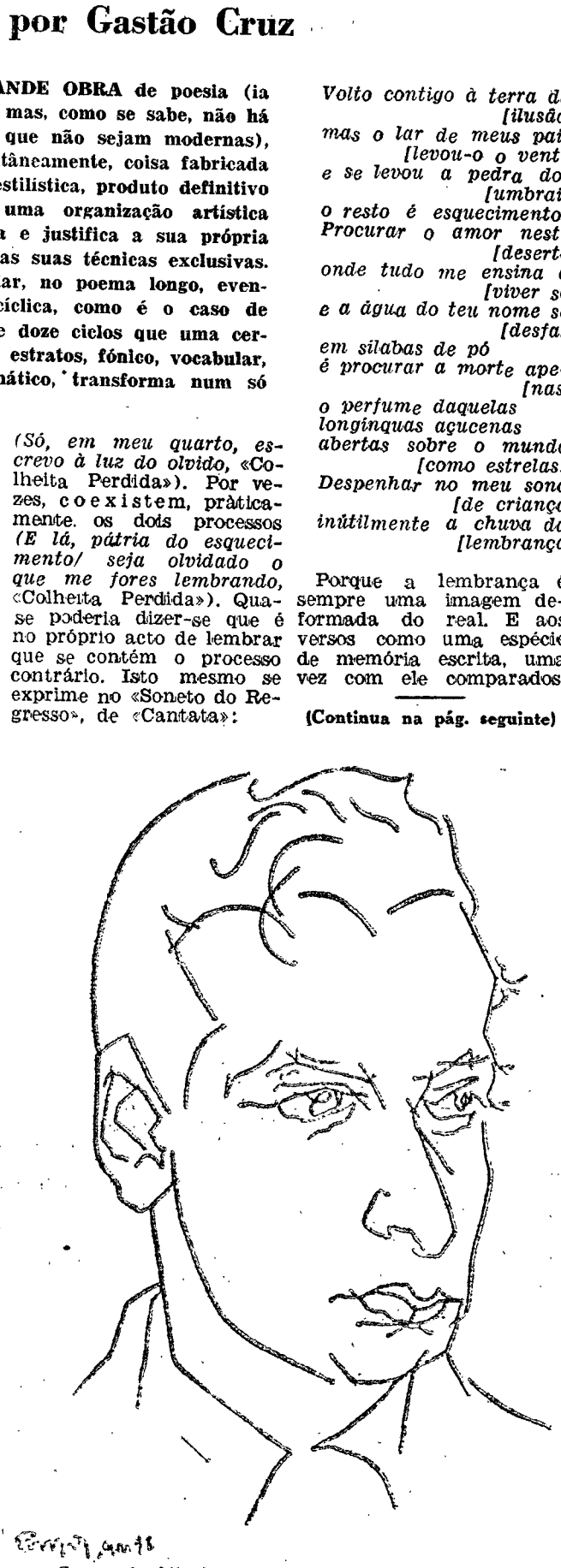
assim
se cumpre
o eclipse
gradual
sobre o centímetro
quadrado que
os líquenes
cobrem
na memória,
assim
a luz e a neve
se ocultam
pouco a pouco, assim
se esquece.

A fúria de recordar e a fúria de esquecer defrontam-se, com intensidade, em alguns dos mais significativos poemas de Carlos de Oliveira. Os versos podem representar, aliás, quer o acto de lembrar (*Versos/ e lágrimas, deixai-me/ incendiar/ o reino da memória,* «Cantata»), quer o acto de esquecer (*Só, em meu quarto, escrevo à luz do olvido,* «Colheita Perdida»). Por vezes, coexistem, pràticamente, os dois processos (*E lá, pátria do esquecimento/ seja olvidado o que me fores lembrando,* «Colheita Perdida»). Quase se poderia dizer-se que é no próprio acto de lembrar que se contém o processo contrário. Isto mesmo se exprime no «Soneto do Regresso», de «Cantata»:

Volto contigo à terra da
[ilusão,
mas o lar de meus pais
[levou-o o vento
e se levou a pedra dos
[umbrais
o resto é esquecimento:
Procurar o amor neste
[deserto
onde tudo me ensina a
[viver só
e a água do teu nome se
[desfaz
em sílabas de pó
é procurar a morte ape-
[nas,
o perfume daquelas
longínquas açucenas
abertas sobre o mundo
[como estrelas:
Despenhar no meu sono
[de criança
inútilmente a chuva da
[lembrança

Porque a lembrança é sempre uma imagem deformada do real. E aos versos como uma espécie de memória escrita, uma vez com ele comparados,

(Continua na pág. seguinte)



Carlos de Oliveira, em traço de João Abel (1957)

De Mário de Andrade a Oswàld de Andrade: a vanguarda em movimento.

Poesia brasileira de vanguarda

por E. M. de Melo e Castro

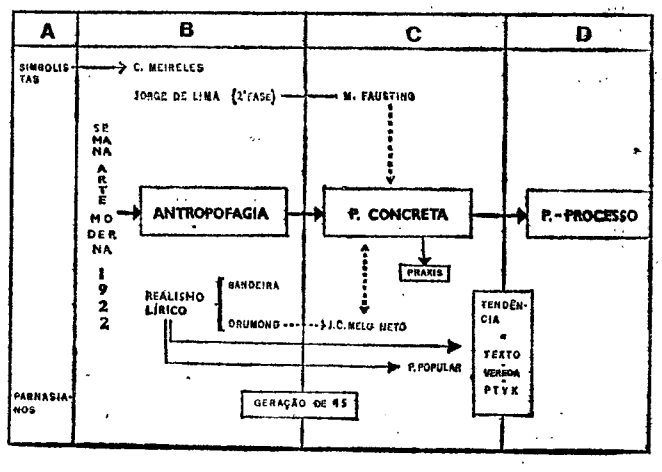
PARA SE TENTAR COMPREENDER a situação presente da Poesia Brasileira, julgo serem necessárias, pelo menos, duas coisas. Primeiro, estabelecer uma visão sincrónica dos movimentos poéticos do Brasil pelo menos durante os últimos 50 anos. Segundo, ser perfeitamente permeável a uma noção aberta de vanguarda, isto é, conceber a Poesia como um complexo de forças de comunicação crescente. Assim, de cada vez que um novo surto de geração ou de proposição estética faz o seu aparecimento (reclamando o direito dialéctico de estar presente, contestando e destruindo o imediato antecessor, já talvez em vias de «virar medalhão» num qualquer reconhecimento oficial), verifica-se um simultâneo aprofundar no âmago do fenómeno da criação e um alargar da sua área de irradiação e comunicação.

É justamente isso que se verificou com a Poesia Concreta, em relação à Antropófagia (Semana de 1922) e agora se está começando a verificar com o Poema/Processo em relação à Poesia Concreta. Assim, de um movimento de redução Nacionalista (Antropofagia) passa-se para um movimento Internacional (Poesia Concreta), e desta para uma operação Universal (o Poema/Processo) embora ainda muito virtualmente no começo. Porque se muitas das premissas estéticas e dos canais de comunicação foram abertos pela Poesia Concreta e pelo Experimentalismo internacional, aquilo a que no Brasil se chama Poema/Processo começa hoje a aparecer espontâneamente nas mais diversas latitudes e climas sociológicos, económicos e políticos, colocando os valores pròpriamente humanos acima desses particulares climas ou latitudes, sendo agora o problema da linguagem e dos seus fundamentos, o seu principal meio de pesquisa.

Uma vez assim equacionado o problema da vanguarda, e para não perdermos de vista a complexidade dos problemas que a Poesia Brasileira nos levanta, tracemos um mapa sincrónico do seu desenvolvimento:

O esquema está dividido em 4 níveis, A, B, C, e D. O nível A corresponde aos antecessores imediatos do movimento modernista, ou sejam os simbolistas e os parnasianos. O nível B corresponde à poesia da fase moderna que começa com a «Semana de Arte Moderna de 1922» e se prolonga até a um limite pouco definido do pós-guerra, por volta de 1950. O nível C é a poesia actual, herdeira do modernismo e de toda uma tradição que o antecede e que se deve remontar (tal como em Portugal) à poesia barroca. No entanto, no Brasil há pouca poesia barroca. Afonso Ávila publicou em 1967 os textos da literatura barroca mineira acompanhados de

(Continua na pág. seguinte)



Poesia brasileira de vanguarda

(Continuação da pág. anterior)

um estudo socio-estético, mas deve notar-se que o barroco é na actual poesia brasileira, mais uma posição do espírito que o prolongamento de uma tradição. O nível D é a actual posição do Poema/Processo, aberto para o futuro.

No nível B, após a ruptura violenta que foi a «Semana de 1922», a vanguarda chama-se Antropofagia e é liderada por Oswald de Andrade e por Mário de Andrade, entre outros Neste nível surgem atitudes maiores, típicas, não ligadas à Antropofagia, das quais a mais importante é uma atitude realista de tipo regional que, embora comum à Antropofagia, não alcança uma maioridade universal: Manuel Bandeira e Jorge de Lima da primeira fase. Carlos Drumond de Andrade é a excepção mais importante, pois a sua atitude realista transcende em muito os regionalismos e até o nacionalismo, pelo tratamento da linguagem. Jorge de Lima na segunda fase, lança as primeiras bases para o moderno barroco brasileiro e virá a influenciar alguns homens do nível C, como por exemplo Mário Faustino. Este, embora compreendendo criticamente a Poesia Concreta, nunca logrou ultrapassar como poeta, a barreira do verso.

Os parnasianos produzem directamente ao nível C uma geração chamada de 45, na qual existem muitos poetas como Afonso Félix de Sousa, Fernando Ferreira de Loanda, Domingos Carvalho Silva, Marcos Konder Reis, etc., geração que embora correspondendo a uma maneira sentimental do brasileiro médio, se encontra hoje totalmente desligada da corrente fundamental da pesquisa e da criação da poesia actual brasileira.

João Cabral de Melo Neto aparece cronològicamente ligado à geração de 45 mas tem um duplo pendor de realista e de pesquisa linguística que os outros ignoram e isso o coloca numa posição híbrida e até como um antecessor da Poesia Concreta, embora de via lateral. A faceta popular e o regionalismo da «Semana de 1922» liga-se também à actual poesia e música popular principalmente do Rio de Janeiro, em que Vinicius de Morais é o mestre. Ferreira Gullar, depois de uma experiência concreta e de pura vanguarda, junta-se a esta corrente de poesia popular, liderando o grupo Opinião, mas acusando uma sensível descida de qualidade poética, o que aliás é inerente a todas as atitudes de tipo neo-realista.

Cecília Meireles traz até ao nível B a linha dos simbolistas, mas não encontra ressonância inovadora no nível C. Neste nível C ou seja na linha da mais rigorosa vanguarda, está a Poesia Concreta como continuadora directa do espírito renovador da Antropofagia. De facto, a Antropofagia é a qualidade pela qual tudo e todos se tornam brasileiros, ao contacto com o solo brasileiro. Este nacionalismo, em vez de ser restritivo, conduz o Brasil para um auto conhecimento, pesquisa das suas fontes, à procura da entrada definitiva no diálogo das grandes nações.

Ele é portanto o pendor internacional, *a posteriori* Mas este programa só é realizado pela Poesia Concreta que, como se sabe, alcançou o convívio internacional, e prolifera na grande maioria dos idiomas acusando a sua origem brasileira, através da Língua Portuguesa. Os poetas concretos mais importantes são Augusto de Campos, Haroldo de Campos, Décio Pignatari, José Lino Grunewald, Pedro Xisto e Edgar Braga, mas muitos outros poderiam ser mencionados.

Outro movimento de vanguarda fortemente enraizado numa realidade regional mas efectuando uma pesquisa de tipo universalista pelo seu tratamento rigoroso objectivo e não sentimental da linguagem, é o grupo Tendência, do qual é leader Afonso Ávila. Poesia de luta, propondo e efectuando o salto participante, vai ao encontro dos temas maiores da poesia contemporânea e principalmente de Pound na denúncia da usura, problema premente em Minas Gerais. O grupo Vereda, as publicações PTYX e Texto são as pontas mais jovens deste movimento. Destacam-se Henri Correia, Libério Neves, Ubirasçu, entre muitos outros.

Como diluição dos métodos criadores da Poesia Concreta e de Tendência, existe a publicação Praxis, de Mário Chamie, que deve a sua rápida e superficial difusão às fórmulas simplistas que usa e a uma boa política de penetração baseada até no trabalho pioneiro por outros realizado e na beleza do nome que adoptou, e suas conotações, sem nada de novo trazer. Neste momento, a poesia brasileira está numa fase de pausa auto-reflexiva: assim, os livros mais importantes publicados recentemente, são: Poesias Completas de Oswald de Andrade, organização e prefácio de Haroldo de Campos; Poesia (completa) de Mário Faustino (falecido em 1964); Educação pela Pedra, de João Cabral; A Luta Corporal e Novos Poemas, de Ferreira Gullar, em que o desnível já apontado se torna escandaloso e sintomático de uma atitude esterilizante. O N.º 5 da Revista Invenção é o grande repertório das conquistas da Poesia Concreta brasileira. Mas para além desta pausa criadora, entra-se no nível C. Aqui, uma das preocupações mais sérias da vanguarda brasileira é a da pesquisa de massa não mitificada, que seja, simultâneamente e necessàriamente, de qualidade estética e inventiva ou seja, uma codificação aberta da experiência do homem actual e do mundo em que vivemos. As pesquisas orientam-se principalmente, como aliás em todo o mundo, com base na teoria da informação, em considerações probabilísticas e na análise combinatória. O órgão do Poema/Processo é a «Revista Ponto», que significativamente tem enormes co-incidências com a nossa Operação — 1 (1967) e com a Diagonal Cero, de Buenos Aires, e com as pesquisas semiológicas de Julien Blaine e Maineau em França, e com as obras dos poetas de vanguarda da Grã-Bretanha, dos Estados-Unidos, da Checoslováquia, da Itália, do Japão, etc.

Mas, para melhor elucidação, transcrevemos de um recentíssimo artigo de Nei Leandro de Castro, algumas conclusões-projecto do Poema/Processo:

«— Arte tem de ser produto industrializável. E o poema/processo existe não só para ser consumido e digerido. Tem de ir além para não se fossilizar. Tem de ser «projeto». O poeta à maneira de uma arquitecto-engenheiro pode e deve «vender sua ideia» de poema

— Dar começo a que o (possível) poema cresça e se faça em tantas mãos quantas vezes ele for manipulado, revisto, diminuído, aumentado ou destruído. Principalmente *destruído* para que surja outro poema e, em cadeia, estabeleça-se uma continuidade *ad infinitum*.

— O poeta *projectará* sempre — os outros realizam o poema ou ajam como quiserem, pois só assim haverá realmente «processo». O *poema único* dentro de pouco tempo vira peça de museu. O poema tem de apodrecer primeiro para depois rebentar.

— Daí o que ambiciona a «operação/poema». Possibilidade Travessia. A inumerável capacidade do consumidor/participante fazer o poema, desde que o «projecto» contém em perpetuidade a voltagem de modificação.»

Nota. — Existem evidentemente, embora não expressas, as razões críticas que presidiram à organização do esquema sincrónico agora apresentado. Elas constituirão a matéria de um próximo artigo.

E. M. DE MELO E CASTRO

«Micropaisagem» de Carlos de Oliveira

(Continuação da pág. anterior)

nada mais restará que a anulação preconizada no final do poema «A Noite Inquieta», de «Colheita Perdida»:

E ouvindo a voz das coi-
[sas e da gente,
dou-me às razões do
mundo, ao som do vento.
— Podes descer silencio-
[samente
sobre os meus versos, luz
[do esquecimento!

O tema da infância, assinalável em «Cantata» e «Sobre o Lado Esquerdo», principalmente, tem directamente que ver com o referido binómio memória-esquecimento. A abordagem desse tema assume uma feição profundamente dolorosa na poesia de Carlos de Oliveira: *Procurar o amor neste deserto (...) é procurar a morte apenas.* Por isso, provàvelmente, *o poema esboroa-se no rasto da criança,* como se diz no final de «Desenho Infantil», de «Sobre o Lado Esquerdo». O autor de «Colheita Perdida» difícilmente aceita, na poesia, as *imagens latentes* de um passado que as palavras não podem reproduzir. Mas parece-me visível uma mudança de atitude nos seus dois livros mais recentes, que poderá corresponder a uma arte poética também diferente. C. Oliveira surge-nos cada vez mais preocupado com o tema das palavras e da escrita e cada vez mais convicto de que esta é uma realidade tão real como a infância ou qualquer outra. Mais: de que a poesia não reproduz, mas produz a realidade e produzindo-a, é algo com autonomia e luz própria É isso mesmo o que se diz, parece-me, nas últimas linhas do poema «Look back in anger», de «Sobre o Lado Esquerdo»: *As imagens latentes, penso eu, porque sou eu o homem na armadilha do terraço difuso, entrego-as às palavras como se entrega um filme aos sais de prata. Quer dizer: numa pura suspensão de cristais, revelo a minha vida.*

Em «Micropaisagem», Carlos de Oliveira volta a desenvolver e a entrelacar esses dois importantes núcleos temáticos que são *memória-esquecimento* e *escrita.* No extenso ciclo inicial, «Estalactite», acaso o de mais complexa tessitura, o autor apresenta-nos uma amplificação do primeiro desses núcleos. A memória não é aqui senão imaginàriamente a do poeta; na realidade, ela é como que a própria memória do mundo, na escala dos milénios, delimitada por símbolos extremos: a água e a cal. E, entre estes dois marcos, o movimento da memória pode iniciar-se a partir de qualquer deles:

Imaginar
o som do orvalho
a lenta contracção
das pétalas,
o peso da água
a tal distância,
registar
nessa memória
ao contrário
o ritmo da pedra
dissolvida
quando poisa
gota a gota
nas flores antecipadas.

O terceiro poema de «Estalactite», que a este se segue imediatamente transpõe para a problemática da arte poética os elementos temáticos dos anteriores:

Se o poema
analisasse
a própria oscilação
interior,
cristalizasse
um outro movimento
mais subtil,
o da estrutura
em que se geram
milénios depois
estas imaginárias
flores calcárias,
acharia
o seu micro-rigor.

Essa *oscilação interior* do poema, determinada por um *micro-rigor,* de que Carlos de Oliveira nos fala, não é senão o penhor de uma confiança cada vez maior depositada na linguagem. Em «Estalactite» sobretudo é cada vez mais nítida a consciência de Carlos de Oliveira, já não apenas do peso das palavras *(Rudes e breves as palavras pesam/ mais do que as lajes ou a vida* (...) «Cantata»), mas da sua acção sobre a própria realidade. Encontramo-la, por exemplo no poema IX:

Imaginar
o som do orvalho,
transmiti-lo
de flor para flor,
guiá-lo
através do espaço
gradualmente espesso
onde se move
agora
(água — cal),
e captá-lo como
se nascesse
apenas
por ser escrito.

No poema IV:

Localizar
na frágil espessura
do tempo,
que a linguagem
pôs
em vibração, (...)

Ou no belíssimo poema final:

enquanto
a vagarosa
escultura do mundo,
a vaga rosa
modelando
as flores
adiadas na cal
escurece também
e o seu caule
esquivo
se desfaz
em som[bra]
apenas
por ser escrito.

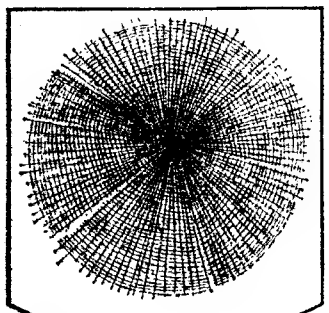
A poesia de Carlos de Oliveira tem vindo, de livro para livro, a dirigir-se para uma concepção cada vez mais ampla e criadora de realismo, extravasando do quadro inicial do movimento neo-realista. Que Eduardo Lourenço, no seu recente livro notável, de resto por diversos títulos, «Sentido e Forma da Poesia Neo-Realista», não dê mostras de ter plenamente compreendido este facto, obstinando-se, sobretudo no *Prólogo* e nas *Considerações Finais* (cujo tom entra claramente em contradição com o dos ensaios), em dimensionar uma forte individualidade poética em função das possíveis limitações de uma escola (o que é o mesmo que, por exemplo diminuir um Cesário Verde, em nome das limitações do parnasianismo e do comum dos poetas parnasianos), não há senão que lamentá-lo O facto de «Micropaisagem» não ter ainda sido publicada á data da obra de Eduardo Lourenço, poderá, porém, atenuar a gravidade do seu erro de visão. É que perante «Micropaisagem», porventura a especulação de maior alcance sobre a linguagem poética, da poesia portuguesa dos nossos dias, não poderiam ser mais descabidas estas palavras de Eduardo Lourenço, como, de resto, já o eram, em face de obras como «Cantata» e «Sobre o Lado Esquerdo»: *A linguagem é tomada como imediata apropriação racional do mundo, não como a figura mesma do mundo que cabe ao poeta reestruturar reinventando-a e reinventando-se com ela. Neste capítulo foi o neo-realismo de uma extrema timidez. A urgência do combate ideológico parece ter eclipsado a do único combate poético inadiável, aquele que de cada vez o homem-como-linguagem trava com a linguagem-como-homem que lhe foi dada*

Quanto a *essa consciência de desamparo total, de desastre e jogo ao mesmo tempo, no qual,* segundo Eduardo Lourenço, *banha toda a poesia moderna,* gostaria de saber onde será possível encontrá-la na poesia de João Cabral de Melo Neto, por exemplo. Nessa *consciência de desamparo total* apenas banhará (não generalizemos) o sector romântico da poesia moderna, em que se insere, aliás, alguma da maior poesia do século XX, a de um Rilke, por exemplo. E é, coisa curiosa, exactamente nesse sector que a poesia de Carlos de Oliveira, sem prejuízo para a sua natureza realista, igualmnte se integra. Para o comprovar, bastaria ler agora, em «Micropaisagem», essa fascinante *descrição* do suicídio de Maiakovski, intitulada «Espaço» e elaborada com largo recurso á montagem de textos do autor de «A Flauta das Vértebras».

Pode dizer-se que «Micropaisagem» é um conjunto de oitenta e dois sonetos, na medida em que todos os poemas que constituem os doze ciclos da obra possuem catorze versos. Simplesmente, cada um desses versos comporta, de um modo geral, apenas uma ou duas palavras, o que origina uma continuidade do discurso ao longo de diversos poemas, quando não ao longo de um ciclo inteiro. Carlos de Oliveira explora, deliberadamente, essa dilatação incessante das frases que obriga a uma leitura extremamente tensa e atenta, sem interrupções do tecido de associações e recorrências constantes, que um discreto fio especulativo ou narrativo, movendo-se por entre a ambiguidade das metáforas e dos símbolos, percorre.

Atestado da maturidade e da modernidade de um poeta Carlos de Oliveira, e de uma poesia, a portuguesa «Micropaisagem» é também, na harmonia imperecível que estabelece entre a série semântica e a série rítmica, um ponto máximo do realismo poético contemporâneo.

GASTÃO CRUZ



VERGÍLIO FERREIRA

APARIÇÃO

6.ª edição

"Um dos romances mais notáveis escritos em língua portuguesa depois de Eça de Queirós".

JOÃO GASPAR SIMÕES

—

nas

OBRAS DE VERGÍLIO FERREIRA

OUTROS VOLUMES PUBLICADOS:

Manhã Submersa, 3.ª edição; **Alegria Breve**, esgotado; **Cântico Final**, 2.ª edição; **Estrela Polar**, 2.ª edição; **Carta ao Futuro**, 2.ª edição; **Espaço do Invisível**, esgotado. No prelo: **Mudança**, 3.ª edição.

PORTUGÁLIA EDITORA
Av. da Liberdade, 13, 3.º — LISBOA

NOVIDADE LITERÁRIA

HORAS CURTAS

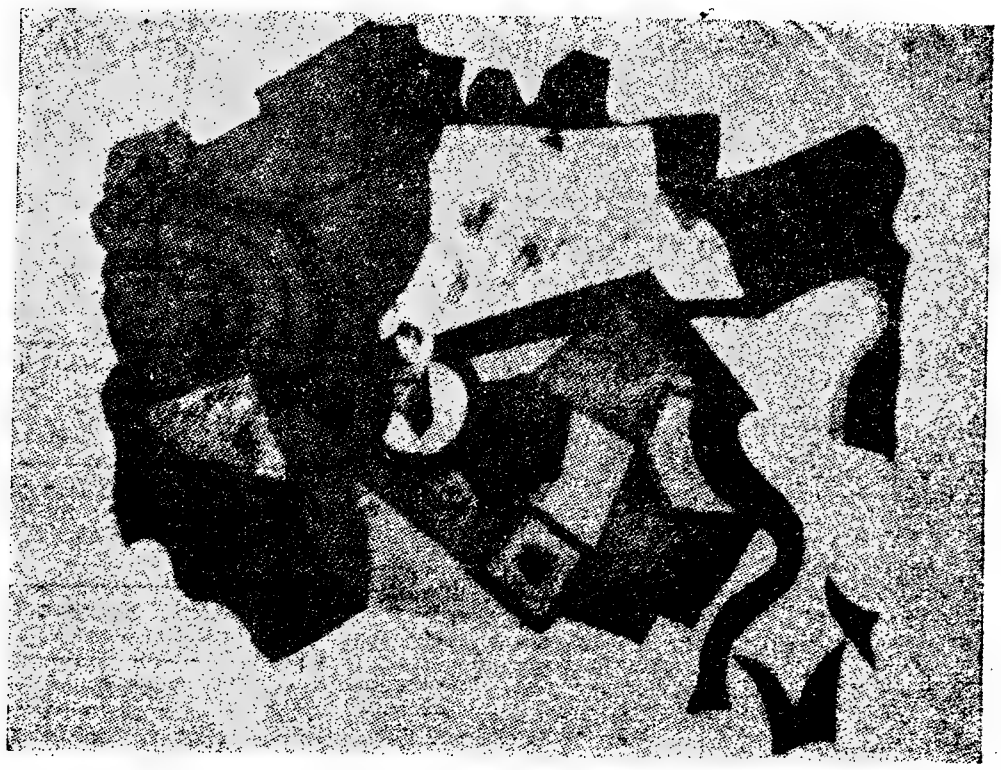
poemas de ANITA DE PÁDUA

Distribuição DILSAR — Rua S. Filipe Nery, 37-A
Nas livrarias

Carta

de Nikias Skapinakis

a um jovem crítico



Nikias Skapinakis: Pintura, 1968

Meu caro

Tenho acompanhado, desde há algum tempo, a sua actividade crítica e lido com atenção os comentários que referem a minha pintura. Reconheço, de boa vontade, que, de uma forma geral, as suas opiniões são defensáveis muito embora, por vezes, me apareçam mais rabugentas e rígidas que evidentes. V. não é certamente destituído de informação e formação críticas e além disso tem o bom gosto de não pintar, facto que despoja os seus juízos da parcialidade de oficial do mesmo ofício.

Entretanto julgo que, por enquanto, V. permanece escolar, isto é, ainda não ultrapassou os ensinamentos da Estética-Psicologia-Sociologia para estabelecer com a pintura aquela espécie de entendimento íntimo e amoroso que nos livros se designa por empatia.

Noto, por exemplo, que V. simplifica a apreciação de alguns dos meus quadros quando entende que eles, se inserem em esquemas formais realistas, ultrapassados. Em minha opinião os esquemas formais são estruturas abertas; as circunstâncias sociológicas é que tendem a esvaziá-los de sentido ou, ao contrário, a conferir-lhes um novo sentido — o que parece demonstrar-se na frequência de movimentos revivalistas.

Mas estou de acordo que toda a investigação figurativa realista comporta, actualmente, na pintura um determinado sinal do passado.

O facto é que as referências visuais do nosso mundo não podem ser pintadas de um ponto de vista naturalista mas apenas aludidas; a paisagem urbana, a arquitectura das cidades modernas, por exemplo, não podem ser directamente pintadas como se pintava Veneza no tempo de Carpaccio ou gares de caminho de ferro no tempo dos impressionistas.

Todavia, a questão da investigação realista não se resume nesta verificação. No que me respeita, julgo que a possibilidade de preencher com um novo sentido realista certos motivos visualmente ultrapassados — mas que podem encontrar ressonâncias actuais ou desempenhar uma espécie de apelo a certos aspectos vitais da nossa existência — assume um papel dialéctico em relação ás experiências mais recentes que V. considera, aliás, comportarem o sinal dos tempos modernos. V. referenciou, algures, esse sentido dialéctico e noto, com satisfação, que essa interpretação tem para mim a vantagem de não confundir intenções expressivas com contigências puramente comerciais...

Nisso mostrou V. que não é beócio ou mal intencionado.

De resto, teria sido interessante, mostrar na sua crítica como é que essas tais experiências recentes, que formalmente adquiriram um espaço bi-dimensional e que expressivamente aludem a valores da nova figuração, estão ligadas aos valores populistas e ao cromatismo timbrico da pesquisa realista.

Porque V. não explicou isso e, nessa medida, suponho que não entendeu o

O caminho sinuoso da pintura dificilmente se acomoda com a clareza didáctica

significado de uma exposição que muito longe de ter para mim um sentido retrospectivo tinha, ao contrário, um sentido prospectivo.

Caberá aqui aludir a um problema que reputo fundamental — o da actualização ou renovação do processo artístico. Não acredito, de facto, que a renovação dos esquemas artísticos possa resumir-se na tendência muito oportunista para estar a la page. Julgo que cada artista dispõe de um sistema interno no qual estão (ou não) contidas as reais possibilidades de actualização, de coincidência com as vagas ideológicas e estéticas que definem em cada momento as coordenadas do gosto moderno.

Não admito para qualquer artista outra possibilidade que não seja a de ficar só se, porventura, essa coincidência, ou essa abertura, não se torna naturalmente possivel. Porém, essa solidão está sempre potencialmente virada para o futuro; muito recentemente essa é a lição da revalorização de Morandi que Del Pezzo continua... aliás se Da Vinci não pintasse a «Gioconda» como poderia Duchamp colocar-lhe bigodes?

O caminho sinuoso da pintura dificilmente se acomoda com a clareza didáctica e se, de facto, a sociologia pode tender a esclarecer a situação da arte e do artista em circunstâncias objectivas, a comunicação do espectador, ou do crítico, com os quadros resta misteriosamente sentimental.

Todo o crítico está, por isso, fatalmente arriscado, quando a sua disponibilidade emotiva não se projecta na pintura que explica, o que, durante a explicação, essa mesma pintura fuja pela janela. Enfim, mais tarde ou mais cedo, V. terá, no plano crítico, de optar. Ou o seu sistema se revelará essencialmente puritano e a arte que poderá entender será uma arte puritana, isto é, despojada e que não envolva um empreendimento dos sentimentos (o que corresponde a uma importante faceta da arte actual) ou na sua geometria mental haverá lugar para um pouco de loucura e de contradição — e, então, talvez possa reentender o meu realismo e por que razão é necessário que nesta altura de computadores a pintura continue também a ser feita com as mãos e sem pudor dos sentimentos.

Cordialmente.
NIKIAS SKAPINAKIS

«Os quatro vintes»

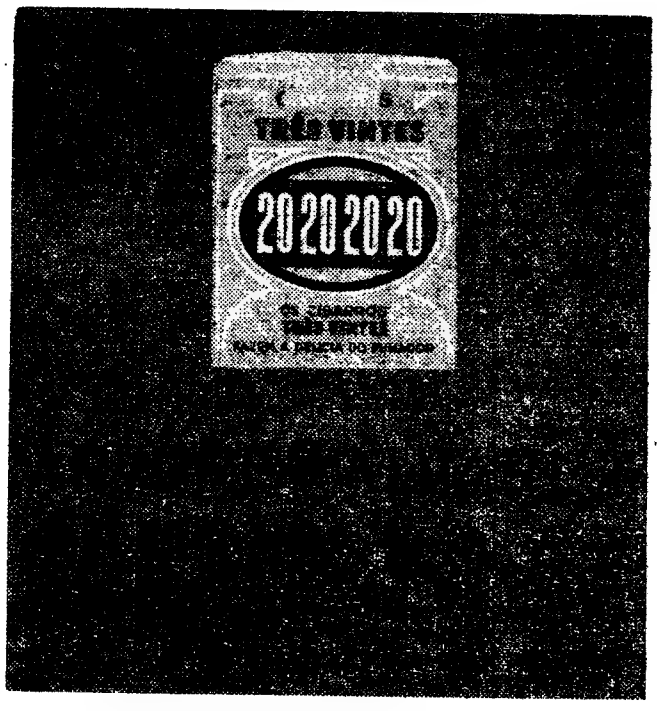
por Francisco Bronze

São eles: Armando Alves, José Rodrigues, Jorge Pinheiro e Ângelo de Sousa. Quatro artistas que realizaram a sua prova final como alunos da E. S. B. A. do Porto (o primeiro em 1962 e os restantes em 1963) com a classificação, à primeira vista honrosa, de vinte valores. Aprovados portanto com distinção, segundo rezam os diplomas por ironia reproduzidos no catálogo destas exposições. Mas que não se iludiram os artistas acerca da fragilidade de semelhante juízo professoral é o que podemos constatar por todo o seu trabalho posterior e, sobretudo, por estas duas mesmas exposições agora realizadas na G. Dominguez Alvarez e na Cooperativa Árvore. É precisamente todo esse ensino escolar que lhes foi ministrado que neste momento os quatro «distintos» alunos de outrora pretendem pôr em causa, com algumas notas de bom-humor.

Mas esta «contestação» irónica não deve ser entendida senão como a «espuma» dessa poderosa «vaga» contestativa a que as obras apresentadas mais sèriamente correspondem — como não podia deixar de ser, ao fim e ao cabo, tratando-se realmente de arte, e da melhor, a que aí pudemos ver. Ora, é precisamente porque de *arte* se trata, que tal «contestação» não se processa aí ao nível das boas intenções explicitadas, mas no da autêntica, da profunda vivência — que é afinal o modo que a arte tem de contestar seja o que for. É desta maneira que o artista recusa o que foi estabelecido, o que se tornou norma e sinal de paralisação — é assim que ele afirma a liberdade criadora, pela proposta constante de novas vivências, capazes de abalar os fundamentos vivenciais de um sistema.

NA G. DOMINGUEZ ALVAREZ

A exposição da Alvarez tem sobre a da Árvore a vantagem de contar com um espaço mais acertado com as exigências de leitura da obra plástica, mas não é aí que se podem admirar as últimas ou as mais significativas obras destes quatro artistas portuenses. De José Rodrigues pôde o público de Lisboa ver uma excelente exposição na G. Buchholz, de facto uma das melhores que lhe foram apresentadas na última temporada. Os trabalhos agora expostos são peças de 66, ano particularmente feliz e fértil na produção do escultor. Nenhuma destas peças foi a Lisboa. Situam-se elas dentro duma problemática de espaço e da animação possível desse espaço.



Constroem-se de preferência em fio metálico, algumas vezes niquelado, e erguem-se frequentemente em grandes ritmos lineares, *desenhando* um espaço inteiramente aberto. Certos elementos móveis ou vibráteis estabelecem um diálogo vivo com tudo que é «envolvência» da peça, dinamizando o espaço e as formas que nele se definem. Não raro esses elementos móveis são esferas ou discos espelhados que captam as imagens circundantes, e explica-se então a razão por que podemos de facto referir-nos a um «diálogo» entre o *objecto* e o *sujeito* (neste caso o utente ou contemplador). Tanto mais que qualquer destas obras exige uma participação que, mínima embora, é de facto necessária para que uma vara metálica vibre ou para que uma esfera pendurada possa mover-se. Há sempre na escultura de Rodrigues um jogo amoroso, algures o dissemos. Jogo que se processa em plenitude sensual ou se afirma de outro modo em encontros e desencontros a que Eros sempre preside. Neste próprio jogo o utente destas peças de 1966 se compenetrará, participando quase sem dar por isso.

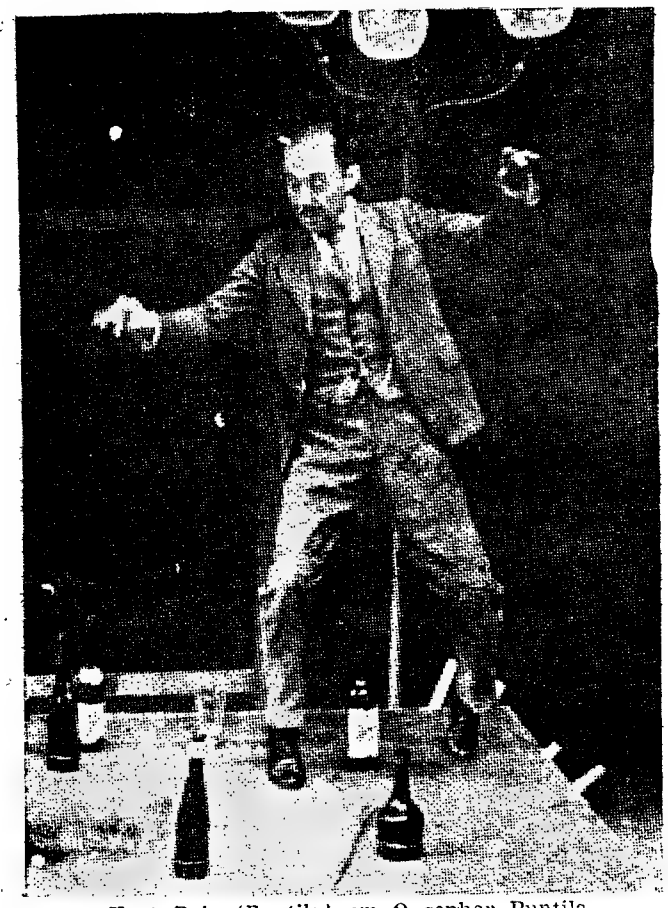
Do mesmo período são também certas peças que se constroem como «quadros», simples placas metálicas emolduradas. Estas placas espelhantes são golpeadas por um *gesto* que prolonga uma proposta do pintor italiano Fontana, e deste modo as imagens reflectidas na chapa espelhada são alteradas segundo uma complexa situação aleatória.

Alguns desenhos já de 1968 retomam uma linha que parecia esgotada por volta de 66, vinda de uma tendência informalista e definindo-se finalmente numa arte de signos, reestruturada portanto segundo princípios mais formativos. Mas estes simples sinais marcados em relevo na brancura do papel ou nos pedaços de papel estanhado que aí se colam nada perdem do rigor e elegância que caracterizam hoje a arte de Rodrigues. Metamorfose de um *gesto* há muito abandonado, eles inserevem-se agora num novo contexto, e devem por isso considerar-se não como uma experiência marginal na pesquisa do autor mas como uma vontade de desvendar novos possíveis caminhos a partir daqueles que ficaram perdidos na distância. Só o futuro nos poderá dizer se foi ou não inútil este olhar lançado para trás. Uma assombrosa simplicidade, uma quase chocante «candura» aqui reveladas não devem ser alheias à extraordinária qualidade que logram alcançar tais desenhos.

As peças de Jorge Pinheiro, anteriores às que foram vistas em Lisboa e menos significativas do que essas, podem com justiça considerar-se como Objectos, embora funcionando nesse espaço que o *quadro* durante séculos preencheu. Mas aqui a forma rectangular tradicional foi de há muito destruída, e são os limites circulares que frequentemente se impõem nestas peças. Pelas suas mesmas dimensões e formato e pelo interesse e meditado jogo da cor elas ganham por isso uma presença forte e envolvente — estamos de facto perante uma *objectualização* da Imagem.

O público da capital lembra-se com certeza da exposição que Ângelo de Sou-

(Continua na 6.ª página)



Kurt Bois (Puntila) em O senhor Puntila e seu criado Matti

inquérito BRECHT, HOJE

(1) *Fala-se agora do «Living Theatre» de Grotowski, de Artaud, de Brook, de Arrabal, de Weiss, de «happenings». Brecht parece um pouco esquecido. A que atribui esse facto?*

(2) *Parece-lhe que a projecção da obra de Brecht-dramaturgo foi prejudicada pelas opções de Brecht-teórico? E, a propósito, concorda com esta dicotomia?*

(3) *Considera que a teórica brechtiana está hoje ultrapassada?*

(4) *Em que medida, na sua opinião, as peças de Brecht são «adaptáveis» a um diferente contexto político, social e cultural?*

(5) *Considera possível a criação no nosso país de espectáculos rigorosamente brechtianos?*

(6) *Considera especialmente importante para o Teatro em Portugal a representação de uma ou mais peças de Brecht? Quais?*

1

Acontece que nas grandes sociedades de consumo, os bens, postos à disposição da parte da população que os pode adquirir estão sujeitos ás leis da oferta e da procura e consequentemente inseridos no sistema da moda. O mesmo se passa com o teatro como bem de consumo que é dessas mesmas sociedades.

É menos o verdadeiro significado proposto pelas ultimas experiências (Grotowski, «Living Theatre», a descoberta de Artaud, as peças de Arrabal) que o escandalo e o fascinio da novidade provocados por esse teatro de protesto anarquista que parecem interessar os detentores habituais e os novos ricos da cultura, os quais desconhecem que ele é o significativo espelho onde se reflectem as contradições das sociedades que o geram.

Diz-se que o Teatro não pode parar, não pode ficar em Brecht e que o facto de existirem os «Living» e os outros mais, mostra precisamente a grande força do Teatro e a sua capacidade renovadora. Que esse teatro é diferente do proposto por Brecht não há duvida nenhuma; mas será que ele é um progresso? Não será antes um retrocesso? Que haverá de novo nesse teatro depois da revolução teatral brechtiana, que depois de vinte e quatro séculos de teatro europeu aristotélico nos propõe um teatro critico, um teatro que não colabora com a passividade do espectador mas apela para a sua capacidade de raciocinio critico?

Ora como o teatro de Brecht pressupõe a colaboração do espectador como entidade critica e actuante, ele exige da parte dos seus verdadeiros divulgadores e dos artistas que o recriam uma lucidez que é produto duma inteligência, duma visão cientifica do mundo, duma capacidade cultural sempre renovada e dum espirito critico na busca de meios que tornem eficientes o uso desse teatro. Ele não comporta as «improvisações geniais», o oportunismo, o arrivismo dum teatro que maravilha e choca (quando maravilha e choca), mas não educa na medida em que não obriga a pensar.

Apesar de toda a grande oferta que nos é feita desse teatro dito de *avant-garde*. Brecht não está tão esquecido como se possa pensar. Se dermos uma vista de olhos pelos repertórios dos teatros europeus, constataremos que ele se representa com regularidade. Não contando com o Berliner Ensemble, que não é só uma criação, mas também um criador (isto no dizer do critico do «Sunday Times». Harold Hobson, quando da digressão do Berliner a Londres em 1965), se se pensar no autor de *Marat-Sade* e de *A Instrução*, verificaremos que é precisamente com estas peças que ele nos dá a maior contribuição ao nivel de dramaturgo para um teatro de concepção brechtiana, se pensarmos nas contribuições ao nivel de encenação de um Giorgio Strehler, com o seu trabalho na peça de Bertolazzi «El Nost Milan» e nas peças de Brecht, se pensarmos nas realizações de um Roger Planchon ou mais recentemente na descoberta de Brecht por Lioubimov, ver-se-á que o autor de «Galileo Galilei» não está esquecido mas bem vivo.

Pergunta-nos Roland Barthes se será preciso ser-se «fanático» por Brecht para ver o alcance e o significado do seu teatro. Responderei que talvez não seja preciso, que o que é preciso, isso sim, é antes de tudo conhecê-lo, reflectir sobre ele compreender a sua problemática e, depois, optar pelo teatro de Brecht ou pelo outro; e, quando o seguimos, não o copiar mas recriá-lo segundo as circunstancias.

Como poderá ser esquecido, pergunto, um teatro como o de Brech, que nos obriga a pensar porque é que em determinadas sociedades, com uma determinada estrutura económico-politico-social, o homem não pode ser um amigo do homem e «torna-se para o seu semelhante um prodigioso monstro?» E mais, por quem é que Brecht é esquecido ou falseado?

2

A teoria teatral brechtiana não pode ser vista à luz do conceito tradicional de teoria, porque é elaborada não «a priori» e desligada da prática como em Appia ou Gordon Craig, mas a partir duma experimentação continua, dum lúcido trabalho colectivo, socorrendo-se: de todas as contribuições e descobertas do que havia de mais moderno no seu tempo (Piscator, Meyerhold, Okhlopkov, etc.), do teatro popular de «cabaret» (Karl Valentin), do *catch* e da linguagem cinematográfica como meios de expressão para o grande público, do conhecimento critico de uma cultura que vai desde o Nô e do Kabuki japonês até Joyce, passando por Ésquilo, Shakespeare, Diderot, Bruhegel, Goethe, Büchner, Rimbaud e Hasek, e do rigor das contribuições do socialismo cientifico.

Ora o que se passa é que os escritos teóricos de Brecht foram elaborados a partir de uma prática, e para determinadas circunstâncias, pressupondo, sem dúvida, um método de pensamento rigoroso — o verdadeiro estudo das contradições dentro da própria essência das coisas. Não é, por conseguinte, válido o uso literal da teoria brechtiana. O facto de se usarem projecções ou canções não constitui por si uma encenação brechtiana, como muitas vezes se pretende.

E por isso é deliberada e falsa a dicotomia entre Brecht-teórico e Brecht-dramaturgo (até porque a dramaturgia de Brecht não tem todo o seu significado se não pressupusermos a dita teoria), é precisamente essa dicotomia que tem prejudicado a correcta divulgação de Brecht.

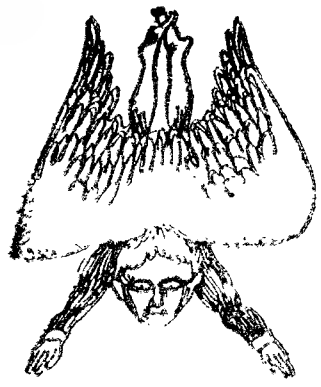
3

Na medida em que não se pode estabelecer a dicotomia entre Brecht-dramaturgo e Brecht-teórico, como já o disse na resposta anterior, não se poderá falar numa teórica brechtiana ultrapassada ou não ultrapassada. Poder-se-á perguntar, isso sim, se a concepção brechtiana de teatro foi ou não ultrapassada.

Mário Sório encenador

Ora Brecht dizia que as suas criações eram menos formas definitivas que estádios que pressupunham uma constante transformação de acordo com a evolução do pensamento humano progressista: isso implica que o seu teatro não pode ser ultrapassado. O que decerto pode acontecer, é que surjam cada vez mais contribuições elaboradas pelos que se servem do seu método de investigação. Foi precisamente esse método, que tem como uma das suas características essenciais o ser rigorosamente critico, a maior contribuição que Brecht deu ao património da cultura teatral mundial.

Aproveito a ocasião para referir um facto que me parece importante: é costume dizer-se que o Berliner Ensemble estagnou, que Helen Weigel impede



QUEM TEM MEDO DE QUEM? (*)

por Alexandre O'Neill

PROTESTOU que se o conhecessem, que se soubessem quem ele era, quem fora, quem estivera para ser, haviam de tratá-lo doutra maneira. Sim! Que maneira aquela de tratar um homem! «Um homem!», repetia, para crescer.

Do alto do ascendente que tomara sobre os outros, arrotou. De propósito. O arroto era a cúpula do nojo em que os envolvia. Mas a tristeza foi que, depois desse bonito e alentado arroto, que lhe saíra e de que se saíra tão a preceito, um soluço esgargalado o empinou. Na cangocha, os óculos saltaram-lhe.

Com ele cegueta de todo, a farejar serradura, cascas de tremoço, caroços de azeitona, restos da devoração, cuspe, frias pontas ardidas — é que começou o grande gáudio.

Um veio, escarranchou-se nele e aplastou-o. Bateu um cról ás tontas, mas já outro lhe obturava um dente à biqueirada. Cuspinhou. O gosto de sangue era grosso e demorado.

Os óculos!

Atirou os braços para a frente, espalmou as mãos e deu uma braçada. As cangalhas deviam ter saltado para longe.

O que se escarranchara, equilibrado agora no traseiro, embutia-lhe os tacões nas costelas, desbragado de riso. O da biqueirada, tentou chutá-lo segunda vez, mas só levantou serradura. E por que não se desmedira ainda o terceiro? Estava à espera de quê, afinal!

O terceiro, afinal, entrou:

— Ceição! Não é Ceição que te chamas? Diz lá à tua mulher que é melhor ter um marido pitosga. Assim não vez o que ela faz...

E com a biqueira do chanato deu-lhe os óculos a cheirar.

Os três castigadores desampararam a loja, que, para o caso, podia ter sido «A Nova Conquilha» ou a «Adega dos Competentes» ou «O Altino das Bifanas» ou «A Parreirinha de S. Jerónimo».

Dos mândrias que assistiram à crua façanha, à grande desfaçatez, nem um se mexeu. A entaramelarem solilóquios ou metidos numa traca das antigas ou a piscarem olhinhos desencantados, sobre mais aquele episódio da triste história do mundo (reduzido, na circunstância, à tasca e arredores), nem um só levantou dedo ou protesto contra os safados. E o medo também agiu: os safados tinham crónica de brigões e anavalhantes. Capazes de muito, como se pôde ver. Só ver...

Atrás do balcão, Gómez ou Pérez ou Rodríguez também não reagira à torpe graçola. Esfregão na mão, aplicava-se a limpar o mármore, como se alguma vez aquele mármore pudesse ser limpo. A sua filosofia era: enquanto não há copo pelo ar ou banco escavacado, olho na registadora e deixa correr o vinho, que eu cá sou do Minho... Aliás, o homem estendido no chão era meio estranho. Quem o mandara entrar naquele país sem carta de chamada? O artolas não esperava, com certeza, que o removessem com o lixo...

No saguão da taberna, armado em caramanchão de trazer farnel, jogava-se matraquilhos. Esmocados, os bonecos de pau enfiados nos espetos giravam, sem braços, num benfica-sporting interminável. Mais ou menos esférica, a bola de madeira, quando ficava nêspera, fora do alcance de qualquer boneco, está-se a perceber, era reposta em jogo; três pancadas no bordo e ela aí ia para o campo outra vez, enquanto os dois, os três ou os quatro, manetes em punho, a esperavam, espalha-brasas de todo. Os frios, os científicos prendiam-na, passavam-na de jogador a jogador a jogador, dos avançados para os defesas, de defesa para defesa, a criar nervosismo, e, truque velho, postos, de golpe, médios e avançados em paralelo com o «relvado», disparavam-na, seco, de longe, que ele há surpresas...

Caixa de música, mas de música concreta, os matraquilhos trepidavam no saguão.

Conceição, de ouvido a sintonizar os matraquilhos, levantou-se. Pôs os óculos, sacudiu as calças, fez, enfim, o que é trivial fazer-se em situações que tais.

Atravessou a sala. Nenhum dos não-terrales saiu do seu casulo. Quando ele virou costas, alguns deram de ombros e sorriram, muito espertos.

No saguão, abriu a torneira. Bochechou, fungou, bebeu. Com a água, desaparecia, pelo ralo, sangue, sarro, serradura.

Conceição pediu lugar nos matraquilhos. Boa ideia. Completava equipa.

Puseram-no à defesa. Deixou entrar rajadas de golos. O rapaz seu companheiro e os rapazes seus adversários já estavam a tratá-lo com o desprezo de quem tem a vantagem de ser doutra geração.

Experimentaram trocar de parceiros. Não resultou. Mas Conceição era o otário que metia as moedas, enquanto ia dizendo, pela tarde fora, todo influído:

— Quem tem medo de quem? Quem tem medo de quem?

ALEXANDRE O'NEILL

(*) Já publicada, faz um ano, noutro jornal, esta crónica volta a sê-lo, hoje, por insistência de alguns leitores e amigos que resolveram gostar dela.

todas as contribuições para a reelaboração de Brecht, deixando apenas fazer o que por ele ficou escrito. Como é isso possível quando toda uma companhia participa, em colectivo, na realização de um espectáculo? Como é isso possível quando um espectáculo como a recente montagem de *Coriolano* de Shakespeare, na adaptação de Brecht, pressupõe um trabalho de investigação de 14 anos, uma montagem que durou quase dois e está constantemente a ser reelaborada? As provas foram dadas aquando da recente digressão do Berliner a Londres. O crítico do «Observer», Penelope Gilliat — e era do ser Shakespeare que se tratava — diz que o *Coriolano* do Berliner é nada menos que «o melhor que nós jamais vimos». E o crítico francês Bernard Dort afirma que «a melhor ilustração da maestria da prática brechtiana é ainda Helen Weigel que a dá interpretando «Volumnia» em *Coriolano*». Eu, pelo que vi cá e lá fora, compartilho a opinião de ambos e tenho sempre presente em mim esse verdadeiro espectáculo quando penso em teatro.

Será que Brecht foi ultrapassado por um teatro de crueldade? Que sentido terá um teatro que se serve da crueldade para o espectador que pelos jornais de actualidades cinematográficas tem conhecimento da guerra do Vietnam e da do Biafra e que sabe que existiu Auschwitz? E não será o uso de efeitos-choque, nesse género de teatro, uma maneira de fazer renascer a catarsis como sublimação, que acarreta a destruição da capacidade crítica do espectador, transformando este em entidade passiva? A ideia de Artaud, segundo a qual esse teatro podia talvez ser capaz de acabar com a guerra, não será um conceito só adaptável à ideologia burguesa do século XIX? Não serão as tentativas irracionalistas e utópicas de Artaud um meio de escapar às contradições da sociedade burguesa e não estarão elas relacionadas com a concepção freudiana do instinto fatal do homem como causa da guerra?

Será que Brecht foi ultrapassado por um teatro que introduz elementos místicos e irracionalistas e, que despreza o gesto social da personagem, obrigando o actor a concentrar-se no seu eu e extrair por meios psicodramáticos, ou pela droga, contribuições que ele poderia dar menos subjectivamente se observasse o quotidiano, para melhor o mostrar?

4

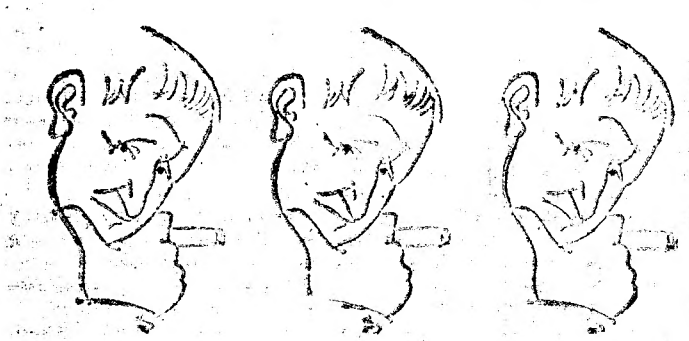
Sendo teatro de Brecht um teatro da amizade entre os homens, ou, mais correctamente, um teatro que nos mostra porque não é possível a amizade entre os homens, isto implica que nos diz respeito. O momento histórico em que as suas peças foram escritas não mudou tanto que seja preciso fazer adaptações para que as possamos compreender. Se para melhor esclarecimento das suas obras isso for necessário e possível, e, sobretudo, se a obra o suportar, porque não o fazer?

5

Se entendermos por «rigorosamente brechtiano» um teatro que não copia à letra os meios de que Brecht se serviu, para a concepção das suas peças, mas que o continua e critica, procurando torná-lo mais claro, penso que é difícil a sua realização a um nível profissional, isto porque tenho presente as realizações que nos são dadas ver cá: «pelo andar da carruagem»... A um nível amador ou universitário, penso que isso será mais viável em virtude dos jovens elementos não estarem viciados por métodos de representação caducos. Eu próprio, no ano passado, em um exercício colectivo de Teatro Moderno que orientei com estudantes na AEIST e que incluia uma cena de uma peça de Brecht, consegui, com elementos jovens e sobretudo inteligentes, um trabalho correcto e com êxito, mas mais que isso, extraordinàriamente polémico. Uns diziam que não era Brecht (eu não tinha copiado Brecht), os outros diziam que a minha encenação os tinha obrigado a pensar a peça, e, mais que isso, muito tinham aprendido com ela.

6

A representação de Brecht em Portugal seria um grande passo em frente para o nosso teatro. Dados os problemas envolvidos, escolher, para representar, esta ou aquela peça de Brecht é sempre muito difícil. Seria, talvez aconselhável começar pelas menos complexas e de mais fácil montagem. A um nível profissional, parece-me que seria a Companhia do Teatro Nacional, dada a sua natureza não comercial, as obrigações e sua dependência do Ministério da Educação, a mais indicada para primeiro se lançar em tal «aventura».



Armando Castro:

A história em revisão

Armando Castro: onze obras de investigação nos domínios da História e da Economia. A coroar esta actividade de 23 anos de publicações, um empreendimento de invulgar profundidade e da maior importância na historiografia portuguesa — «A Evolução Económica de Portugal» (secs. XII a XV).

Obra premiada pela S. P. E., elemento de base para o conhecimento da evolução socio-económica do nosso país, este estudo de larga projecção vem há anos a ser publicado pela Portugália Editora e dele acaba de sair o 8.º volume, ilustrado por um disco de 45 rotações sobre Música Medieval Galaico-Portuguesa.

A importância dos problemas e a diversidade de ângulos que Armando Castro põe em relevo nesta obra têm sido exaustivamente discutidas. Ao autor cabe agora a palavra. O «Suplemento DL» regista-o numa altura mais do que nunca oportuna.

Conforme já foi anunciado, no tomo oitavo de «A Evolução Económica de Portugal dos Séculos XII a XV» abordam-se com certa largueza aspectos sensivelmente diversos daqueles que são o centro da obra: como se explica esta aparente anomalia?

ARMANDO DE CASTRO — A maior parte do volume é dedicada ao exame de aspectos da vida medieval portuguesa tão distintos da actividade socio-económica como são a literatura, a música, a coreografia, o teatro, a arquitectura, a escultra, o nível dos conhecimentos de tipo paracientífico, as concepções filosóficas, éticas, políticas e jurídicas, registando-se ainda uma referência às principais expressões concretas das alienações predominantes.

Procurou-se atingir com isso um conjunto de objectivos. Um deles, de carácter muito geral, consiste em sublinhar que, a despeito de se efectuar um estudo socio-económico, amputar-se-ia o Homem se caíssemos na paleozóica concepção de um «economismo» estreito e cego, vincando-se dessa maneira que o papel das condições de existência material impostas aos homens pela luta pela subsistência não exclui, dentro de certos limites, a autonomia histórica do indivíduo.

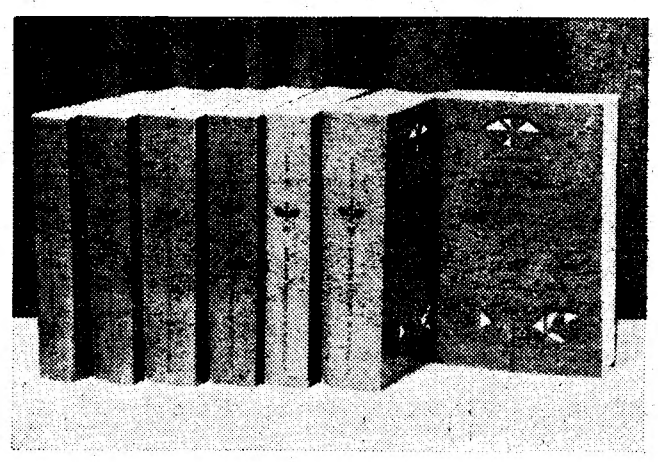
Em que medida se processa, nesta sua obra, um alargamento da construção científica?

A. C. — Toda a vasta esfera que o estudo representa, abrangendo as actividades emotiva, intelectual, ideológica e volitiva, ilustra um dos pontos fulcrais de toda a obra e de que este volume é uma parcela, pois se vindicamos pelo menos o esforço para realizar uma construção científica, não ignoramos também que sendo a ciência a reprodução da lógica interna da realidade, nem todo o real se consome nessa lógica interna!

Aliás, estamos firmemente convencidos de que a própria teorização socio-económica (seja histórica seja a respeitante aos dias que nós vivemos) justifica-se como arma cognoscitiva para a luta numa das frentes da grande pugna global contra a vida humana sem dignidade e por uma dignificação crescente do homem.

Porém, outros objectivos se procuram atingir com esse estudo, estendendo-se por mais de duas terças partes do volume oitavo.

Como as actividades estéticas, intelectuais e ideológicas não estão segregadas do meio social em que se desenvolvem, segue-se



que (sem negar a sua especificidade evidente) a estrutura económico-social se reflecte nelas até certo ponto. Isto permite-nos concluir que o seu conhecimento constitui um meio de aprofundar a captação das actividades económicas e sociais da colectividade medieval portuguesa.

o disco como ilustração da História

Qual o papel que atribui na História da Economia às representações artísticas e intelectuais?

A. C. — Como a vida intelectual e emocional do Homem é uma das suas maiores riquezas, sendo inseparável da sua condição, mas tendo no entanto características próprias e únicas que possuem inegàvelmente uma certa autonomia, é claro que por seu turno vão exercer uma influência real sobre determinados aspectos das condições de existência material, daí se tendo de inferir que a arte, as formas do conhecimento, as ideologias, as concepções éticas e outras concepções, como as políticas e as jurídicas, influem de certa maneira sobre os quadros económicos e sociais, segundo parâmetros que se revestem de particularismo de época para época.

Por fim — se mais razões não houvesse para justificar largamente o trabalho realizado ao longo deste oitavo volume de «A Evolução Económica de Portugal dos Séculos XII a XV» — semelhante estudo das actividades emocionais e intelectuais de índole histórica sob esta perspectiva da sua concatenação objectiva com o respectivo meio social traz mais uma contribuição a uma das teses básicas de toda a obra: a tese de que a existência de leis económicas e sociais não implica um mecanismo e um fatalismo históricos inexoráveis.

Julgo que estão aqui razões mais do que suficientes para explicar a análise a que é dedicada a maior parte do volume e que se procurou trazer da maneira mais viva possível até junto dos leitores, enriquecendo-se o texto com um número relativamente abundante de ilustrações (cerca de três dezenas) e fazendo-o ainda acompanhar de um disco de 45 r. p. m. contendo seis peças de música galaico-portuguesa do século XIII.

Seria injusto não consignar a respeito deste esforço de ilustração do trabalho quanto ele deve à iniciativa, à compreensão cultural e ao labor da Portugália Editora, através dos seus dirigentes e principais colaboradores, bem como, evidentemente, aos quatro artistas, dois dos quais portugueses, que interpretam as peças musicais, os quais colocaram o interesse cultural desta iniciativa inédita entre nós acima de estritos interesses materiais, já que se trata, segundo cremos, da primeira gravação em Portugal de música galaico-portuguesa do século de duzentos.

(Continua na pág. seguinte)

A EVOLUÇÃO ECONÓMICA DE PORTUGAL
dos séculos XII a XV
pelo
DR. ARMANDO CASTRO
Assinalando a publicação do
oitavo volume
a PORTUGÁLIA edita um disco raro, excelente sugestão para oferta de Natal:

MÚSICA MEDIEVAL GALAICO-PORTUGUESA
século XIII
(***Três Cantigas de Santa Maria***, *de Afonso X, o Sábio, rei de Leão* e ***Três Cantigas de Amigo***, *do trovador galaico-português Martim Codax*)

À VENDA NAS LIVRARIAS OU NA
PORTUGÁLIA EDITORA
Avenida da Liberdade, 13, 3.º — LISBOA

A história em revisão

(Continuação da pag anterior)

— A História, domínio do possível

Como é que na construção historiográfica em realização se harmonizam leis de movimento e de desenvolvimento históricos com a existência simultânea de uma capacidade de acção e de intervenção humanas?

A. C. — Essa interrogação vem de encontro àquilo que constituirá (na hipótese de o termos conseguido, como se espera) uma das principais finalidades teóricas da obra em publicação.

Procuramos mostrar, realmente, que a antinomia entre as leis de desenvolvimento social e a autonomia histórica do Homem é uma falsa antinomia.

É que realmente as leis históricas dizem o que é possível e o que é impossível, delimitando o campo da possibilidade de intervenção do homem num dado momento histórico. Ora o domínio deixado ao possível é imenso, sucedendo, além disso, que os homens, distribuídos por grupos, por classes, vão agindo sobre os factores que nas suas relações necessárias constituem o conteúdo das leis e é por isso que numa larga perspectiva dinâmica macro-temporal tenhamos de reconhecer que são os próprios indivíduos que vão transformando o impossível numa possibilidade.

Vencer as incompreensões ..

A. C. — Dentro desta linha, que define a aventura do Homem no tempo, é fácil de ver o imenso significado que terá a edificação de uma correcta teoria do comportamento gregário dos seres humanos, comportamento que hoje os define tanto como a sua condição biológica, visto serem os dois domínios, aliás interligados, que o singularizam dentro do reino animal. Nisso reside um dos principais estímulos ao longo sacrifício que representa a tentativa em que pessoalmente estou empenhado há muitos anos, naturalmente com a esperança de poder trazer qualquer achega positiva ao autodomínio epistemático da nossa própria condição, apesar das enormes dificuldades que é mister vencer, sem esquecer a incompreensão — e até a hostilidade — de alguns sectores (por vezes até de orientação díspares), que se recusam a aceitar à discussão crítica o próprio teor de tal contribuição.

Que importância atribui, na investigação, às relações casuais e aos condicionamentos emotivos?

A. C. — Uma importância real, naturalmente. Não ignoramos ser o homem que, pela sua acção sobre o meio ambiente, no processo de intercâmbio gregário (graças à divisão do trabalho e a outras características da sua vida conjunta) com as forças da Natureza, aproveitando-as e dominando-as se vai fazendo a si próprio na feliz expressão de de Gordon. Também sabemos que nem tudo é teorizável porque aqui, como aliás em qualquer esfera da vida natural, há fenómenos e as relações casuais a que se refere e que são irredutíveis ao conhecimento científico. E de modo algum podemos minimizar a vastíssima esfera da consciência, da sensibilidade, da emotividade e da vida volitiva, pugnando pela sua libertação crescente dos condicionalismos sócio-económicos à sua expansão, o que é uma razão bastante só por si para tentar dominar, no plano teórico e prático, as condições de existência económico-social em proveito do Homem. Da mesma forma não podemos desprezar o próprio papel que a consciência colectiva histórica (isto é, em cada época de desenvolvimento de uma sociedade) cumpre nas condições de existência económica, seu afeiçoamento e sua modificação. É por fim impossível pôr de lado a acção decisiva do homem sobre o meio material colectivo em condições de crise histórica suscitada pela própria transformação através da eclosão de um processo temporal dominado pela evolução das leis históricas que o comandam.

Uma dedicação serena

A. C. — Em face disto, qualquer contribuição, por mais modesta que seja, à reestruturação do nosso autodomínio teórico encarado ao longo do tempo, assume uma importância difícil de exagerar. Quando se compreende isto, não é possível furtar-nos às nossas responsabilidades tanto em face de uma dada conjuntura histórica como em face de toda a nossa história ao serviço do presente e contribuindo para moldar o futuro.

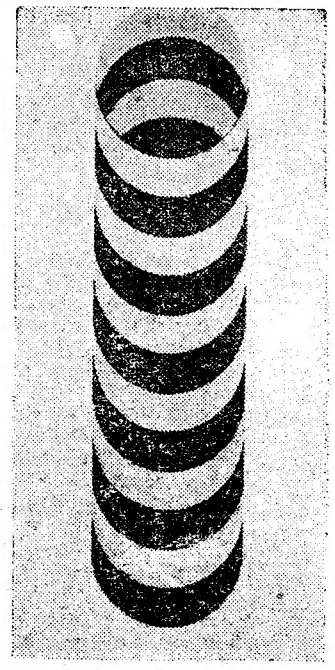
Por tudo pois, como não falar com um entusiasmo guiado por uma preocupação de rigor epistemático e metódico que tira a sua força da própria razão de ser desse entusiasmo? Nisso reside também a capacidade de uma serena dedicação ao estudo e ao trabalho, procurando-se vencer desacatos, incompreensões e hostilidades mal disfarçadas.

ARMANDO CASTRO

«As areias movediças»

Um belo romance, vivo, arejado, subtil e nítido. Um romance que, afinal, os contos de «Um Mundo Paralelo» já deixaram antever. O talento de Clara d'Ovar afirma-se agora dimensionado e seguro, com uma escrita pessoal, de qualidade.

Do prefácio que Urbano Tavares Rodrigues escreveu para as «Areias Movediças» transcrevemos: «Qual será o segredo das narrações de Clara d'Ovar? A invulgar aliança de verdade e delicadeza (mas de uma delicadeza que nunca significa sentimentalismo ou falso pudor)? A arte de um diálogo que parece sempre espontâneo, fluído, e que concilia por vezes o humor aéreo, ou uma alegria levemente doirada e em suspensão, com as sombras da melancolia, não do patético? Ou a fundura de certas intuições, que são afinal o código, a chave, da sua fascinante simplicidade?»



Pintura de Jorge Pinheiro

«Os quatro vintes»

(Continuação da 3.ª página)

sa realizou na época passada na mesma galeria lisboeta que já referimos. A pintura de Ângelo realizava-se em pequenos quadros com papéis coloridos minuciosamente colados, segundo esquemas inteiramente abstractos e francamente pictóricos. Havia algo de escolar em todas aquelas pequenas telas onde por vezes o fantasma de Klee pairava. Nas esculturas contudo afirmava-se uma consciência de modernidade e uma lucidez na criação que só não se expandia em plenitude devido às limitações do reduzido formato a que o escultor se submetera nessas peças.

Utilizando o acrílico ou a chapa de metal essas obras podiam colocar-se no chão, sem qualquer necessidade de suporte e possibilitando um certo número de variações morfológicas dependentes da intervenção do utente. Algumas delas de novo nos foi dado ver na Alvarez, confirmando uma inteligência realmente inventiva mas frustrada pelos condicionalismos a que o artista é obrigado a sujeitar-se em relação a dimensões e materiais utilizados. A sua mais recente criação orienta-se porém noutros sentidos. Com fitas metálicas constrói peças que possibilitem a intervenção do espectador, ampliando características aleatórias que as suas pequenas esculturas possuiam. Em Ângelo de Sousa uma estética da *obra aberta* (aquela que permite um número bastante elevado de variantes dentro duma mesma estrutura, constantemente refazendo-se) é assumida lùcidamente como uma posição intelectual. Neste sentido parece-nos não se encontrar muito acompanhado na cena artística portuguesa.

Armando Alves tem-se atardado numa pintura de tipo *matérico*, sem grandes ambições inventivas, amadurecendo um «fazer» que melhores frutos daria numa profissão de gráficos que é a sua. Mas de repente Armando Alves surge-nos muito diferente, abandonando a pintura por uma escultura pintada, da qual melhor será falar também de objectos. São grandes peças escultóricas que se penduram nas paredes, de uma enorme exigência de rigor no desenho e na feitura; mas as cores, sempre intensas e claras, desempenham igualmente uma função importante no seu definir-se. Não é sem alguma surpresa e um certo salto inesperado por parte de um pintor que até aqui se revelara de lenta gestação. Esperemos que preocupações exageradas de «saber-fazer» não tolham ao artista os mais difíceis e necessários voos da imaginação.

NA COOPERATIVA ARVORE

Pudemos ver aqui o mais significativo da obra recente destes artistas, que é o caso dalgumas esculturas de José Rodrigues que não puderam ir a Lisboa e que são do melhor que ele tem realizado. Tal como as que víramos na Buchholz, são grandes peças de chapa metálica pintada recortando-se em formas de um certo sabor «barroco». Estendem-se pelo solo, algumas vezes erguem-se como portas abertas no vazio. Pintadas geralmente em vermelhos de timbre forte, os valores de *imagem* que nos propõem geram-se em íntima concordância com valores eminentemente espaciais. Estamos perante uma arte que recusa totalmente o «ronde-bosse» em que a escultura tradicional se definia como volume. As imagens propostas formam-se portanto nas duas dimensões em que os objectos de Rodrigues logo de início se pretendem, desde que o material escolhido é a chapa de metal. Esta pesquisa, realizada na escultura simultâneamente, tem lugar nos desenhos (ou colagens) do autor, os quais se nos apresentam como uma síntese verdadeiramente notável de rigor e liberdade criativa. Formas recortadas em cartolina, coladas sobre o suporte de papel, afirmam esse mesmo espírito manifestamente «barroco» a que aludimos. Certos valores do desenho simulam um espaço convencional, iludindo-o contudo através de falsas perspectivas e de falsos volumes.

Jorge Pinheiro mostra-nos alguns dos objectos que víramos na Buchholz na temporada finda. São grandes peças que prolongam uma experiência muito viva da pintura, construídos num rigor construtivista que confere a cada peça uma unidade sólida. Estas formas rigorosas que poderiam ter sido pintadas numa tela libertaram-se totalmente dos limites que o *quadro* impõe e podem por isso viver num outro espaço, como se fossem esculturas. Por vezes um jogo cromático simula um volume que de todo em todo é falso: esta pintura joga-se de facto nas duas dimensões.

Perto dele pelo espírito, Armando Alves apresenta mais esculturas pintadas da sua última produção, de modo semelhante se lançando na aventura duma estética do objecto.

Ângelo de Sousa tem aqui as suas melhores peças. Como dissemos, as suas obras mais recentes constroem-se com fitas metálicas que se movem pela intervenção do utente. O movimento é essencial na definição da obra, assim como o som provocado pelo movimento de certos elementos.

Finalizando, não podemos deixar de lastimar que a imprensa do Norte não tivesse dispensado uma maior atenção a estas duas exposições, mais ocupada decerto com manifestações absolutamente insignificantes na vida social da cidade. Não nos admiremos então se o público portuense não corresponder, como seria desejável, ao que foi, sem dúvida, um dos acontecimentos mais significativos na vida artística do Porto.

As deusas, os guardas e as vítimas

(Continuação da 8.ª página)

do cantado, tudo dançado) provocou modificações decisivas em coreografias ousadas, na liberdade de vestuário, em atitudes frívolas. A vida era festa. Os anos 30 confirmaram a escalada. As mulheres usavam peles sumptuosas, decotes estonteantes e cruzavam as pernas, mostrando meias de rede até ali só reservadas às coristas. Os homens habitavam um universo de apartamentos de estilo arrogante e de escritórios de magnates, deslizavam em descapotáveis europeus e faziam misteriosos telefonemas de negócios.

Quando se verificou uma reacção contra o hedonismo ele deve-se não tanto à intervenção dos censores mas sim ao puritanismo ideológico: o *New Deal* despontava no horizonte... A guerra de 39-45, porém, provocou o regresso em massa da «pin-up». Jane Russel está para os anos quarenta, com a sua agressividade voluptuosa em *The Outlaw*, como Jean Harlow estava para os 30 e Clara Bow para os 20. O conformismo da época Eisenhower fez reinar uma certa moderação, apesar do aparecimento de estrelas como Kim Novak. Ao aproximarmo-nos do final da década de 60, verifica-se que, nos E. U., pràticamente são apenas os filmes do *underground* que esbarram com as tesouras dos censores. O que talvez prove que a produção clássica resvala cada vez mais para um convencionalismo em que «as audácias» só servem para confirmar um tom geral de renúncia ao erotismo.

Werk também se debruça, antes de retratar magnificamente dois exemplos antagónicos da «vitima» masculina — Mastroiani e Rock Hudson, sobre os mecanismos, complexos da censura britânica: um filme pode ser permitido em Londres e proibido na Província.

Claro que ainda haveria mais casos a tratar mas isso seria outro livro...

SUGESTÕES PARA PRENDAS DE NATAL

Dentre as suas edições, a **ASTER** apresenta um conjunto de obras de especial interesse cultural:

FILOSOFIA

DO CONHECIMENTO HISTÓRICO, H. I. Marrou	70$00
HISTÓRIA DA FILOSOFIA, J. Hirschberger	
I — NA ANTIGUIDADE	145$00
II — NA IDADE MÉDIA	100$00
III — CONTEMPORÂNEA	140$00
INICIAÇÃO METAFÍSICA, Bruno de Solages	150$00
LÓGICA SIMBÓLICA, L. Hegenberg	120$00
DICIONÁRIO DE FILOSOFIA, Walter Brugger	250$00
A FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA OCIDENTAL, I. M. Bochenski	100$00
INTRODUÇÃO À FILOSOFIA DA CIÊNCIA, L. Hegenberg	75$00
PAIDEIA, Werner Jaeger	300$00

SOCIOLOGIA

ENSAIO SOBRE AS LIBERDADES, Raymond Aron	40$00
PRINCÍPIOS DE SOCIOLOGIA, A. McClung Lee	130$00
CÓDIGO DE MORAL DO SERVIÇO SOCIAL, V. Heylen	45$00
A MULHER E O SEU DESTINO, Eva Firkel	80$00

URSS — COMUNISMO

URSS — 50 ANOS DE COMUNISMO, René Dabernat	70$00
MEMÓRIAS DUM COMUNISTA, Osvaldo Peralva	40$00
PASSAPORTE PARA A SIBÉRIA, Marcel Giuglaris	30$00
FUGI DA SIBÉRIA, Slavomir Rawicz	30$00
17 ANOS EM CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO SOVIÉTICOS, Andrée Sentaurens	50$00
A GRANDE MURALHA, Aylton Quintiliano	25$00

HISTÓRIA

A REVOLUÇÃO PORTUGUESA, Jesus Pabón. 1.º Prémio Camões	90$00
HISTÓRIA DA CIÊNCIA, Pierre Rousseau	120$00
HISTÓRIA DA II GUERRA MUNDIAL, André Latreille	90$00
MONSIEUR DE BUONAPARTE, Georges-Roux	80$00
A HISTÓRIA ARRANCADA À TERRA, Henri-Paul Eydoux	100$00
OS TRÊS PRIMEIROS MILÉNIOS DA HISTÓRIA, G. B. Falls	60$00
VIDA DE CRISTO, G. Ricciotti	150$00
PEDRO ÁLVARES CABRAL, Metzner Leone	100$00
DO CONHECIMENTO HISTÓRICO, H.-I. Marrou	70$00

HISTÓRIA DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

HISTÓRIA DA II GUERRA MUNDIAL, André Latreille	90$00
HITLER, Pierre e Rennée Gosset — 2 vols.	165$00
GOEBBELS, Roger Manvell e Heinrich Fraenkel	60$00
MEMÓRIAS DE ROMMEL, Marechal Rommel	80$00
CREPÚSCULO DE UM GÉNIO, Jurgen Thorwald	40$00
O HOMEM QUE SALVOU LONDRES, George Martelli	30$00
DOSSIER DO NACIONAL-SOCIALISMO, Walther Hofer	80$00
ROMMEL NO DIA D. Friedrich Ruge	60$00
CHURCHILL, Edgar Black	30$00

OBRAS DE SAINT — EXUPERY

PILOTO DE GUERRA, Tradução de Ruy Belo	40$00
O PRINCIPEZINHO, Tradução de Alice Gomes	40$00
CIDADELA, Tradução de Ruy Belo	100$00
UM SENTIDO PARA A VIDA, Tradução de Ruy Belo	40$00

LITERATURA

LINGUAGEM E ESTILO DE EÇA DE QUEIROZ, Ernesto Guerra da Cal	80$00
SOBRE A EDUCAÇÃO ESTÉTICA, Schiller	30$00
TEORIA DA TRAGÉDIA, Schiller	30$00
HISTÓRIA DA LITERATURA ALEMÃ, Bruno Boesch	170$00
A HERANÇA DO PRÍNCIPE BOÉMIO, Maria Lucília Bonacho	35$00
O ANIMAL QUARTENÁRIO, Renée Massip. Prémio Interaliado	25$00
CARTAS DE VAN GOGH	120$00

À VENDA NAS LIVRARIAS

E **EDITORIAL ASTER**

LISBOA — **Largo D. Estefânia, 8-1.º E.** — **Telefones 53 46 11-53 29 73**

PORTO — **P. Guilherme Gomes Fernandes, 24-2.º E.** — **Telefone 34415**

Diálogo com Gaspar Simões

(Continuação da 8.ª página)

utilização das várias linguagens científicas (psicanálise, marxismo, etnologia, etc.) e dos diversos conceitos que a filosofia põe em circulação (fenomenologia, existencialismo, estruturalismo, etc.).

Supõe o crítico tradicional que mantendo-se mais perto do bom-senso (que é ainda, para Régio, a pedra de toque!), e recusando a utensilagem científica (para não desumanizar...), a sua análise é mais compreensiva e mais concreta, é mais ajustada à natureza íntima do fenómeno literário, é mais pura. Ora o que sucede é que a «nova crítica», a tal que acusam de desfazer a literatura nos torniquetes da técnica é muito mais concreta, muito mais aderente ao texto do que a crítica tradicional. Exemplos, para quê?

VEJAMOS agora a intuição. Um crítico do século XIX, sem a ajuda de técnicas, teve intuições excelentes. Óptimo. Mas quem nos diz que elas estão certas? Ou as análises das obras em causa, que até certo ponto comprovam a justeza de tais juízos (mas só *até certo ponto*). Ou as nossas intuições de hoje.

Como resolver a questão? Num texto reunido no volume *Literatura, Literatura, Literatura...* escrevia João Gaspar Simões: «Apregoa-se e aceita-se que o tempo, em literatura, é que tem a última palavra. Ao pé do juízo do tempo, o juízo da crítica é como uma inscrição gravada na areia. O crítico erra, o tempo não». Contudo, mais adiante, diz-nos que o juízo do tempo é formulado por aqueles mesmos que proferem os juízos da crítica. E sublinha: «Quantos dos autores que o nosso tempo considera seus mestres, amanhã, escritores do passado, alterados que sejam os pontos de vista e as concepções em que assentam o nosso gosto e o nosso juízo literário, não serão postos de parte!» O que está certo.

Mas nem por isso desiste Gaspar Simões do «juizo do tempo». Porque os valores literários têm de permanecer. E portanto: «Através desses valores literários, inapreciáveis aos olhos do *common reader*, é que os eruditos, os estudiosos, a crítica, numa palavra, o «tempo», em suma, garantem a perpetuidade das grandes obras literárias do passado». E Gaspar Simões recorre por fim à eternidade da Beleza: o juízo do tempo faz-se «à medida que se vai acentuando a separação entre a actualidade da obra e a realidade histórica, através do que nessas obras subsiste ligado a um conceito de Beleza, identificação do que a Beleza é nos seus atributos acidentais com o que ela é nos seus atributos permanentes ou essenciais».

Ora bem: não só a consagração dos eruditos corresponde à arrumação de obras empalhadas num triste museu de Cultura, como o uso de um conceito de Beleza intemporal não resiste à mais leve crítica. Não!, a beleza é histórica, como a cada passo a psicologia e a sociologia nos ensinam.

Deste modo, o que pode confirmar o crítico do século XIX é apenas o «juízo do tempo». Mas o «juízo do tempo» é uma ilusão. O que poderemos aceitar é que existe um critério de validade das obras de arte, que é aquele que se fundamenta num processo permanente de leitura e releitura, que sempre retoma a obra para nela integrar a totalidade dos seus elementos, em relações de progressiva inteligibilidade, e que vai construindo em espiral uma verdade da obra, uma verdade que se ergue no trabalho convergente de uma criação sempre em aberto e de uma crítica que sempre se situa no limite vacilante onde tal abertura se fecha para aí se reabrir — *uma verdade interminável* onde crítico e criador se conjugam no movimento de uma só linguagem. Esse é a única verdade possível de uma obra de arte. Não se pode supor que o «juízo do tempo» diz a ultima palavra. Em arte, *não existe a última palavra*. Cada palavra exige a palavra que lhe segue, para nela se completar e logo se reacender.

Por isso nos parece irrefutável a afirmação de Eduardo Lourenço: «O mundo da Literatura é um mundo intrinsecamente mortal, por ser um mundo que vive onde o juízo final é em permanência o juízo do mais antigo passado pelo presente e do presente pelo passado». Daí a frágil existência do que chamamos literatura, daí a sua iniludível *tragicidade*. Ora, continua Eduardo Lourenço, «toda a Teoria crítica (e a prática subsequente) que não comporte como dado essencial a consciência do carácter *trágico* do projecto crítico — por sua vez, eco do trágico substancial da Literatura — é uma alucinação inconsciente do entendimento ou uma mistificação culturalista sem inocência».

VOLTEMOS então ao ponto de partida. A uma intuição apenas se pode opor outra intuição. E nenhum tempo-feito-juiz poderá decidir o que se joga neste irredutível confronto.

Por outro lado, se a intuição tem de ser demonstrada (isto é, *suprimida*) por um discurso crítico (embora, como vimos, não haja demonstrações *definitivas*), esse discurso crítico só poderá ganhar com o conhecimento das técnicas literárias e dos conceitos científicos ou filosóficos que se revelem fecundos. Tais processos não podem estiolar uma intuição *que sem eles nada vale*; pelo contrário, são o seu fundamento.

Vimos ainda que a verdade da obra é uma construção sempre em suspenso, que implica uma participação íntima entre o criador e crítico. E por isso é que a crítica é «apenas um momento de um movimento geral da linguagem», no dizer de Jean Tortel. E se, como Genette pretende, o escritor não é aquele que pensa *com* a sua linguagem, mas aquele *onde* a linguagem o pensa e a si mesma se pensa, então o «crítico só será plenamente crítico se entrar no que iremos chamar a vertigem, ou se preferem, o jogo, cativante e mortal, da escrita».

A «nova crítica» utiliza a ciência, sim, mas os seus horizontes são de *vertigem e tragicidade*. Ela não consegue ver a obra como *realidade* objectiva a catalogar nos quadros poeirentos da Cultura. Ela não pode conceber a crítica como uma escolha serena e soberana entre trigo e o joio. Ela sabe que o seu juízo de valor é instável e que a grande obra é aquela que *desloca* todo o sistema de valores com que a poderíamos julgar e nos aproxima do abismo onde o não-valor se transforma em fascinação.

Alguns iludem esta realidade trágica recorrendo à positividade erudita ou à microscopia estilística. Outros preferem a tranquilidade de uma intuição que se julga apoiada num «juízo do tempo». Faces de uma só medalha, *embora por estranha ironia se combatam*, na verdade, tanto a uma como a outra forma de crítica é a própria literatura que se esquiva.

Elas julgam que a literatura é possível. E a literatura, essa, em cada instante se joga na sua impossibilidade que obra alguma cicatriza. O trágico deste projecto nada tem contudo que ver com a «afectividade», a «humanidade», a «transbordância de vida» que Gaspar Simões opõe à arte «intelectualizada» do nosso tempo. Se a arte se «intelectualiza» (para utilizar categorias psicológicas que nada aqui entendem e nada aqui explicam), é porque ela descobre que é pelo aprofundamento da linguagem que habita o escritor que sua verdade se forja, e que nesse esforço de aprofundamento o crítico também participa, embora partindo de um ponto oposto — e participa na medida em que ambos visam o que na linguagem é a sua pureza de origem e o que nesse ponto informulado e informulável se diz da utopia que modela o homem.

EDUARDO PRADO COELHO

Eduardo Prado Coelho

Diálogo com Gaspar Simões

SE todos nós somos movidos pelo desejo de dialogar, sobretudo quando se nos afigura que as circunstancias do tempo a tal convidam, na verdade raras vezes o diálogo explode com aquela alegria solar que deveria ser o seu emblema. Acautelemo-nos, contudo, das interpretações apressadas. Em primeiro lugar, o diálogo não pode servir para mascarar uma situação radicalmente conflituosa. Em segundo lugar, o diálogo exige condições mínimas de entendimento e uma linguagem aproximada. Fora disso, transforma-se num exercício inútil.

O verdadeiro diálogo é aquele que se mantém no plano das ideias e da reflexão sem nunca resvalar no ataque pessoal. Isto é, aquele que se desenrole entre X e Y, àcerca dos quais nada sabemos. Mas poucas vezes assim acontece: vale a pena registar tal acontecimento.

Existindo há largo tempo uma discussão acesa entre os representantes duma concepção tradicional da crítica (de Régio ou Gaspar Simões a Manuel de Sousa Lobo) e os defensores duma nova concepção de crítica (de Palla e Carmo ou David Mourão-Ferreira a Gastão Cruz), essa discussão tem-se desenrolado em termos obliquos, onde por vezes a alusão velada substitui a indicação franca das pessoas e das coisas. Todos nós temos caído neste erro. É tempo de colocar os problemas com a clareza e decisão que eles exigem de nós. Será esta uma discussão essencial? Talvez não. Há outros problemas que neste momento me preocupam muito mais. Será esta uma discussão original? Ainda menos. Quantos a não têm feito já por esse mundo fora. E contudo ela pode-nos ser util se for permitindo um melhor esclarecimento de nós próprios, das nossas posições e das nossas dificuldades, dos nossos valor e ideais.

EM resposta a algumas observações que em artigo anterior eu lhe dirigira, publicou João Gaspar Simões um texto que intitulou «Baudelaire, a criação e a crítica». (Supl. «DL» 541, de 12-12-68). Pondo de lado um pequeno aspecto (acentuar a juventude do «adversário» é a doença *infantil* do polemista...), a resposta de Gaspar Simões, enunciada com exemplar serenidade, dá-nos oportunidade de desenvolver algumas ideias que nem sempre aparecem com a adequada nitidez.

Que nos diz Garpar Simões no essencial? Diz-nos o seguinte:

— que o conhecimento das técnicas literárias pode levar o «jovem crítico» a fingir uma competência que não tem;

(pergunta-se: e a intuição não poderá levar o crítico a simular uma competência que também não tem?;

— que Baudelaire teve grandes intuições críticas numa época em que ainda se não falava em técnicas literárias ou artísticas no domínio da crítica;

(além de algumas questões marginais, convêm notar, por exemplo, que não é esta a opinião de André Fermigier no artigo que dedicou ao mesmo tema que serviu de ponto de partida á resposta de G. S.: ver «Les épines de la critique», in *Le Nouvel Observateur*, n.º 212);

— aqueles que vêem mais fundo e sentem mais intensamente a obra de arte são os mais relutantes á disciplina científica;

— é legítimo que um poeta se torne crítico, mas é absurdo que um crítico se torne poeta;

— a monstruosidade da nossa época resulta de os críticos pretenderem tornar-se poetas, e de que «a poesia para eles, mais não é do que o estádio final do trabalho crítico»

— «e daí a natureza artificial, intelectual formal da poesia que mais se escreve hoje»;

— muitas vezes «a ciência adquirida estiola o gosto e a intuição».

Torna-se difícil discutir exaustivamente estas várias teses, na medida em que seria necessário pôr em causa os seus pressupostos. Mas tentemos apontar os *lugares* onde as divergências se acentuam.

A «nova crítica» (designação predominantemente *negativa*, que indica mais aquilo que se recusa do que aquilo que se aceita) é *científica*? Não o creio. Gérard Genette, um dos seus representantes mais seguros, afirmou no colóquio de Cerisy-la-Salle que «a Nova Crítica nunca pretendeu ser uma ciência» (*Les Chemins actuels de la critique*, p. 256). Por seu turno, Tzvetan Todorov, ainda no ultimo numero da revista *Tel Quel*, referindo-se aos formalistas russos escrevia: «a ideia de ciência literária não era clara nos formalistas: não parece que eles se tenham libertado da ilusão duma ciência das *obras* literárias».

E, por fim, Roland Barthes (esse Barthes que escreveu páginas decisivas sobre a clareza, páginas que deveriam fazer reflectir os incondicionais adeptos de uma certa «inteligibilidade»...), na sua *Critique et Vérité*, afirmou sem hesitações: «Se é verdade que a obra detém por estrutura um sentido multiplo, ela deve dar lugar a dois discursos diferentes: pode-se por um lado visar nela todos os sentidos que ela cobre, ou, o que é o mesmo, o sentido vazio, que os suporta a todos; e pode-se por outro lado visar um só desses sentidos. Estes dois discursos não devem ser confundidos, porque eles não têm nem o mesmo objecto, nem as mesmas sanções. Pode-se propor chamar *ciência da literatura* (ou da escrita) ao discurso em geral cujo objecto não é este ou aquele sentido, mas a própria pluralidade dos sentidos da obra, e *crítica literária* a este outro discurso que assume abertamente, á sua custa, a intenção de dar um sentido particular á obra» (p. 56).

Creio que isto é mais do que suficiente para desfazer o equívoco. Exceptuando alguns estudos estilísticos, estatísticos ou eruditos, de valor indiscutível, mas circunscrito, *a crítica não pretende nunca ser científica* — ao contrário do que Gaspar Simões incessantemente repete.

Mas isto não significa que a crítica não use instrumentos científicos e linguagens filosóficas. Por muito que alguns suponham que se trate de «intelectualização» na verdade não é nada disso. O discurso crítico tradicional partia de um conhecimento da «história da literatura» (numa perspectiva linear) e de uma «psicologia empírica» para estabelecer uma rede ingénua de influências e uma análise que julgava especificamente literária. A «nova crítica» exige um conhecimento profundo dos mecanismos da linguagem (linguística) a par de uma

(Continua na 7.ª página)

Eva Renzi: ou o erotismo vigiado

As deusas, os guardas e as vítimas

por José Vaz Pereira

ANTERIORMENTE chamado *The Celluloid Sacrifice*, o ensaio de Alexander Werk é agora publicado em livro de bolso sob o nome de *Sex in The Movies*. Werk trabalhou na B. B. C., em organizações internacionais e dedicou-se ao jornalismo e à crítica de cinema.

Esta última experiência permitiu-lhe, na obra indicada, embora sem qualquer ideia de sistematização, analisar e reconstituir as trajectórias das «deusas e dos deuses» que povoaram a cinema desde Theda Bara a Mastroiani e a lenta erosão dos «dragões» que, de código na mão defendiam a cidadela respeitável da indústria cinematográfica das investidas crescentes dum realismo sem tapumes. Seria, aliás, difícil se não impossível catalogar e definir o que tem sido a explosão erótica na 7.ª arte e acompanhar todos os intérpretes, todos os directores, todos os produtores que desafiaram as regras estabelecidas e que criaram uma nova maneira de olhar as coisas, de pronunciar as palavras, de libertar o corpo.

Nem Werk pretende isso. Preocupa-se, na 1.ª parte do livro, em reconstituir o retrato psicológico e o impacto sensual das grandes «vamps» (chamou a esses capítulos *The Goddesses)*. Na segunda assinalou a gradual retirada dos censores tipo código Hays mas documentou igualmente o aparecimento de novas formas de censura menos mutiladoras mas mais subtis *(The Guardians)*. Por fim, veio em socorro do sexo forte longamente oprimido pela hegemonia feminina nos «écrans» *(The Victims)*.

O conhecimento profundo que Werk revela da história do cinema, a pormenorização e a riqueza de sequência que cita nos filmes dissecados colocam-no perfeitamente à vontade para demonstrar, numa avalanche de exemplos, que Louise Brooks ou Marilyn Monroe possuiam uma alta voltagem de erotismo, que Jean Harlow inaugurou a era das *call-girls* de grande coração, que Marlene demoliu a moralidade hipócrita de professores senis, etc., etc. Mas também não se esquece de nos avisar que, muitas vezes, as «deusas» foram também vítimas: instrumentos da complexa máquina financeira que domina os estúdios eram mercadoria de grande consumo com o inevitável desfibramento humano que tal operação implica.

Por outro lado, *Sex in the Movies* mostra-nos os movimentos tácticos de organizações como a Legião da Decência, a Motion Picture Association e outras forças ou grupos de pressão similares. Desde a vontade inicial de estabelecerem «uma ditadura da virtude», os «guardas» evolucionaram, mais tarde, para um certo liberalismo sofisticado, mundano e comercialmente oportunista. A isso não é estranho nos E. U., o facto de as entidades produtoras estarem associadas à censura. Hays, que deu o nome ao celebérrimo código, encabeçava uma lista de sócios-fundadores da Motion Picture Producers and Distributors of America que se propunha policiar a moral da indústria. Na lista ressoavam nomes como Samuel Goldwyn, Adolph Zukor, William Fox e Lewis Seiznick. A preocupação desses cavalheiros não derivava apenas do zelo victoriano na denúncia dos escândalos, saias curtas, alcoolismo e más maneiras mas também da necessidade de antecipadamente, proteger filmes de eventuais ataques de grupos religiosos, protestantes ou católicos, que significariam impossibilidade de exibir uma produção custosa nos circuitos de distribuição de muitas cidades da província, o que comprometeria a sua rentabilidade.

Marilyn Monroe: alta voltagem

Um dos primeiros franco-atiradores contra a rigidez de Hays e dos seus acólitos foi — quem havia de dizer! — Cecil B. de Mille. Tal como escreveram Richard Griffth e Arthur Mayer «De Mille preparou... uma série de filmes em que criou um mundo povoado por gente encantadora que fazia sempre coisas perigosas, amorais e até loucas mas sempre excitantes, num ambiente de luxo». O banho lento e refinado da «vamp» que subsistiu até aos nossos dias e invadiu a própria publicidade da TV filia-se entre uma das muitas criações de De Mille no domínio do erotismo tolerado. De quartos de banho imensos, «como só havia no cinema», com baterias de águas-de-colónia, perfumes e sais, com montanhas e montanhas de espuma, espelhos e decorações delirantes, com a deusa ritualizando todos os movimentos dentro da banheira com a majestade sensual duma rainha na intimidade, De Mille saltou para camas gigantescas, absurdas, barrocas que faziam bater o coração das dactilógrafas sempre que a heroína acordava nesse *décor* fabuloso.

Mas a ditadura do Código não iria demorar muito tempo. Com a Depressão e a era do jazz, com as novelas de Scott Fitzgerald e a estridência dos *cocktail-parties* veio um ataque frontal que desconhecia as manobras ardilosas dum De Mille. A revolução que se seguiu à introdução do sonoro e a epidemia torrencial dos filmes musicais *(all talking, all singing, all dancing*, tudo falado, tu-

(Continua na 7.ª página)